

Março, 2009
IV Série
Nº 14
Trimestral

MACAU

Revista

Etiqueta chinesa o que fazer e não fazer

GRAÇA MACHEL

O perfil de uma “Mamã” moçambicana

SILVEIRA MACHADO

Oito décadas de tertúlia

PIERRE-FRANÇOIS MÉTAYER

O “panguião” francês

ISSN 0871-004X



9 770871 004001

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

Editor

Luís Ortel

Coordenadora Editorial

Joyce Pina

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboraram nesta edição

Ana Cristina Alves, António Mil-Homens (fotografia),
Augusto Vilela, Isabel Castro, João Guedes, José Simões
Morais, Maria João Belchior, Mariana Palavra, Rui Rasquinho
(ilustração) e Susana Rodrigues (fotografia).

Ilustração da capa: baseada num desenho de Rui Rasquinho,
que é reproduzido na íntegra nas páginas interiores

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E

Edif. Centro Comercial "First International"

14º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00
■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1.602.00 ■ MACAU: MOP 30.00
■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50
■ S.TOMÉ e PRÍNCIPE: STD 56,400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00
■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00

Revista
MACAU

Um tema em destaque nesta edição é o da etiqueta chinesa. Os ocidentais residentes na China, ou os que aqui se deslocam com frequência para relações de negócio ou de outra natureza, não escondem alguma perplexidade perante códigos comportamentais tão diferentes dos seus países de origem. Daí a existência de uma grande curiosidade em relação a este assunto, num compreensível esforço para que não sejam cometidos erros no relacionamento entre pessoas provenientes de culturas diferentes.

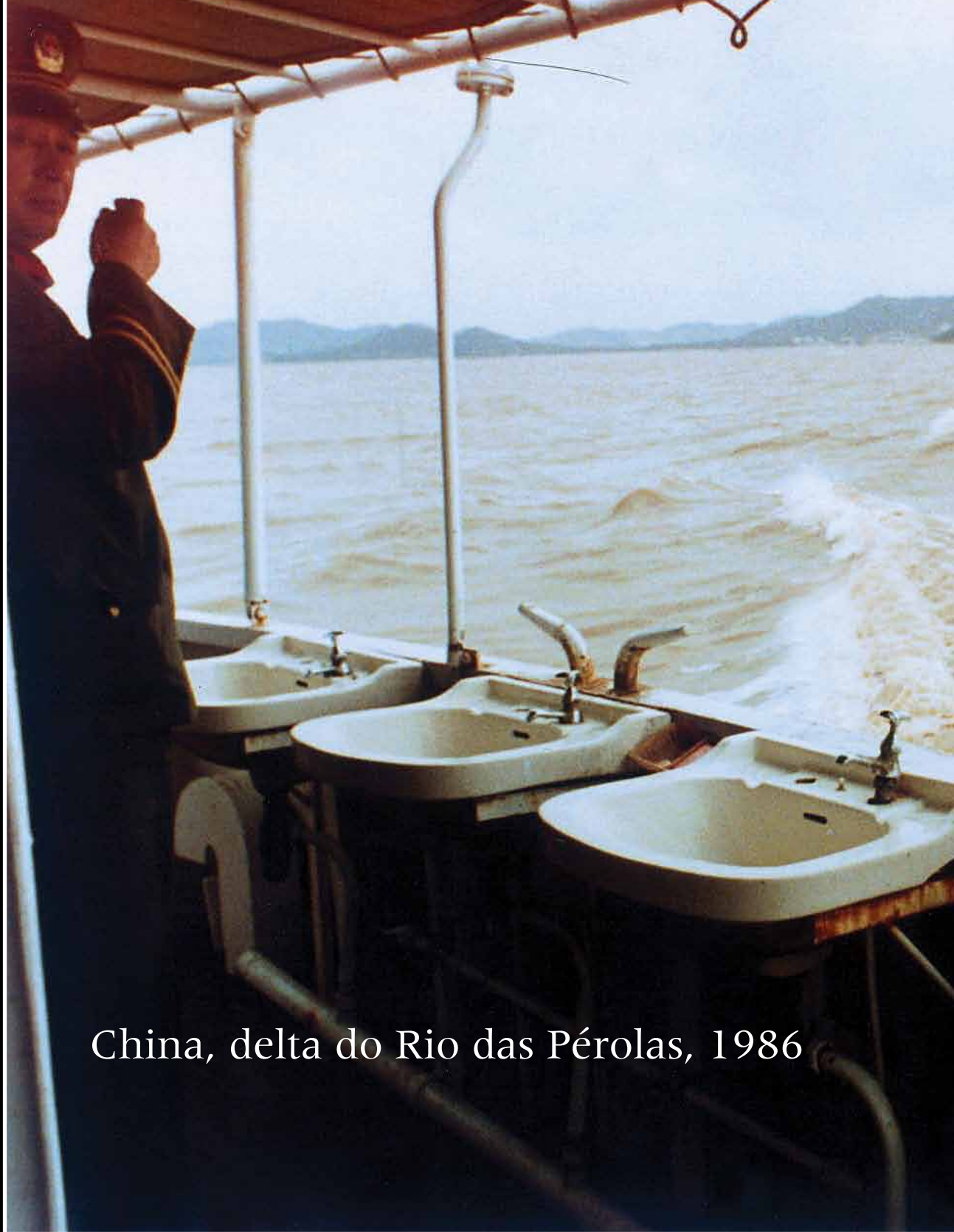
A formalidade dos comportamentos é um sinal de que aceitamos os códigos da sociedade em que pretendemos ser aceites, ao mesmo tempo que comunicamos a mensagem de que os nossos comportamentos não são guiados pelo puro instinto mas sim adequadamente disciplinados ou, por outras palavras, civilizados.

O conjunto de artigos que publicamos sobre o tema preserva a multiplicidade de facetas da questão. Desde o dever-ser na sua mais pura formulação teórica, como se pode ler nos livros clássicos referidos no trabalho da investigadora Ana Cristina Alves, até à etiqueta ao vivo, tal como ela é encontrada na China de hoje. Mesmo neste último aspecto há uma diversidade de pontos de vista, desde os que encaram com inflexibilidade as regras tradicionais até os que entendem que mesmo o que parece ser um desvio em relação à formalidade acaba por ter também a sua razão de ser.

A mais interessante novidade deste levantamento é a constatação de alguns inesperados pontos de contacto entre culturas muito distantes, provando que, no fundamental, acabamos por ser todos muito mais semelhantes do que as aparências sugerem.

Abordar uma tal temática numa revista dedicada a assuntos de Macau acaba por ter um significado reforçado, uma vez que a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), da República Popular da China, é um território com uma história particularmente rica no convívio entre culturas e povos das mais variadas proveniências. Mesmo na actualidade Macau continua a ser um laboratório do convívio humano e da prática da tolerância.

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.



China, delta do Rio das Pérolas, 1986



Foto: José M. Correia

■ PERFIL

Graça Machel,
uma africana “com luz própria”, 7
Augusto Vilela

■ MEMÓRIA

O empenhamento de um
professor açoriano na China, 16
João Guedes

■ CENTES

Uma vida em alguns minutos, 44
Mariana Palavra

■ EDUCAÇÃO

A escola para o multiculturalismo, 60
Isabel Castro

■ LÍNGUA

Confúcio entre amigos de lugares
longínquos, 69
Maria João Belchior

■ CIDADES

Cantão e o tempo, 76
José Simões Morais

■ ETIQUETA

No princípio era
o requinte imperial, 84
Joyce Pina

Entre a cerimónia e a superstição, 96
Maria João Belchior

Os ritos chineses, 98
Ana Cristina Alves

SECCÕES

- INSTANTE, 2-3
- ACONTECEU/DEZEMBRO, 34-43
- ACONTECEU/JANEIRO, 48-59
- CARTAZ, 108-125
- RETRATO, 126-127

CAPA



A maneira como Chineses e Ocidentais entendem a cerimónia e as boas maneiras está na base de muitos mal-entendidos. Mas também é verdade que, mesmo entre chineses, nem todos pensam e agem da mesma maneira. Isso torna o tema da etiqueta chinesa apaixonante e, por vezes, surpreendente, como pode ser lido no trabalho de investigação que dá o tema da capa desta edição. **P 84**

ÁFRICA FEMININA



A actual mulher de Nelson Mandela e viúva do líder moçambicano Samora Machel foi à cidade de Évora, em Portugal, para uma cerimónia de doutoramento honoris causa. Tratando-se de uma estrela à escala planetária, Graça Machel atraiu uma entusiástica multidão de representantes dos *media*. A revista *MACAU* marcou presença e traça o perfil deste símbolo da alma africana. **P 7**

COMO O TEMPO PASSA



Nas ruas, com um intenso trânsito de bicicletas, viam-se pessoas vestidas de azul e cinzento com um corte chinês, muitos envergavam casacos “à Mao (Zedong)”, multidões afluíam aos quartos de banho comunitários nas primeiras horas da manhã e era corrente cruzarmo-nos com cidadãos envergando, descontraidamente, pijamas. Assim era a cidade de Cantão há duas décadas. Mas o tempo mudou tudo. **P 76**

OS DEZ ANOS DE UM CENTRO CULTURAL



O Centro Cultural de Macau, inaugurado em 1999, a poucos meses da transferência de Macau, vai celebrar ao longo de 2009 os primeiros dez anos da sua existência, com um vasto programa de espectáculos, que inclui desde a Mingus Big Band, em Março, até, no mês de Dezembro, um musical inteiramente produzido na RAEM. Conheça todos os pormenores dessa programação. **P 108**

Macau 2008

Livro do Ano

MACAU 2008 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2008 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições em línguas portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e sucursal da "The Commercial Press (HK) Ltd" ou, ainda, no Centro de Informações ao Público, na Rua do Campo e na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos Serviços de Correios do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa e Imprensa Oficial (Sede); e em Hong Kong na Commercial Press (HK) Ltd e Cosmos Books Ltd.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Augusto Vilela (texto) e Susana Rodrigues (fotos)

O emergir da mulher em África Graça Machel Uma africana “com luz própria”

Da sua residência de estudante na Alameda das Linhas de Torres, no bairro lisboeta do Lumiar, à Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, passando pelos campos de guerrilha da Frelimo, na Tanzânia, pela euforia da independência do seu país, quando tinha apenas 28 anos, e pelo governo que integrou a seguir, à cerimónia de Doutoramento Honoris Causa na antiquíssima Universidade de Évora, desenha-se o percurso de uma das mais notáveis mulheres africanas: Graça Machel ou “mamã Graça”, como carinhosamente gostam de a tratar

os jovens moçambicanos. Para eles, é um símbolo que ultrapassa as próprias divisões partidárias e ideológicas do país. Ligada pelo casamento e de certo modo por circunstâncias históricas a dois dos mais notáveis líderes africanos – Samora Machel e Nelson Mandela – nunca se assumiu como primeira-dama. Substituiu esse estatuto tradicional das mulheres dos chefes de Estado pela missão que atribuiu a si própria na luta pela cultura, pelos valores humanistas e, principalmente, pela defesa das crianças.

Mas foi a psicóloga portuguesa Maria Belo, quem melhor definiu o perfil de Graça Machel ao sublinhar que “estes dois homens iluminam-na, mas não a ofuscam porque ela tem luz própria”. “Prefiro ver-me como mulher africana, mulher moçambicana, é tudo”, afirmou na conferência em que participou no Centro Cultural de Belém, durante uma breve passagem por Lisboa, antes de receber o título de Doutor Honoris Causa em Évora.

Apesar das vicissitudes por que tem passado o continente africano, sobre as quais fala “com o coração pesado”, acredita que é um continente de futuro” e que “há uma África Nova, vibrante que está a surgir”. O seu optimismo e esperança baseiam-se na convicção de que “há hoje em África uma geração de líderes sinceramente interessados no combate à pobreza”.

Quis também deixar a ideia da emergência de “uma África positiva” e surge também como símbolo dessa África e do emergir de uma liderança feminina que cada vez se afirma mais, primeiros frutos dos esforços feitos na educação. Claro que há ainda o pesadelo da pobreza, mas isso tem uma explicação: “Não somos um continente pobre. Somos um continente empobrecido”, afirma.

Durante os anos que permaneceu em Lisboa como aluna de Germânicas da Faculdade de Letras, na altura com pouco mais de 20 anos, Graça Machel envolveu-se activamente na luta anti-colonialista, integrando um núcleo clandestino de estudantes das ex-colónias portuguesas. Nas universidades portuguesas vivia-se um cada vez mais intenso ambiente de contestação estudantil e estes estudantes assumiam com crescente intensidade a luta contra o colonialismo.

Tratava-se de células com nível de organização suficientemente elaborado para escapar à vigilância e perseguição da polícia política e que tiveram um papel importante para os movimentos africanos, incluindo na sensibilização dos

jovens portugueses primeiras vítimas da guerra colonial, através da sua mobilização forçada para combater em África. O papel desses núcleos clandestinos revelou-se de grande importância para a guerrilha, principalmente no fornecimento de informações relevantes sobre o que se passava em Portugal, tanto no plano político como militar. Conseguiram mesmo infiltrar um jovem moçambicano branco no Centro de Estudos Estratégicos, onde era feita a formação dos jovens oficiais. A guerrilha passou a conhecer a instrução dada a esses novos oficiais e as estratégias a seguir nas diversas frentes da guerra colonial, inclusivamente saber a data da partida de contingentes militares e o respectivo destino.

A passagem de Graça Machel por Portugal permitiu-lhe, por outro lado – e como já referiu publicamente – compreender a diferença entre o sistema fascista-colonialista e o povo português. Os contactos com a guerrilha a partir de Portugal desenvolviam-se nas teias complexas que permitiam actuar na clandestinidade com um mínimo de segurança. Passavam pela Argélia, Paris e, finalmente, Dar-es-Salam, através de Jacinto Veloso, destacado elemento da Frelimo que viria a integrar o governo moçambicano após a independência. Nessa época Graça ainda não conhecia Samora Machel, mas este constituía já, para a jovem activista, um líder carismático. Só o conheceu quando, na perspectiva de vir a ser presa, e por indicação dos dirigentes da Frelimo, abandonou Portugal e foi para o campo de treino de Naswingwea, na Tanzânia, onde Samora se encontrava.

Graça Machel ou “mamã Graça”, como carinhosamente gostam de a tratar os jovens moçambicanos. Para eles, é um símbolo que ultrapassa as próprias divisões partidárias e ideológicas do país

O resto, a ligação afectiva, será uma história íntima, igual à de milhões de seres humanos, apenas tendo como cenário o terreno da luta, a dureza da guerrilha e os sacrifícios que implicavam.

Já em solo africano, Graça Machel fez treino militar de guerrilha e acção política, trabalhava informação, alfabetizava. É importante sublinhar que a Frelimo não limitava a sua actividade apenas à acção militar. A formação política, cívica a alfabetização e o desenvolvimento cultural dos seus militantes era uma componente igualmente importante, provavelmente aquela que transmitiu mais solidez e credibilidade a este movimento. Formar cidadãos que soubessem os motivos por que lutavam, era tão importante como formar guerrilheiros. Tratava-se de combates diferentes para dois objectivos: a libertação e a independência.

Graça Machel trabalhou em todas essas áreas e deixou a marca de uma mulher africana empenhada no desenvolvimento do seu povo e do seu país. De tal modo esse valor se afirmou que viria a ser a única mulher a participar nas negociações clandestinas entre a Frelimo e os militares portugueses em que foram estabelecidos os acordos para a independência de Moçambique. A posterior entrada para o governo como ministra da Educação foi a sequência lógica desse trabalho de cerca de uma década, tanto nos campos de treino e nas bases da guerrilha como, mais tarde, já nas zonas libertadas do interior do país e no decorrer de mais alguns anos de luta armada com a Renamo.

A passagem pelo Ministério da Educação do Governo de Moçambique ficou marcada por um enorme incremento nesse sector e muito particularmente no acesso das mulheres à instrução. O número de estudantes nas escolas aumentou em 80 por cento, dos quais cerca de 45 por cento do sexo feminino resultado do trabalho desenvolvido por Graça Machel, principalmente em zonas rurais, consciencializando os pais para a importância da educação das suas filhas e combaten-

do hábitos culturais enraizados. Tanto o regime fascista português, como a sua extensão colonial, mantinham as mulheres numa situação de inferioridade só alterada em Portugal pela Revolução e em África pela independência das colónias. O casamento com Samora Machel e a inesperada morte deste num trágico acidente aéreo cujas causas até hoje não foram apuradas, não abalou a determinação de Graça Machel. Ela não conhecia Samora Machel até ir para um campo de treino militar na Tanzânia quando ele já era presidente da Frelimo. Recorda, nas suas entrevistas, que ele queria saber tudo sobre a situação em Portugal. Para isso nada melhor que o contacto e as informações de um jovem universitária, recém-chegada de Portugal e já com um assinalável trabalho de militância. A partir dessas conversas, trabalho e debates, a aproximação foi-se desenvolvendo e conduziu ao casamento com o líder, na altura viúvo da sua primeira mulher. Em 1986, a África e o mundo ficaram chocados com o acidente aéreo que vitimou Samora Machel e toda a comitiva que viajava com ele. Desaparecia um carismático líder africano quando ainda tinha muito para dar ao seu país e a um continente que ansiava por viver uma independência de paz e desenvolvimento. Ao choque emocional da tragédia, Graça respondeu com uma enorme determinação no seu trabalho a favor das causas humanitárias que juntos tinham abraçado, não esquece que ficou viúva e os seus filhos órfãos em consequência daquilo que considera um crime que até hoje ninguém investigou com seriedade e nunca deixou de reclamar publicamente tal investigação. Está convencida de que existiu uma conspiração para assassinar Samora Machel na qual teriam participado elementos de Moçambique, África do Sul e Malawi. Mais tarde, em 2002, veio o casamento com Nelson Mandela. A vida desta mulher africana ligava-se assim, totalmente, a duas das maiores figuras da África contemporânea e aos valores que ambos representam. ■

Um percurso de vida marcado pelos valores humanísticos

Graça Machel nasceu em Incadine, na província de Gaza, filha de mãe pobre e analfabeta, como frequentemente sublinha, para exemplificar que todos podem aspirar a uma vida melhor e a desenvolver as suas capacidades, desde que lutem por isso.

O pai morreu três meses antes do seu nascimento, ficando a mãe com sete filhos a seu cargo. Mas, antes de morrer, disse à esposa que a criança que trazia no ventre deveria ir à escola. O seu desejo foi cumprido. Aos sete anos Graça entrou para a primeira classe do ensino primário numa escola

de Inhambane. Seguiu-se uma bolsa de estudo para a capital moçambicana e daí o caminho para Lisboa onde se licenciou. As crianças, como vítimas da guerra e dos vários tipos de conflitos, têm sido ao longo dos últimos anos a causa central da sua vida. No final da cerimónia de doutoramento em Évora, disse aos jornalistas que esta homenagem lhe era prestada “pela modesta contribuição que tenho vindo a dar ao longo da minha vida de adulta, quer no domínio da educação quer da promoção dos direitos das mulheres e das crianças” e dedicou-a “às crianças que não

conhecem a paz”.

Na defesa dos direitos das mulheres e das crianças e da luta pela paz tem desenvolvido uma intensa e contínua actividade.

Em 1990 foi nomeada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas Especialista para o Estudo do Impacto dos Conflitos Armados na Infância. Como reconhecimento do seu trabalho foi-lhe atribuída em 1995 a Medalha Nanser das Nações Unidas.

De 1994 a 1996 liderou o “Estudo do Impacto dos Conflitos Armados nas Crianças”, na qualidade de Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas. Em 2000

foi membro do Grupo de Conselheiros Especiais sobre Questões de Desarmamento desta organização.

O trabalho desenvolvido valeu-lhe o reconhecimento internacional e vários prémios e distinções honoríficas. Actualmente ocupa cargos de direcção em diversas instituições, como a Fundação das Nações Unidas, a South Centre e a Universidade das Nações Unidas.

O seu doutoramento em Évora foi a mais recente das muitas distinções que lhe têm sido atribuídas. Foi a primeira africana a ser doutorada pela Universidade de Barcelona, é Doutora em Letras pela Universidade de Glasgow, Associada Honorária em Artes pelo Seattle Centre Community College, Doutora Honoris Causa pela Universidade de Essex e Doutora Honoris Causa pela Universidade de Cape Town.

Graça Machel é actualmente presidente da Comunidade de Moçambique, organização sem fins lucrativos por ela criada com o objectivo de promover o desenvolvimento, justiça social, combate à pobreza e protecção das mulheres e crianças, transformada em 1994 na Fundação para o Desenvolvimento.

Porém, a intensa actividade que desenvolve tanto em Moçambique como no âmbito internacional, não afasta o drama que ensombrou a sua vida: a morte de Samora Machel, seu primeiro marido. Recentemente, na África do Sul, voltou a exigir que o inquérito a um acidente nunca explicado, seja reaberto. ■

Visita de Mamã Graça a Évora encheu corações moçambicanos

Para a pequena comunidade estudantil moçambicana de Évora, a visita de Graça Machel – Mamã Graça – e o cerimonial do vivido na sala de actos e nos claustros da Universidade foi um acontecimento tanto inesperado como entusiasmante. Durante um dia eles foram o centro das atenções e participaram activamente num cerimonial para alguns inédito. São cerca de duas dezenas os estudantes de Moçambique que escolheram a histórica cidade alentejana. A maioria frequenta cursos ligados às áreas humanísticas, saúde e educação.

Para todos eles foi a oportunidade única de conhecer uma compatriota que desde crianças traziam no seu imaginário, como heroína dos tempos modernos, que usa como armas os caminhos da paz, a cultura e a solidariedade à escala global.

Por decisão unânime, o Senado da Universidade, atribuiu a Graça Machel o título de Doutor Honoris Causa, como reconhecimento “do seu papel social a favor da ampliação e generalização dos direitos humanos, em especial das mulheres e das crianças e de uma sociedade civil internacional”.

Graça Machel junta-se assim, a um conjunto de outras grandes personalidade a quem foi outorgada igual distinção ao longo dos anos.

Uma lista de que fazem parte, entre outros, Leopold Shengor, o “político-poeta” ou o “poeta da negritude”, que lutou pelo direito à identidade étnica; D. Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz, que lutou pelo direito à independência do povo de Timor Leste; Mário Soares, defensor de muitos dos que lutaram pelo direito às liberdades democráticas em Portugal, ele próprio combatente de primeira linha; a Rainha Dona Sofia de Espanha, defensora do direito à cultura ou José Saramago, Prémio Nobel da Literatura.

Mamã Graça partilha agora os claustros da Universidade com todos esses nomes e ainda com outra personalidade muito especial, também combatente das mesmas causas embora com outras armas: Sebastião Salgado, o fotógrafo que através das objectivas das suas câmaras denunciou ao mundo inteiro as violações dos mais elementares direitos das populações exploradas da África e da América do Sul.

Aga Khan, chefe espiritual dos ismaelitas, defensor dos direitos de acesso ao conhecimento e à paz através do



Graça Machel viveu no meio académico, um dia bem diferente daqueles que conheceu na sua juventude

diálogo intercultural é outro dos grandes nomes já distinguidos pela Universidade de Évora, cuja história tem muito a ver com os valores que estas personalidades representam no mundo.

Isso mesmo foi destacado no discurso de elogio de Graça Machel pelo reitor da universidade.

“A Universidade de Évora – lembrou – tem a sua quota-parte de responsabilidade no percurso civilizacional da humanidade. Fundada há 450 anos, formou, durante dois séculos, centenas, porventura milhares, de missionários que se diasporizaram pelo mundo, levando consigo a mensagem cristã. Do Japão à América do Sul, passando pela África, os discípulos de Évora acompanharam o achamento de novos territórios, a evangelização dos respectivos povos, mas também o diálogo com outras civilizações, nomeadamente as civilizações do Oriente”.

Referiu-se também aos avanços e recuos no caminho do respeito pelos direitos humanos e recordou que Nelson Mandela foi preso em 1962; Martin Luther King assassinado em 1968; em 1974 Portugal recuperou as liberdades democráticas; as ex-colónias conquistaram a independência; o muro de Berlim caiu em 1989; o *apartheid* abolido em 1994 e, por último, em 2008, Barack Obama foi eleito presi-

dente dos Estados Unidos da América, injectando por todo o mundo uma corrente de esperança.

Mas recordou também os genocídios que entretanto ocorreram, os povos escoraçados das suas terras, “as prisões e os muros físicos e virtuais” que se levantaram por todo o mundo e em particular em África.

“O percurso de humanização da humanidade, isto é, o processo através do qual a humanidade se reconhece como uma e indivisível na sua essência, apesar da enorme diversidade étnica e religiosa, é uma conquista cultural. Só através da cultura o homem transcende a sua condição primária, exclusivamente biológica, e é capaz de reconhecer noutro homem, porventura dotado de outro teor de melanina na sua pele, ou sujeito de outro credo religioso, um seu semelhante. Só através da cultura o homem aprende a respeitar e a prezar a diferença”.

Foi neste contexto cultural que Graça Machel viveu no meio académico, um dia bem diferente daqueles que conheceu na sua juventude. Quarenta anos depois, veio encontrar um país e uma Universidade livre, onde os estudantes se integram, sem o receio da prisão e das perseguições policiais que dominaram os meios universitários até 1974. ■

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

Março, 2009

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA

○ empenhamento de um professor açoriano na China

Os olhos de Silveira Machado viram sete décadas do século XX e quase mais uma do século XXI de Macau.

Português de S. Jorge (açoriano sem sotaque), nascido no ponto mais ocidental da Europa viria a morrer quase nos antípodas e quase um século depois. Faltaram-lhe 18 anos para cumprir cem anos de vida

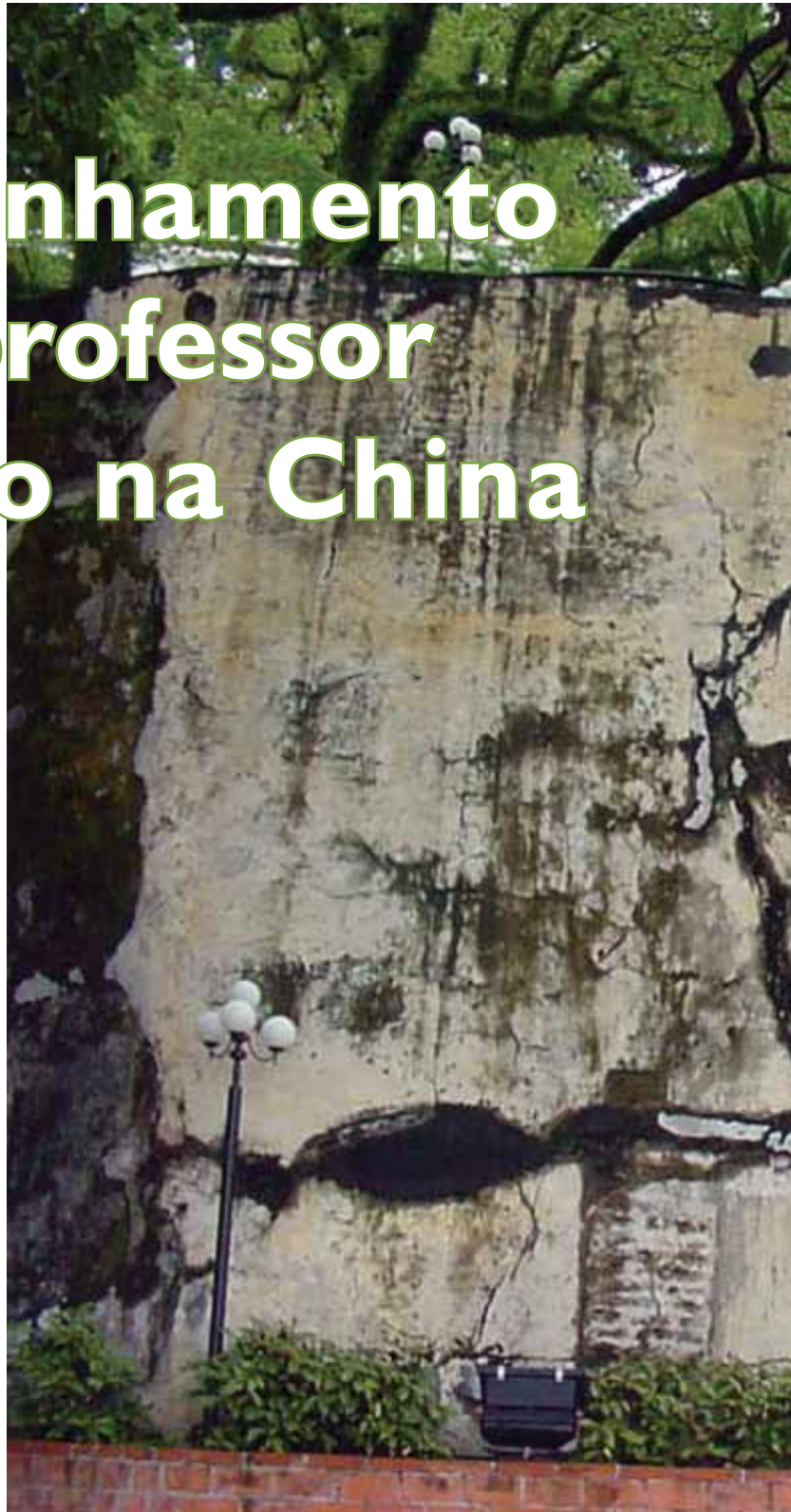




Foto: Jornal "O Clarim"

Quando veio para Macau, no navio que trouxe (... que navio? Pouco importa) poderia ter ficado por Timor. Nesses tempos os navios de carreira de Portugal atravessavam o Canal do Suez, aportavam a Goa, seguiam para Díli e terminavam a viagem não em Macau, que não tinha porto de águas profundas suficiente, mas em Hong Kong, onde era o fim da carreira, depois eram os *ferry-boats* que traziam os passageiros ao seu destino final. Macau. Sendo assim, por mais um pouco, teria aportado à Nova Zelândia, mas não. A Nova Zelândia era longe de-

mais e inglesa demais. Não! Não desembarcou em Timor, que seria o ponto mais perto do dito arquipélago dos antípodas (e o sítio onde o Sol nascia primeiro no antigo universo português no qual nunca se punha), mas sim aqui nesta terra que fica a algumas léguas (como diziam os geógrafos de quinhentos) “adentro do tratado de Tordesilhas”.

Silveira Machado chegou a Macau talvez como o fado. Apenas porque tinha que chegar.

Foi há muitos anos e só quem se queira lembrar e se interesse por se lembrar dis-

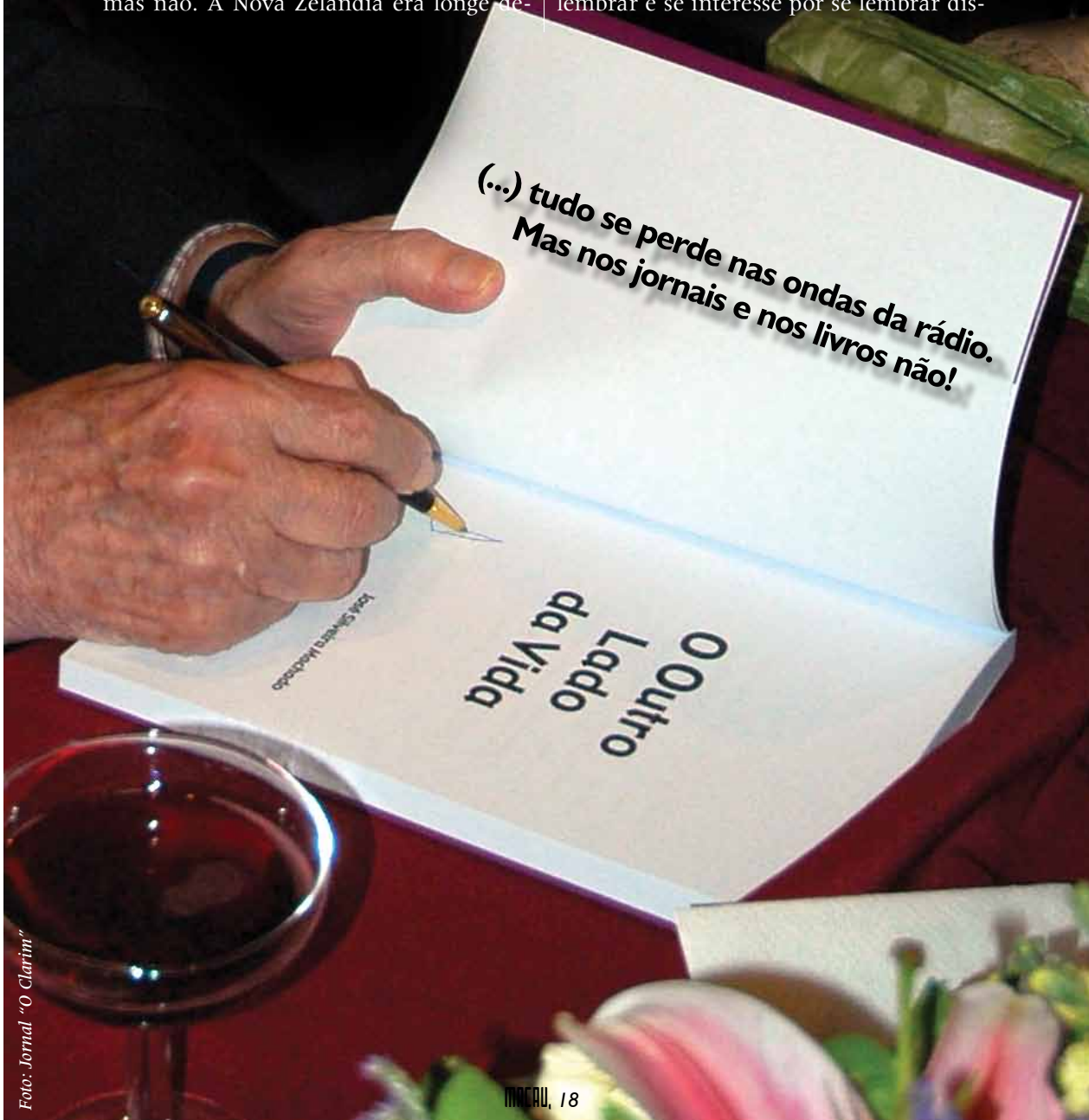


Foto: Jornal "O Clarim"

so poderá achar interesse em saber quem era este homem que deixou a vida pouco antes de dobrar os noventa anos de idade e pouco depois de dobrar o segundo milénio. Que quantidade de memórias nos deixou no que disse como professor a uma imensidade de alunos?

Que quantidade de memória deixou nas tertúlias em que participou a uma imensidade de amigos e convivas?

Do que disse como professor primário?

Do que disse como jornalista?

Do que disse como escritor?

Do que disse como poeta?

Mas o que terá deixado de dizer?

Muito disse e deixou escrito. Basta consultar os jornais, ou comprar nas livrarias os livros que escreveu.

Do que disse apenas aos amigos em conversas particulares e fora de horas só os seus amigos podem falar.

Eu era amigo de Silveira Machado, mas dele apenas posso recordar certas facetas. Outras, outros as podem recordar

A bibliografia e a hemeroteca (como se houvesse uma hemeroteca em Macau) contêm a personalidade pública de Silveira Machado. Artigos infindos sobre os mais variados assuntos escritos ao longo de décadas n'*O Clarim* (semanário católico onde escreveu até ao fim da vida) já que nos outros não gastava a tinta da sua caneta por razões éticas (uma ética que só ele sabia qual fosse).

Mas do que disse fora de horas não consta dos arquivos nem da hemeroteca. Consta apenas de memórias que os amigos e familiares conservam. Umass pessoais, mas compartilhadas, outras demasiado íntimas para compartilhar.

O resto encontra-se nas inúmeras entrevistas que deu aos jornais, à rádio e à televisão.

- Professor Silveira Machado (pergunta o jornalista), porque é que tendo sido a sua vida sempre a de escrever e comunicar, nunca fez programas na Emissora de Rádio Macau?

- Por que o que fica escrito fica escrito. O que fica falado perde-se e ninguém se lembra do que ficou dito. Mas nos jor-

nais fica impresso. É indelével!... responde o professor.

(Nesse momento o diálogo perde-se na chegada de dois cafés e dois *whiskeys* no café o Galo onde nos encontramos quotidianamente)

- Lembras-te do Alecrim? Pergunta-me Silveira Machado.

Alecrim era um radialista dos tempos da Emissora Nacional. Tinha falado primeiro a dizer piadas nos parodiantes de Lisboa na Rádio Graça. Depois, mobilizado para a tropa, passou a falar na rádio oficial de Goa, até ser calado pela invasão. Depois de alguns anos de cativo arribou a Macau e retomou o microfone na Emissora de Rádio Macau. Por muitos anos manteve no ar a Rádio Macau com notícias e programas.

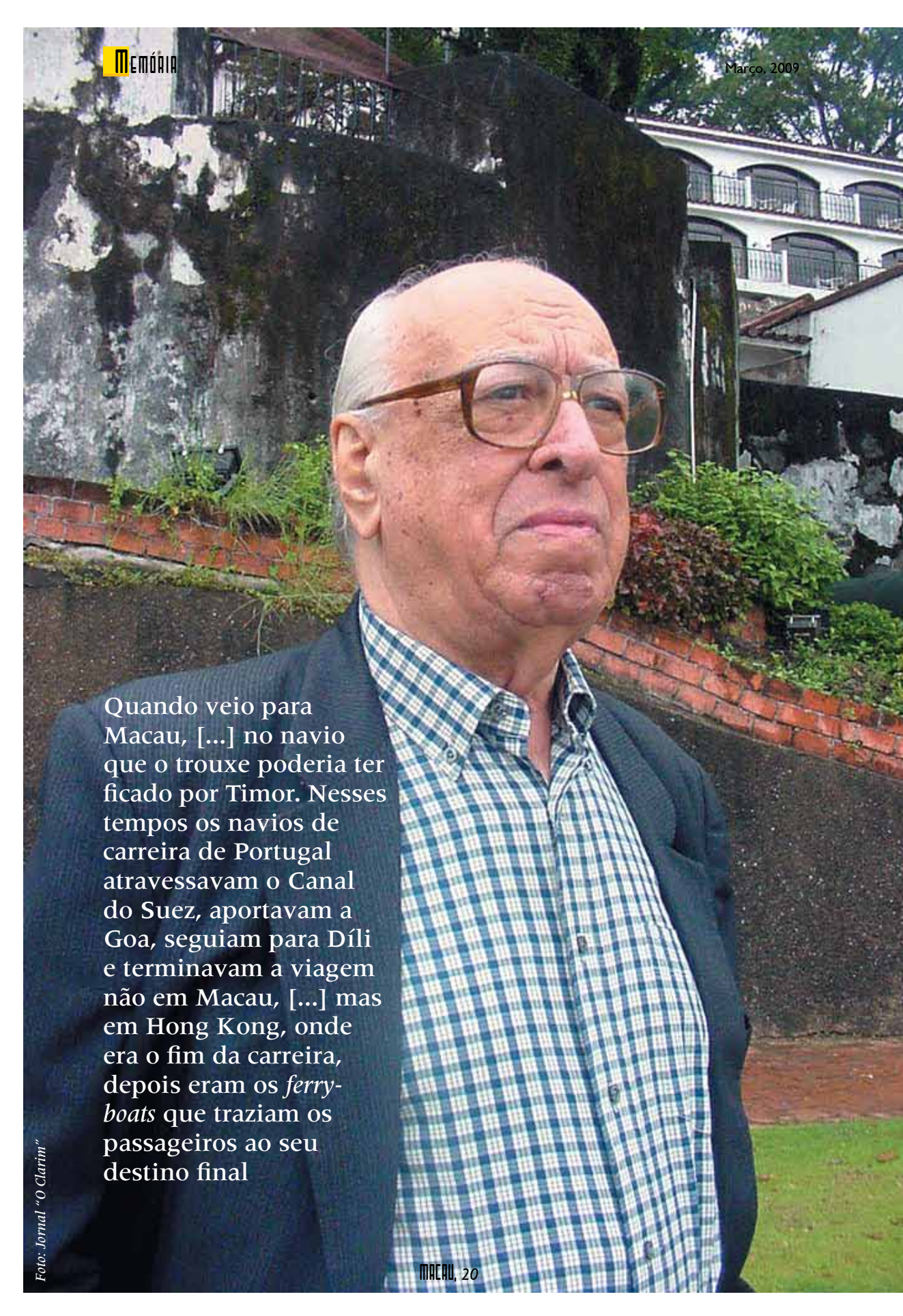
- Lembro-me, respondo!

Ah! Diz Silveira Machado, todos o conhecem e sabem quem é mas quem é que se lembra do que disse na Emissora de Rádio Macau? Tantos momentos importantes da vida desta terra que ele disse ao microfone. Quem se lembra do que disse na emissora de Goa, durante a invasão indiana? Perdeu-se tudo e tudo se perde nas ondas da rádio. Mas nos jornais e nos livros não!...

De facto não tenho senão que concordar. O que Alecrim disse perdeu-se nas ondas etéreas (e a Rádio Macau não conservou os arquivos). Ao contrário *O Clarim* mantém um acervo que vem até hoje desde antes da "Segunda Grande Guerra".

- *O Clarim* jornal da igreja Católica que bate recordes de existência de entre todos os jornais que se publicaram na história de Macau.

O jornal que mais tempo sobreviveu na história da imprensa portuguesa local foi "O Independente" que andou nas bancas por mais de vinte anos (vinte e um para ser preciso). Depois disso só *O Clarim* bateu recordes. Silveira Machado colaborou nesse periódico desde o primeiro número no longínquo ano de 1943 em plena "2ª Grande Guerra". Umass vezes assinando artigos, outras não. Acompanhou os altos e baixos desta publicação que em véspe-



Quando veio para Macau, [...] no navio que o trouxe poderia ter ficado por Timor. Nesses tempos os navios de carreira de Portugal atravessavam o Canal do Suez, aportavam a Goa, seguiam para Díli e terminavam a viagem não em Macau, [...] mas em Hong Kong, onde era o fim da carreira, depois eram os *ferry-boats* que traziam os passageiros ao seu destino final

ras de 1999 esteve em dúvida quanto ao futuro, mas que acabaria por sobreviver e renascer como Fénix depois da transição de 20 de Dezembro de 1999.

S. Jorge dos Açores

Silveira Machado! Quem era este homem e de quem descende? Evidentemente que era descendente dos Silveiras, dos Açores família impar na história portuguesa e também na de Macau.

Na sua árvore genealógica abundam figuras interessantes (principalmente pelo lado materno) era Silveira e os Silveira eram descendentes de holandeses. O seu nome ancestral era; - *Van Der Hagen* (da Silveira, em português), mas geração após geração surgiram filhos e netos e sobrinhos e primos. Os *Van der Hagen*, de conotações judaicas politicamente incorrectas nesses tempos (e porventura em todos os tempos) desapareceram e deram origem ao sobrenome Silveira (politicamente correcto e cristão como convinha). Silveira Machado que cuidava mais do tempo em que vivia do que da história nunca se importou em saber de árvores genealógicas. Silveira Machado sempre se interessou mais pelo tempo presente. Mesmo que algum antepassado seu tivesse ficado na história e muitos ficaram.

O Ouvidor Arriaga ficou na história de Macau e Manuel Arriaga, também como presidente da República de Portugal. Mas Silveira Machado nunca se importou.

Saiu de S. Jorge, muito cedo com 12 anos. Anos a menos para se importar com pergaminhos

Por isso tornemos presente o passado de Silveira Machado, um descendente de Miguel de Arriaga Brun da Silveira, açoriano da Horta, que governou de facto Macau durante mais de duas décadas nos primórdios do século XIX.

Miguel de Arriaga foi o único Ouvidor de Macau, recordado pela história portuguesa e chinesa neste delta geográfico e foz do Rio das Pérolas. Um marco da história local. Os outros ouvidores, como Lázaro

Ferreira, constam apenas de monografias esparsas que só interessam a estudiosos picuinhas e académicos.

Silveira Machado nunca cuidou de saber quem era esse ouvidor, embora o tivesse registado como figura histórica nos seus escritos, *n'O Clarim*, mas nunca como parente o deu a público, ou o assumiu.

Silveira Machado tinha o quotidiano com que se preocupar e as suas preocupações eram Macau. Não árvores genealógicas e muito menos Manuel de Arriaga Brun da Silveira, seu avoengo e primo (torto), com o qual tinha pouco a haver e muito menos a dever.

Silveira Machado veio para Macau por força das circunstâncias. Não por ser filho de algo mas apenas por ser afillhado de alguém lá da terra açoreana que se interessou por ele.

Mas a verdade é que Silveira Machado não chegou a Macau por acaso, mas sim por que assim estaria talvez determinado pela religião católica que professava. Deus manda que vás!... Disse-lhe um pároco de S. Jorge, provavelmente instruído pelo Cardeal D. José da Costa Nunes, Camarlengo da Santa Sé e esclarecido prelado de Macau que procurava atrair os miúdos mais prometedores das suas ilhas açoreanas para o sacerdócio missionário no Extremo Oriente.

A década de 30 do século XX de Macau

Vamos lembrar Macau desses tempos através dos olhos de Silveira Machado rapazito de treze anos.

No Açores há um dito: "faz-me o que quiseres, mas leva-me para o continente" e Silveira Machado assumiu o provérbio.

- Quero-me ir embora desta ilha pequena. O que é que há aqui?

- Gado! Responde o povoado que vive de vacas e do seu leite.

Para onde? Pergunta o padre.

A pergunta a fazer seria mais exactamente esta: - para a América? Para o Brasil, para as Antilhas, ou para o Continente?

O rapazito de 13 anos sabedor apenas

da geografia resumida do Portugal da quarta classe (nos tempos em que havia quarta classe da instrução primária), que passou com aproveitamento, pensou que seria para o Portugal Continental. Não perguntou, ao certo para onde o mandavam. Era criança de mais.

– Bem, já que te queres ir embora vais para Macau, ter-lhe-há dito o pároco e mestre-escola da freguesia de Velas.

E assim Silveira Machado embarcou com onze mais rapazitos seus iguais para uma viagem em direcção aos confins do mundo. Os confins do mundo não eram o final do “mar tenebroso” de Pessoa. Nada disso. Era apenas uma escola secundária. Era o Seminário de S. José de Macau.

Macau? Terá perguntado Silveira Machado; - Onde é? (Creio que o pároco não lhe terá respondido de todo, ou cabalmente, talvez porque não soubesse in-

teiramente onde era essa parte da Terra (Macau é sítio onde se fazem fósforos e fogo de artifício). Isso era tanto quanto saberia o padre açoreano. Creio que talvez, não lhe interessasse dar nessa altura a um criança lições de geografia universal que um miúdo não compreenderia, nem o padre sabia ao certo onde e como era. Afinal, o pequenito José, ia separar-se dos pais inexoravelmente numa viagem sem regresso. Para quê dar-lhe mais explicações?

- Sabes, disse-me um dia Silveira Machado, há meia dúzia de anos; Eu odiava as vacas e aquelas rotinas de levantar às cinco da manhã para as ordenhar, Acho que tinha oito anos quando percebi que aquela vida não era para mim. Acho que foi isso que me levou a querer deixar S. Jorge.

Confissão feita entre amigos essa de uma década e tal, enquanto organizavamos o



Seminário de S. José — (Horta de recreio)

projecto de historiar a vida da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM) na qual Silveira Machado desempenhou papel relevante apesar de não ser macaense.

Neste ponto é preciso dizer que para além dos militares que vinham mobilizados (obrigados por força de lei), para a segunda mais oriental colónia portuguesa (Timor era a última em termos de longitude), poucos mais metropolitanos vinham e os que vinham resumiam-se a uns poucos funcionários superiores da administração pública da colónia, médicos, magistrados e engenheiros. O grosso eram militares e os mais restantes eram crianças e essas crianças eram os seminaristas de S. José, como Silveira Machado. Os funcionários destinavam-se a ficar em Macau por quatro ou seis anos. Se ficassem por mais tempo tinham que o requerer ao Ministério das Colónias (mais tarde do Ultramar) e passavam aos quadros coloniais sendo-lhes permitido ficar pelo Extremo Oriente em comissões sucessivas o tempo que quisessem desde que se casassem com macaenses. Quanto aos militares era quase o mesmo.

O fulgor da Guia dos anos 30

Silveira Machado chegou a Macau num momento em que a colónia conhecia um dos seus períodos de crescendo económico. Eram os anos trinta do século XX.

Nas faldas da Guia construía-se novas mansões em terrenos até então inexplorados.

Os Senna Fernandes e os Nolasco. Estas famílias anteriormente habitantes do Chunambeiro, lá em baixo junto à Praia Grande, mudavam-se para cima deixando a Praia Grande aos ingleses e americanos. Silva Mendes e Vicente Jorge aderiam ao êxodo e construía as suas casas também nas faldas da Guia. Depois de quatrocentos anos de vivência nas faldas do Monte e na Praia Grande, a Guia tornava-se o bairro novo dos ricos. Até mesmo Venceslau de Moraes, capitão dos Portos fazia questão de rea-

bitar nova casa nesses sítios (hoje chama-se, Calçada do Gaio).

Na altura em que Silveira Machado chegou a Macau, a geografia estava em plena mudança. O bairro de S. Lourenço, que tinha como capital comercial a Rua Central, decaía inexoravelmente em benefício da avenida Almeida Ribeiro (Rua Grande dos Cavalos, como é ainda hoje conhecida em chinês – San Ma Lo). O Hotel Central, que se tornaria a partir de então no centro do jogo e do prazer abria-se na San Ma Lou, em 1915, substituindo em modernidade e inexoravelmente a Rua da Felicidade, que passaria não haveria década e meia a seguir a não ser mais do que uma rua lateral sem interesse por força do êxodo das cantadeiras que W. Fernandes Flores o famoso escritor espanhol tão bem descreveu quando visitou Macau e se encontrou com Camilo Pessanha nesses tempos passados.

Duas decadências foram as que Flores encontrou.

Uma era a Rua da Felicidade que se evoluía nos últimos acordes das cantadeiras. A outra era a de Camilo Pessanha que se evoluía em fumos de ópio.

Tanto o poeta como a rua garantiriam a posteridade e Fernandes Flores que descreveu Macau como uma Fénix que morria apenas para se preparar para renascer algum tempo depois tinham razão.

Macau sempre foi assim. Uma sucessão de antes e depois sempre renovada.

Tudo mudava em Macau.

Mas, Silveira Machado não sentiu essas mudanças porque apenas tinha chegado a Macau no momento exacto em que essa última mudança tinha decorrido havia meia dúzia de anos, sem saber de facto onde tinha chegado (sabê-lo-ia alguns anos mais tarde quando chegou a adulto).

Mas antes, rapazito, nada sabia.

Destinado a ser padre concluiu os cinco anos de liceu necessários para a educação secundária no mundo laico e oficial do estado com aproveitamento e mérito reconhecido por todos os seus professores. Porém entre todas as disciplinas confront-

tou-se quase no fim do curso com uma negativa a Moral no curso do sacerdócio. Vamos ver a seguir o que isso lhe acarretou. Nesses tempos, os seminaristas faziam excursões à ilha da Lapa que nesse tempo era território colonial português, ainda que disputado pela China. Monsenhor Manuel Teixeira (colega de Silveira Machado) fala disso em vários livros e os poucos sacerdotes católicos que ainda hoje restam vivos disso se lembram, nomeadamente D. Ximenes Belo (ex-bispo de Timor) e Domingos Lam (bispo resignatário de Macau). Nessas excursões, nas quais Silveira Machado participou, rapazes e professores encontravam motivos de interesse e ninguém saía frustrado dos passeios. Mas, Silveira Machado, como outros confrades do seminário retirava mais prazer das escapadelas pela cidade, quando podia à revelia dos professores do que nos passeios à Ilha da Lapa, num fim-de-semana, ou numa noite qualquer iludindo a vigilância dos perfeitos (o entardecer de Macau tinha mais encanto do que as tardes mornas da Lapa) escapouse à disciplina e à castidade.

E foi assim que numa dessas escapadelas, saltando o muro do seminário, Silveira Machado encontrou uma rapariga bonita e perdeu a vocação sacerdotal.

Terminada a incursão desse fim-de-semana o jovem seminarista saído sem saber como da puberdade resolveu traduzir em verso meio-dia (ou apenas algumas horas) da sua vida. Provavelmente nessas poucas horas ter-se-ia sentido Camões, ou Bocage (que também passou por Macau) a conhecer o amor na Rua da Felicidade. Mas caso foi que Silveira Machado se esqueceu que o seminário funcionava como uma caserna de rígida disciplina e que ele próprio estava destinado ao dito voto de castidade.

E assim foi que o perfeito, na rotina diária de revolver camas e colchões e travesseiros à procura de heresias encontrou os debuxos poéticos de Silveira Machado.

-Um poema de amor por uma mulher? Que coisa... Amor é por Deus, Jesus e a Virgem Santa, pensou o perfeito.

E o perfeito, depois de ler os versos não teve remédio senão denunciá-lo ao reitor no dia seguinte.

O resultado seria como não poderia deixar de ser o seguinte:

"A poesia é bonita menino, mas só se estivesse de acordo com S. Tomás de Aquino" terá dito, ou deixado implícito o reitor do seminário no discurso severo que fez a Silveira Machado (Silveira Machado disse-me isso no café o Galo, onde, como disse antes, avançávamos no projecto de historiar a APIM, e tenho pena de não me recordar das suas exactas palavras).

E assim Silveira Machado, apenas por causa de uns inocentes versos de amor viu-se condenado. Uma escapadela fortuita igual a tantas outras dos seus colegas custou-lhe a ele mais do que a eles, já que eles se escapavam pelas ruas, mas não deixavam as suas escapadelas fotografadas em versos.

O seminário entendia que não tinha vocação. Ponto Final.

Subitamente Silveira Machado vê-se então atirado para a rua. Atirado para a rua? Não! Atirado para a rua seria expressão demasiado forte, isto por que a Diocese cuidava que os seus seminaristas com ou sem vocação singrassem na vida e Silveira Machado singrou.

Havia uma vaga na Repartição da Fazenda e Silveira Machado, que tinha mais habilitações (e com certeza patrocínios) do que outros possíveis concorrentes conseguiu o lugar.

Eram os anos 40 e havia a guerra

Foi em 1941 que Silveira Machado começou a trabalhar, fora de portas do Seminário de S. José. No seminário continuavam alguns dos colegas que se distinguiam no sacerdócio, e que com ele tinham vindo para Macau. Entre vários contavam-se monsenhor Manuel Teixeira, historiador e autor de uma extensa bibliografia sobre Macau e o menos lembrado padre Áureo de Castro, sobrinho de D. José da Costa

Nunes, destacado compositor e fundador da Academia de Música Pio XI, que foi durante décadas o Conservatório de Música de Macau.

Este ano foi um dos mais difíceis de Macau. A guerra lavrava em todo o Mundo e na China em particular, mas Macau, manteve-se neutral ainda que envolto num anel de fogo. Silveira Machado adapta-se à vida de funcionário público. O seminário já não o protege directamente. Mas a burocracia do funcionalismo do Estado não é suficiente e é então que descobre a sua verdadeira vocação: o jornalismo, actividade que nunca largará até ao fim dos seus dias. Decidido entra em 1948 na fundação do jornal que mais anos conta em Macau: o já referido *Clarim*.

Nos anos de fogo surge O Clarim

Terminada a guerra, Silveira Machado, apaixonado pelo cinema, resolve iniciar-se na sétima arte acompanhando em Macau o que Manuel de Oliveira fazia em Portugal e faz aqui, no Extremo Oriente, “Caminhos Longos”. Era o primeiro filme feito nesta terra.

-O filme era bom, mas o som era mau, diz-me Silveira Machado. Não admira! Os técnicos eram de Hong Kong, bem como os actores e Hong Kong ensaiava apenas os primeiros passos na indústria cinematográfica que viria a universalizar-se algumas décadas mais tarde com Bruce Lee e outros. De qualquer modo o filme teve êxito. Multidões de chineses e macaenses acorreram aos cinemas de Macau e de Hong Kong para o ver.

Mas o filme foi apenas um episódio sem consequências. Macau era uma cidade demasiado pequena para sustentar uma indústria cinematográfica que já então custava muito dinheiro. O próprio Governo de Macau não conseguia alocar verbas do orçamento suficientes sequer para alugar câmaras holofotes e muito menos pagar às estrelas de cinema.

Silveira Machado entendeu isso e passou



“O Clarim” relembra

“**S**ob lema ‘Por Deus, pela Pátria’, e com cabeçalho do pintor russo, que ao tempo vivia em Macau, George Smirnoff, o novo semanário O Clarim, suplemento da revista do mesmo nome, era posto a circular no dia 2 de Maio de 1948, já lá vão, 60 anos. Neste pequeno apontamento sobre o nascimento de O Clarim é justo registar os nomes desses rapazes da primeira hora que, juntamente com os também jovens padres Fernando Leal Maciel e Júlio Augusto Massa, fundaram este jornal: José Patrício Guterres, Herculano Estorninho, José Silveira Machado, Abílio Rosa, Gastão de Barros, José de Carvalho e Rego, Rui da Graça Andrade e Rolando das Chagas Alves. Desse leque de dez nomes que, sobretudo nos seus anos juvenis, tanto deram ao Clarim, três vivem ainda hoje em Macau e é com satisfação que aqui recordamos os seus nomes: José Silveira Machado, Gastão de Barros e José Carvalho e Rego. Aliás, Silveira Machado, para muitos o ‘professor’ Machado, foi na última década, e até há ainda bem pouco tempo, um assíduo e muito apreciado colaborador d’O Clarim. Colaboração que teve de interromper unicamente porque o peso dos seus 88 anos lhe não permite já tal esforço. Dois outros há muito se ausentaram de Macau. Com sentida saudade, deles aqui fazemos também memória.” ■

(Excerto de um artigo comemorativo do 60º aniversário do semanário)

a dedicar-se ao incentivo do desporto. Nessa altura o futebol era caso sério. E Silveira Machado apostou no desenvolvimento desta modalidade e com êxito. Os futebolistas macaenses sobressaíam. Airosa Lopes, Rocha e Pacheco.

Rocha, jogador da académica e seleccionado nacional que marcou um canto directo contra a selecção do Brasil e foi assim o brilhante autor da primeira vitória de Portugal sobre o onze campeão do mundo, um feito glorioso.

Pacheco que foi um dos grandes expoentes do futebol português dos anos 50 juntamente com Jesus Correia, Vasques, Wilson, Travassos e Martins, os cinco violinos do Sporting Clube de Portugal.

Pacheco e Rocha singraram porque Silveira Machado achou que tinham talento e cuidou deles. Airosa Lopes ficou-se por Macau e pelo hóquei em campo onde foi também estrela.

Nesse tempo estava Silveira Machado na repartição do governo encarregada da divulgação e fomento do turismo e do desporto. Repartição em que cuidou também do hóquei em campo na época em que Airosa Lopes e a equipa de Macau davam cartas, nomeadamente no “inter-ports” com Hong Kong.

Por esses tempos é criada a Escola Normal destinada a formar professor primários. A primeira em toda a história de Macau e Silveira Machado integra o seu corpo docente. Todavia a Escola Normal pouco tempo sobreviveria. Seria encerrada por falta de alunos, para ressuscitar ainda que também brevemente nos anos 80 do século XX. Silveira Machado continuaria todavia ligado à Escola Comercial a formar a juventude macaense em profissões técnicas.

Até que um dia surgiu a idade da reforma que o estado impunha. Silveira Machado atingia os 65 anos. Era tempo de se retirar do funcionalismo público. Creio que nessa altura a reforma se lhe deparou como um choque e por isso decidiu regressar a Portugal. No entanto Silveira Machado, depois de incontáveis anos em Macau que é que tinha a ver com Portugal continental, onde as filhas e netos viviam, ou mesmo



com as suas ilhas açorianas? Muito pouco e muito menos Lisboa...

Por isso após três anos de suposto “exílio dourado” regressou a Macau para sobraçar diversas pastas. Foi vogal da APIM, Comité Olímpico, da Associação de Hóquei em Patins e sei lá quantas outras organizações desportivas, sociais e culturais. Tudo sem deixar de colaborar regularmente no seu *Clarim* de sempre.

Mas a reforma (que é sempre pouco bem-vinda) deu-lhe a possibilidade de dedicar mais tempo à escrita e às tertúlias. E foi assim que no último quartel da sua vida pode finalmente publicar os seus versos e as suas prosas.



Silveira Machado, apaixonado pelo cinema, resolve iniciar-se na sétima arte e faz aqui, no Extremo Oriente, “Caminhos Longos”. Era o primeiro filme feito nesta terra.

“Macau, Sentinela do Passado” (prosa), “Rio das Pérolas” (poemas), “Macau, Mitos e Lendas” (contos), “Duas Instituições Macaenses”, “Macau na Memória do Tempo” e “O Outro lado da Vida” (retrato social de Macau).

Resta dizer o que a agência de notícias Lusa disse sobre este homem que não pode ser esquecido, quando deixou Macau para sempre aos 89 anos de idade:- Fluente em cantonês, Silveira Machado escreveu diversos livros. Muito ligado a Macau, à juventude e à comunidade, Silveira Machado nunca descartava, como explicam os amigos, uma boa discussão. Não visitava Portugal há cerca de 17 anos e costumava

dizer que se aterrasse em Lisboa, era capaz de se perder em cinco minutos. A sua actividade cívica e em prol da língua portuguesa em Macau valeu-lhe o reconhecimento da classe política, tendo sido condecorado com a Medalha da Ordem do Mérito Civil da Instrução Pública, Medalha de Mérito Desportivo (classe de prata), Medalha de Mérito Cultural, Comenda da Ordem do Mérito e grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução, esta última em Janeiro de 2005 pelo então presidente português Jorge Sampaio. Homem ligado ao desporto, turismo, educação e cultura, a sua morte é considerada uma “enorme perda” pela comunidade em geral.

Multidões de chineses e macaenses acorreram aos cinemas

de Macau e de Hong Kong para ver “Caminhos Longos”

“Fazia amizades facilmente com todos, era disciplinado e um defensor de valores humanistas em resultado da sua formação católica que o marcou para sempre”, destacou o padre Albino Pais, director do jornal *O Clarim*. A sua última obra “O Outro lado da Vida” é um testemunho da sua preocupação com o próximo”, disse ainda o prelado. “Ao longo da sua carreira como jornalista, colaborou na *Voz de Macau*, na *Revista Renascimento*, *O Clarim*, *Comunidade*, *Boletim Informativo de Macau*, e foi correspondente do *Diário da Manhã* e da revista

de cinema *Plateia*. Silveira Machado era um homem livre e eclético como se deduz desta pequena confissão que publicou:

*Em grades de ferro
te prenderam por amor
Em grades de ferro
esmagaram a tua dor
As grades não prendem
O voar do pensamento
As grades não seguram
a distância do vento
No encanto dessa idade
há de haver felicidade
p'los cristais da quimera
Há de entrar primavera*

Na memória de quem o conheceu, ficou a imagem de um homem culto, gene-

roso, apaixonado pela vida, por Macau e pelas comunidades que aqui habitam. Na Minha memória fica a recordação e “o voar do pensamento” no café “O Galo”, onde, jantamos, conversamos, divagamos, filosofamos, falamos disto e daquilo, enfim gastávamos o tempo num último café e num último *whiskey* há muitos anos. Resta dizer que o café “O Galo” também encerrou há quase tanto tempo quanto Silveira Machado decidiu partir para outro café onde hoje conversa com os seus amigos de ontem e com os novos que vão sempre aparecendo. ■

Desenho sobre fotografia de Silveira Machado com um dos amigos próximos, o poeta Alberto Estima de Oliveira





Biografia

Professor, co-fundador e jornalista do semanário católico *O Clarim*, comentador, animador cultural, dirigente desportivo e autor, José Silveira Machado nasceu a 24 de Outubro de 1918 na freguesia e Concelho de Velas, na ilha açoriana de São Jorge e faleceu a 19 de Novembro de 2007, com 89 anos, no Centro Hospitalar Conde S. Januário em Macau, sepultado no cemitério de S. Miguel Arcanjo.

A vida do professor confunde-se com a história de Macau no século XX, onde viveu cerca de 70 anos, foi professor da Escola Comercial, contribuiu para *O Clarim* e outras publicações, e deixou um património escrito invejável, incluindo um guião para cinema e vários livros de História. Macau foi a cidade do seu coração.

Sócio fundador do “Círculo Cultural de Macau”, Presidente da Comissão de Árbitros, vice-presidente do Comité Olímpico de Macau. O Professor José Silveira Machado arribou a Macau em 1933 para estudar para padre no Seminário de S. José na companhia de outras figuras de Macau como monsenhor Manuel Teixeira e o padre Áureo Castro.

Funcionário público desde Janeiro de 1941 na então chamada Repartição da Fazenda do Concelho de Macau, Silveira Machado entra em 1948 para os Serviços de Economia. Em 1974, “o professor”, como era conhecido em Macau, aposentou-se e foi viver para Lisboa em 1973. Regressa a Macau em 1976 para iniciar a carreira de docente na Escola Comercial, Colégio Dom Bosco e no Centro de Formação dos Serviços de Educação.

Quando faleceu não visitava Portugal há cerca de 17 anos e costumava dizer que se aterrasse em Lisboa, era capaz de se perder em cinco minutos.

Casou em 1946 com Margarida, pai de 4 filhas (Estela, Lurdes, Guida e Manuela), avô de 4 netos (Carla, André, João e Pedro).

Homem ligado ao desporto, turismo, educação e cultura, a sua morte foi considerada uma “enorme perda” pela comunidade em geral.

Em Outubro de 2005, com 87 anos, lança o livro “**O outro lado da vida**” uma obra que reúne textos por si publicados ao longo dos anos da sua ligação com o *O Clarim*, afirmando na altura sobre a sua idade que “*Cada Primavera que existe no frio dos meus anos, iluminou-me a mente e aqueceu-me o coração para poder continuar a escrever*”.

Com a publicação de “**O outro lado da Vida**”, o autor quis lançar um apelo à preservação e divulgação da cultura portuguesa em Macau.

“Publicar livros em Macau é também uma necessidade e um imperativo para conservar a nossa cultura neste cantinho do mundo que vai perdendo a sua identidade. É um desafio necessário porque senão a nossa comunidade pode vir a evoluir para uma Plataforma em que ninguém lê ou se preocupa com a cultura portuguesa em Macau”.

Homenagear o “*lado preto da vida*” – o das “*crianças que morrem de fome, doentes, pobres, drogados, desempregados ou imigrantes*” – foi outro factor que motivou Silveira Machado em “**O Outro Lado da Vida**”. ■



Escola do Magistério Primário

“Escola Normal” como se chamava então foi fundada em 26 de Outubro de 1965. A frequência desta escola foi sempre mínima, havendo anos em que os professores eram mais do que os alunos. A escola manteve-se em actividade até 1974 formando 24 professores, mas acabando por encerrar por falta de alunos. Uma tentativa de reactivação desta escola ocorreu na década de 80 do século passado, mas não teve sucesso encerrando poucos anos depois definitivamente.

Seminário de S. José

Fundado em 23 de Fevereiro de 1728.

A igreja do seminário, uma das mais imponentes de Macau ainda que pouco visível, levou 12 anos a construir sendo inaugurada em 1758. Passou por várias fases de altos e baixos, chegando a ser residência do bispo D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães (1772-1789), por falta de condições de habitabilidade do Paço Episcopal.

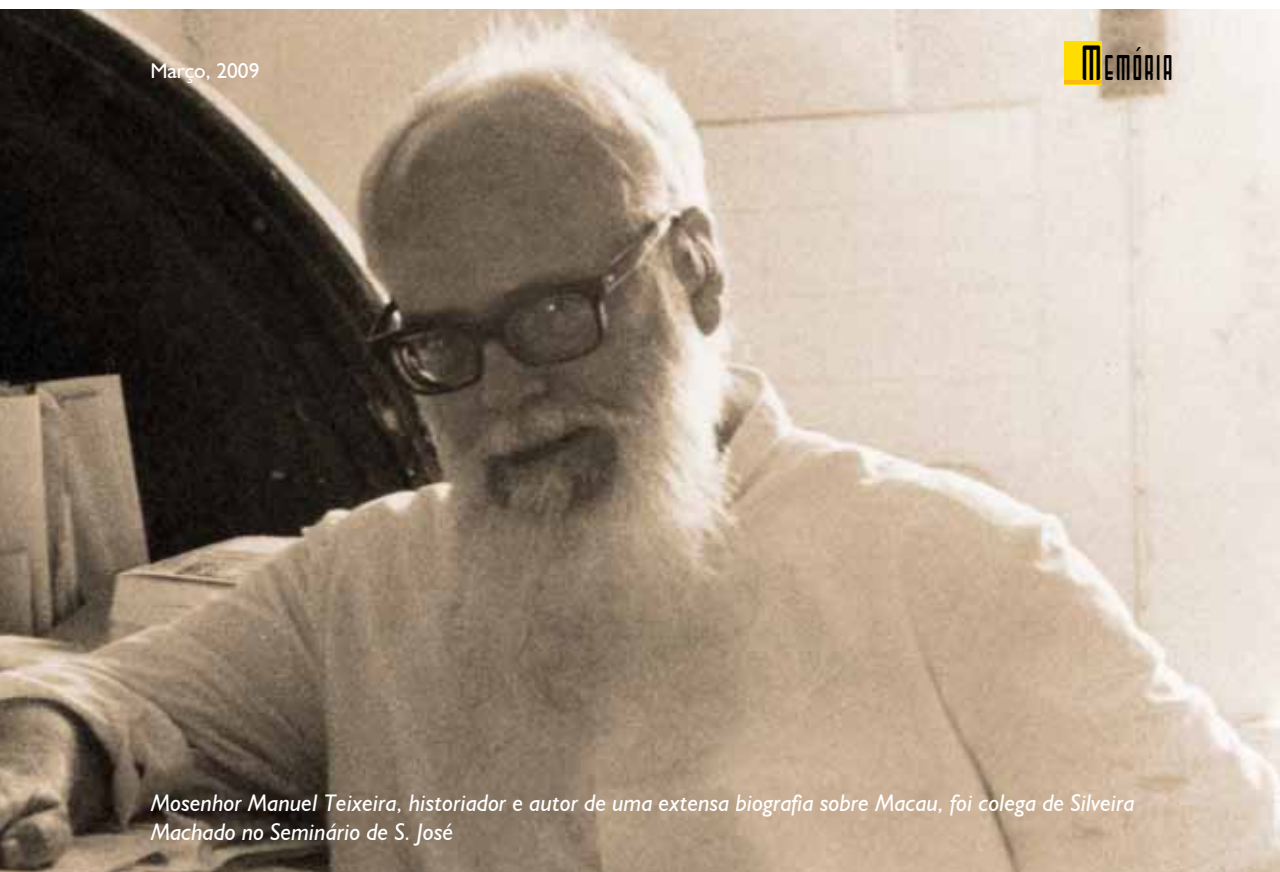
Em 1823 na sequência dos distúrbios entre liberais e miguelistas em Macau, os professores



do seminário (quase todos pró - liberais) foram obrigados a fugir de Macau e o seminário esteve virtualmente encerrado. S. José renasceu como seminário durante o reinado de D. Pedro V, que determinou a organização dos seminários no ultramar por decreto de 1856. Mais tarde (1871) devido a nova expulsão das ordens religiosas, o seminário foi mesmo secularizado.

Entre 1890 e 1910, a Companhia de Jesus volta a reassumir a direcção do Seminário, apenas para ser de novo expulsa na sequência da proclamação da república em 5 de Outubro de 1910.

Mais tarde os jesuítas regressaram à direcção do seminário, mas retiraram-se voluntariamente em 1930, tendo sido nomeado reitor em 29



Mosenhor Manuel Teixeira, historiador e autor de uma extensa biografia sobre Macau, foi colega de Silveira Machado no Seminário de S. José

de Dezembro desse ano o padre secular Abílio José Fernandes. O seminário de S. José deixou de formar sacerdotes na sequência dos tumultos de 1966. O bispo resignatário de Timor Leste, D. Ximenes Belo, foi um dos últimos seminaristas a formarem-se em S. José.

Escola Comercial “Pedro Nolasco”

Fundada em 1878, ocupava um edifício (actualmente propriedade particular) fronteiro ao Seminário de S. José. Começou por ministrar cursos de quatro anos com as disciplinas de Língua Pátria, Francês, Inglês, Matemática Elementar, Cálculo Comercial, Ciências Naturais, Espécies Comerciais, Geografia Comercial, Vias de Comunicação e Transportes, Comércio, Contabilidade Escrituração Comercial, Caligrafia, Dactilografia e Estenografia. Mais tarde (depois do 28 de Maio de 1926) a escola passaria a adotar o curriculum oficial das escolas comerciais portuguesas. Em 1952, a escola mudou de instalações ocupando o edifício que é actualmente o da Escola Portuguesa de Macau, tendo sido inaugurado pelo ministro do Ultramar Sarmiento Rodrigues em 1952.

Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM)

Fundada a 17 de Setembro de 1871, para colmatar a falta registada pela retirada forçada dos jesuítas do Seminário de S. José.

A constituição da APIM resultou de uma petição de trezentas figuras macaenses ao Governador Sérgio de Sousa (pai do ensaísta e divulgador do cooperativismo em Portugal, António Sérgio), pugnando pela instituição “de uma instrução pública bem desenvolvida, porque a posição excepcional de Macau coloca os naturais dela na necessidade de só poderem ganhar a vida exercendo misteres que requerem alguma cultura intelectual e o conhecimento de línguas estrangeiras, e por isso se vê com evidência que negar aos macaenses os meios de se instruírem, é o mesmo que tirar-lhes os meios de subsistência. A petição foi atendida. O primeiro presidente da APIM foi Maximiano António dos Remédios, mas o seu grande dinamizador seria Pedro Nolasco da Silva, razão pela qual a Escola Comercial que nasceria desta iniciativa consagraria o seu nome que ainda hoje sobrevive. ■

Aconteceu



“Um País, Dois Sistemas” 2/12 funciona

O antigo Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, que representou Portugal na cerimónia do retorno de Macau à China, a 20 de Dezembro de 1999, elogiou a aplicação do princípio “Um País, Dois Sistemas” na RAEM durante estes primeiros nove anos. “É importante ver que o princípio ‘Um País, Dois Sistemas’ funciona e, sem dúvida, que, politicamente, isso é muito importante para o mundo” – disse Sampaio.

O antigo Chefe de Estado deslocou-se a Macau como convidado de honra do 43º Congresso Nacional da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo (APAVT), que se realizou na RAEM nos primeiros dias do mês de Dezembro. ■





Cooperação entre vizinhos

5/12

Realizou-se em Zhuhai, cidade vizinha de Macau, a Conferência Conjunta de Cooperação Guangdong-Macau, que contou com a presença do Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho. Foram assinados oito protocolos visando o incremento da cooperação entre as duas regiões nas áreas do planeamento urbanístico, ensino, turismo, medicina tradicional chinesa, cultura, gestão de crises e ainda no que diz respeito à cooperação entre Macau e Zhuhai. ■

3/12 Despedida portuguesa

O embaixador Pedro Moitinho de Almeida deixou Macau, onde, ao longo de oito anos, desempenhou as funções de Cônsul-Geral de Portugal. Na véspera da partida, ofereceu, na sua residência oficial, no edifício do antigo Hotel Boa Vista, uma muito participada recepção à comunidade portuguesa do território. A secretária do Governo da RAEM para a Administração e Justiça, Florinda Chan, contou-se entre os convidados presentes e realçou o contributo do cônsul “para as muito boas relações entre Macau e Portugal”. Pedro Moitinho de Almeida passou a ser o embaixador de Portugal no Canadá. ■



5/12

Alexandre Ho suspenso

Foi tornado do público pelo Comissariado Contra a Corrupção (CCAC) que um funcionário da Administração responsável por uma entidade autónoma foi suspenso das suas funções por ter alegadamente praticado, em conjunto com um familiar, crimes de abuso do poder, burla, participação económica em negócio, peculato, falsificação de documento e corrupção em processos de aquisição de bens e serviços. O caso foi enviado para o Ministério Público, estando Alexandre Ho, presidente do Conselho de Consumidores submetido a medidas de coação. ■

7/12 Vitória etíope na Maratona

Cerca de três mil pessoas participaram na 27ª edição da Maratona Internacional de Macau, promovida conjuntamente pelo Instituto de Desporto e pela Associação de Atletismo de Macau.

O vencedor foi o atleta etíope Yemane Tsegay Adhane, que cortou a meta com um tempo recorde de 02:15:06 horas. Outros vencedores foram a atleta chinesa Lili Yuan, na categoria feminina, e Lok Wai Kin, na categoria dos atletas de Macau. O grupo Galaxy Entertainment foi o principal patrocinador do evento. ■





Visita de astronautas

Uma delegação de astronautas chineses, chefiada pelo vice-comandante chefe das Missões Espaciais Tripuladas da China, Zhang Jianqi, concluiu uma visita de três dias a Macau. Os astronautas Zhai Zhigang, Liu Boming e Jing Haipeng, que no mês de Setembro último tripularam a nave Shenzhou VII, em mais uma missão do programa espacial chinês, cumpriram uma apertada agenda de contactos, com relevo para encontros com jovens estudantes, a quem deixaram a mensagem de que “na vida é preciso traçar objectivos, lutar e nunca desistir”.

“Com a visita a vários pontos de interesse turístico, ficámos a conhecer um pouco da história de Macau, a diversidade cultural da cidade e as características que dão beleza a Macau”, disse o astronauta Zhai Zhigang, em nome do grupo. ■

10/12

Aconteceu

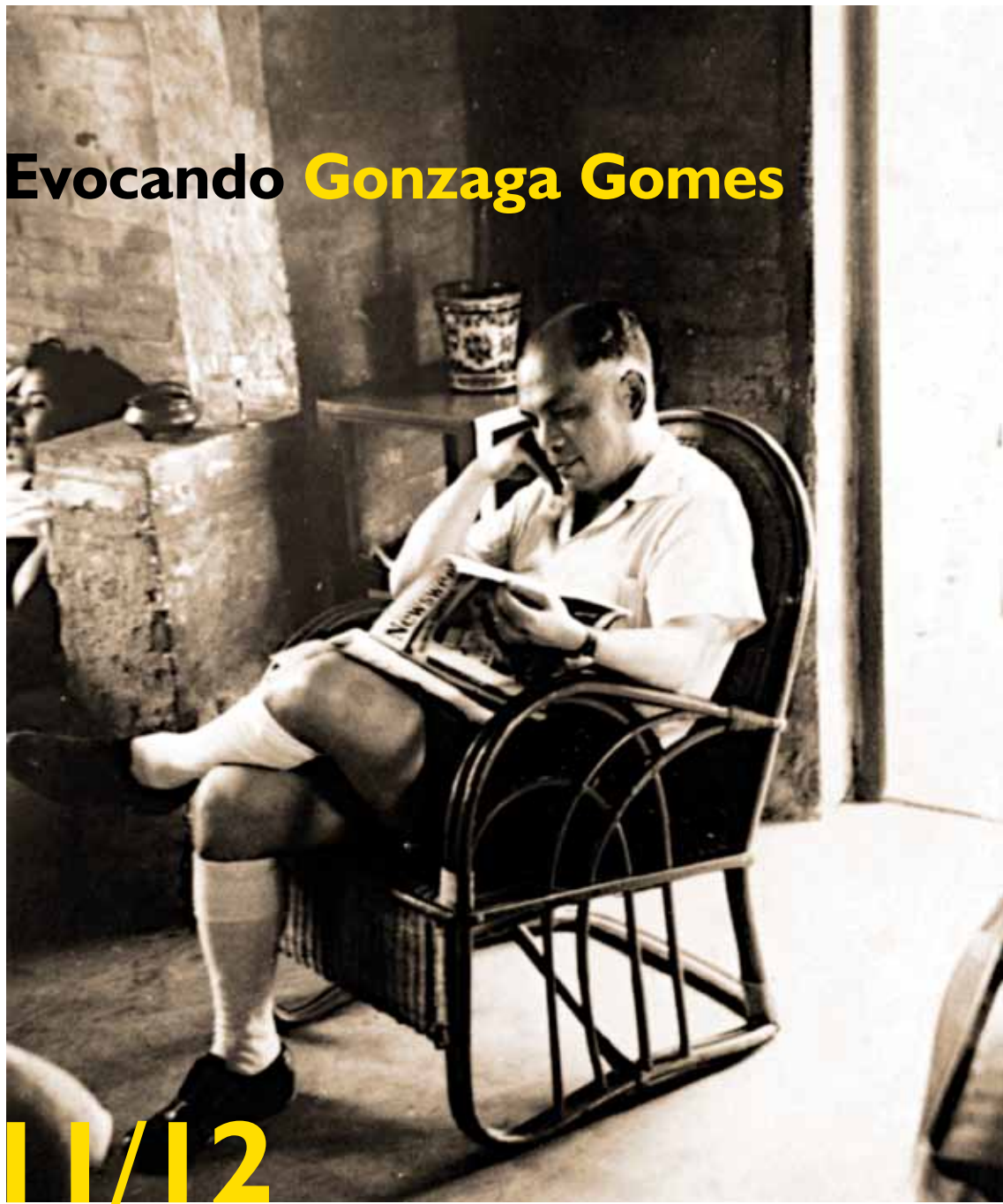
Doutores *honoris causa*



10/12

O antigo ministro do Governo Central Li Zhaoxing, o escritor macaense Henrique de Senna Fernandes, o físico Alfred Wong (Yiu Fai Wong), natural de Macau mas emigrado nos Estados Unidos da América e no Canadá, e o economista norte-americano William Eadington receberam o grau de doutor *honoris causa*, concedido pela Universidade de Macau. ■

Evocando **Gonzaga Gomes**



II/12

A projecção de um documentário sobre Luís Gonzaga Gomes, no auditório do Consulado Geral de Portugal em Macau, evocou a figura do autor macaense e do seu papel na vida cultural do território em meados do século passado. A iniciativa foi da responsabilidade da Casa de Portugal em Macau, que convidou o realizador português Luís Campos Brás a produzir o documentário. Luís Gonzaga Gomes, nascido em 1907 e autor de vários livros sobre a história de Macau e a cultura chinesa, desenvolveu uma carreira multifacetada, em que se destacam o seu trabalho à frente do Museu Luís de Camões (actual Museu de Arte de Macau) e do Arquivo Histórico de Macau. Sendo bilingue, teve um papel de relevo na divulgação da cultura chinesa aos portugueses e da cultura portuguesa aos chineses. ■



14 / 12 **Marcha para a solidariedade**

Realizou-se a Marcha da Caridade para Um Milhão 2008, organizada pelo Fundo de Beneficência dos Leitores do Jornal Ou Mun. O evento contou com cerca de 35 mil participantes, muitos deles integrados em comitivas dos respectivos serviços públicos, associações, empresas, serviços públicos e outras entidades.

Foram recolhidos 9,6 milhões de patacas. ■

Futebol veterano em Macau

A equipa de veteranos de futebol do Marítimo (Portugal) foi a vencedora da oitava edição do Torneio de Soberania organizado pela Associação dos Veteranos de Futebol de Macau (AVFM), por alturas do nono aniversário do estabelecimento da RAEM.

Além do Marítimo, defrontaram-se no torneio equipas de veteranos de Macau, Hong Kong, República Popular da China, Taiwan, Tailândia, Malásia e Nova Zelândia.

A final do torneio opôs as equipas do Marítimo e da cidade de Pequim (em representação da República Popular da China), cabendo a vitória à primeira equipa, por 4-2. É a terceira vez consecutiva que o Marítimo vence este troféu. ■





O ponto da situação da RAEM

17/12



Voando entre Pequim e Luanda

Angola e a China assinaram um acordo visando a realização de voos regulares entre os dois países, já a partir do corrente ano. Esse acordo foi um dos quatro assinados, no Grande Palácio do Povo, com a presença dos presidentes chinês, Hu Jintao, e angolano, José Eduardo dos Santos, no âmbito de uma visita oficial deste último à República Popular da China.

Dias antes tinha-se realizado um voo directo, de 13 horas, entre Luanda e Pequim, num avião da TAAG, companhia de bandeira angolana. ■



19/12

O Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau foi recebido em Pequim pelo Presidente Hu Jintao e pelo primeiro-ministro Wen Jiabao. Edmund Ho deslocou-se à capital para apresentar às autoridades centrais um ponto da situação da RAEM. Hu Jintao e Wen Jiabao sublinharam a determinação do Governo Central em ajudar Macau a enfrentar os efeitos da crise financeira mundial. ■

Nove anos de RAEM

Edmund Ho discursou na recepção oficial comemorativa do nono aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau.

O Chefe do Executivo destacou a atenção prestada pelo Governo Popular Central aos assuntos da RAEM e o seu apoio atempado nos momentos cruciais. Por outro lado, Edmund Ho sublinhou a importância da cooperação entre o Governo e os cidadãos, que será decisiva no combate aos efeitos da crise financeira internacional. ■

20/12



The logo for 'CENTES' is located in the top left corner. It features the word 'CENTES' in a bold, white, sans-serif font, set against a black rectangular background. To the left of this background is a yellow graphic element consisting of several curved lines that suggest a sunburst or a stylized 'C' shape.

CENTES

The author's name, 'Mariana Palavra', is centered at the top of the page. It is written in a white, sans-serif font. A thin yellow horizontal line is positioned directly above the text, extending from the right edge of the page towards the center.

Mariana Palavra

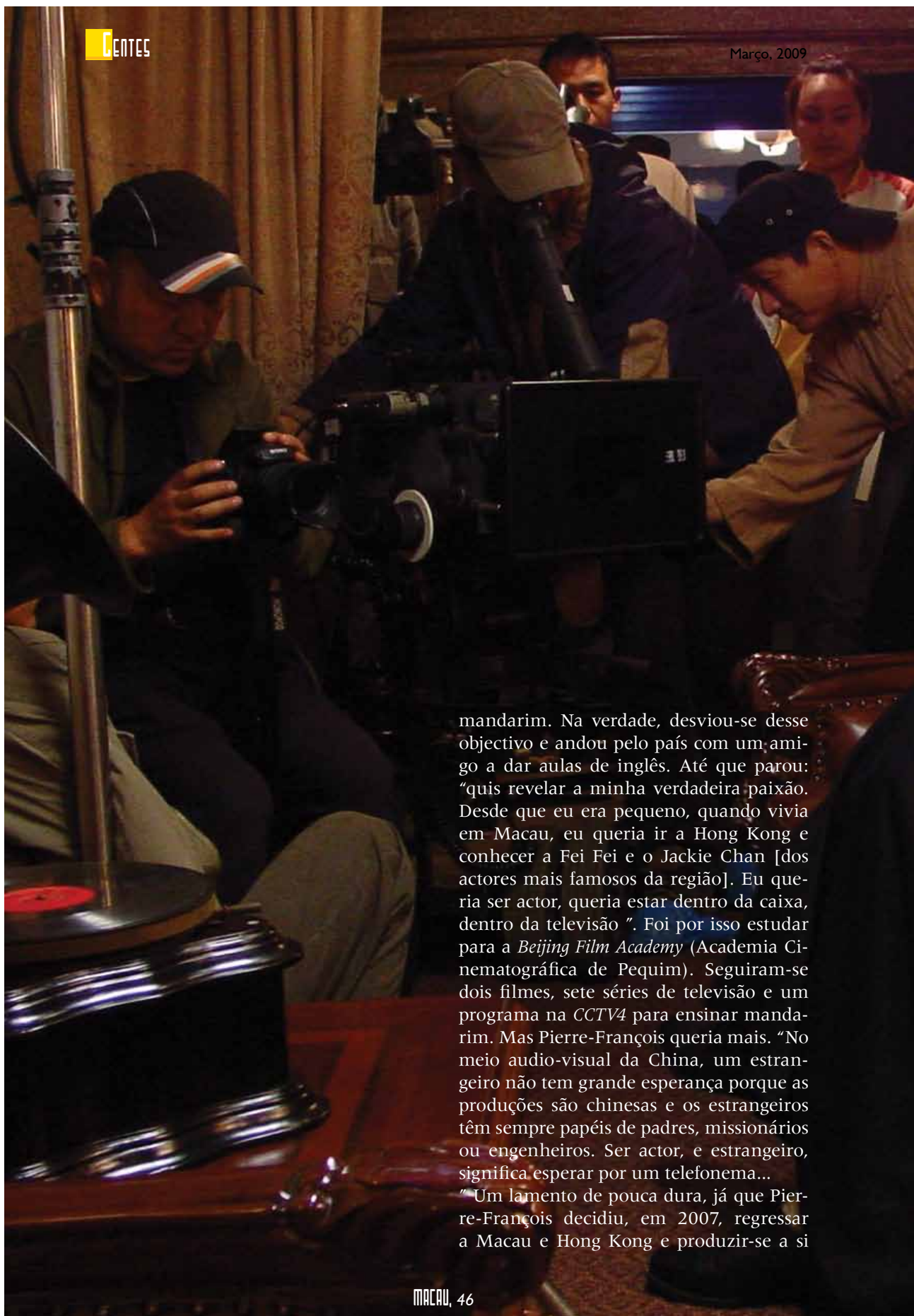
The main title, 'Uma vida em alguns minutos', is positioned in the lower-left quadrant of the page. The text is rendered in a large, bold, yellow sans-serif font. The background of the entire page is a high-contrast, black and white close-up photograph of a man's face, looking slightly to the right. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the intensity of his gaze.

**Uma vida
em alguns minutos**

Antes mesmo que lhe perguntem (porque passam a vida a fazê-lo), Pierre-François Métayer esclarece de imediato que é um puro francês... embora não se sinta como tal. Um francês que, nascido de fresco, veio viver para Macau, onde frequentou escolas chinesas. Quando voltou a Paris, em idade de adolescência, já levava na ponta da língua o cantonense e o mandarim. O regresso a Macau fica marcado por um minuto e picos de programa diário, transmitido na televisão local


Sabe de cor as datas da sua infância em Macau. Um regresso ao passado detalhado (e forçado) para obter autorização de residência. “Sou muito preciso com os números porque recentemente pedi o meu BIR, sei donde é que vim, quando vim, a que horas nasci o que sou, sei tudo. Perguntem-me!”, desafia Pierre-François Métayer. Resposta (simplificada): nasceu em Paris em 1981 e, um ano e qualquer coisa depois, os pais decidiram mudar-se para Macau. Aqui ficaram durante quase uma década. Pierre-François começou desde cedo a frequentar instituições de ensino em língua chinesa. A primeira experiência foi num infantário da Pe-

nya. Mais tarde ingressou na Escola Ricci, onde permaneceu três anos, de 1985 a 1988. “Lembro-me de estarmos de pé e termos de cantar em coro orações, em cantonense. Como [o filme] os Coristas”, recorda. Habitou-se cedo a ser diferente, o único não-chinês. “Eu era o único branco, no meio de chineses. Ainda por cima, eu não era bonito, tinha um angioma na bochecha. Tinha que lutar, tinha que sobreviver”, refere o aluno que era conhecido na escola como Kuai Lou ou Kuai Chai [Diabo velho ou menino Diabo, tradução livre de nomes atribuídos aos ocidentais em cantonês]. A diferença, no entanto, nunca esteve na língua. “Eu não sei o que é aprender chinês, nunca tive qualquer dificuldade, foi natural”. Mas, se o cantonês não era um problema, “o alfabeto em inglês era... eFo, eLo, eZed.” Por isso, os pais de Pierre-François colocaram-no, de 1988 a 1991, na Escola das Nações, onde também começou a aprender mandarim pela primeira vez. Seguiu-se o estudo a partir de casa, através do *Centre National d'Enseignement à Distance* (centro nacional de ensino à distância). “Aprender o ‘complément d’objet direct, l’imparfait du subjonctif’... Victor Hugo...Mas quem é este?”, lembra com um sorriso. Ao mesmo tempo, tinha lições privadas de mandarim e de inglês, enquanto continuava a aprender cantonês na rua. Em 1992 regressou a França e estranhou. “Era muita diversidade. Por exemplo, aqui eu nunca tinha visto um negro, só brancos e amarelos, não percebia isso de colónias...Estava confuso e tinha problemas na escola.” A relação com a escola foi inconstante. Aos 15 anos decidiu deixar os estudos, passou depois por três anos de formação em hotelaria, mas sem nunca largar o mandarim (e os caracteres), através de aulas privadas. Pierre-François não demorou muito tempo a concluir que sem estudos não havia trabalho, por isso, terminou o ensino secundário e, em 2001, rumou a Pequim. “Já em 1997 e 1998 tinha lá ido estudar um mês, ‘cheirar o ambiente’”. Cheirou, gostou e voltou para estudar seis meses



mandarim. Na verdade, desviou-se desse objectivo e andou pelo país com um amigo a dar aulas de inglês. Até que parou: “quis revelar a minha verdadeira paixão. Desde que eu era pequeno, quando vivia em Macau, eu queria ir a Hong Kong e conhecer a Fei Fei e o Jackie Chan [dos actores mais famosos da região]. Eu queria ser actor, queria estar dentro da caixa, dentro da televisão”. Foi por isso estudar para a *Beijing Film Academy* (Academia Cinematográfica de Pequim). Seguiram-se dois filmes, sete séries de televisão e um programa na *CCTV4* para ensinar mandarim. Mas Pierre-François queria mais. “No meio audio-visual da China, um estrangeiro não tem grande esperança porque as produções são chinesas e os estrangeiros têm sempre papéis de padres, missionários ou engenheiros. Ser actor, e estrangeiro, significa esperar por um telefonema...

“Um lamento de pouca dura, já que Pierre-François decidiu, em 2007, regressar a Macau e Hong Kong e produzir-se a si



próprio. “Cantoneses in One Minute” foi o seu primeiro trabalho, entretanto comprado e transmitido pela *Teledifusão de Macau*. “Foi o resultado de uma mistura de muitos conselhos, de muitas opiniões cozinhadas. Um pouco disto e daquilo e deu um bom cozinhado. Um minuto porque eu queria ser rápido e divertido. Não é uma aula de gramática ou apenas uma piada, são ambas as coisas”, explica o produtor, realizador e apresentador do programa que ensina algumas palavras básicas de cantonês. Mas também há quem se queixe da velocidade de digestão desse cozinhado: “Dizem-me que é muito rápido, que têm que suster a respiração quando vêem o programa, total silêncio, ‘calem-se, calem-se’”. Agora, Pierre-François não quer parar. Realizar documentários sobre a realidade local é um dos projectos. Mas, ‘one minute’ depois, o que se segue? “Vem aquilo que vocês estão à espera...”, deixa no ar. Muito provavelmente mais um minuto de qualquer coisa. Fica o suspense. ■

Aconteceu



I/I “Ano crucial”

Na sua tradicional mensagem de Ano Novo, o Chefe do Executivo considerou que 2009 será um “ano crucial”, devido à realização de eleições para o terceiro mandato do Chefe do Executivo e para o quarto mandato da Assembleia Legislativa da RAEM. Edmund Ho manifestou a

convicção de que “a participação activa da população nestes acontecimentos irá promover o prosseguimento com maior êxito dos princípios ‘um País, dois sistemas’ e ‘Macau governado pelas suas gentes’ com alto grau de autonomia”.

No plano sócio-económico, após

Março, 2009



2/1 Novo administrador da Imprensa Oficial

Lei Wai Ning tomou posse como administrador da Imprensa Oficial, sucedendo no cargo a António Ernesto Silveiro Martins, que se aposentou. Lei Wai Ning já exercia o cargo de administrador substituto desde Julho do ano passado. O novo administrador da Imprensa oficial, de 40 anos de idade, ingressou na Função Pública em 1992, é licenciado em Administração Pública e tem um mestrado em Ciências Sociais pela Universidade de Macau. ■

alertar para os riscos para Macau decorrentes da crise financeira internacional, considerou no entanto que, “com os trabalhos desenvolvidos ao longo destes anos, as bases da nossa economia têm sido consolidadas, reforçando assim a capacidade dos cidadãos para vencer as dificuldades”. ■

Aconteceu



Xi Jinping visita RAEM

O vice-Presidente Xi Jinping, que tem a seu cargo os assuntos de Macau e Hong Kong, terminou uma visita de dois dias à Região Administrativa Especial de Macau, a convite do Governo local.

Durante a sua estadia, participou num jantar oficial de boas-vindas do Governo local e teve encontros com titulares dos principais cargos da RAEM e outras individualidades.

Foi informado pelo secretário para os Transportes e Obras Públicas, Lao Si Io, sobre os projectos de desen-

volvimento do Governo. Xi Jinping visitou duas famílias de residentes de Macau e o edifício dos Serviços Comunitários da União Geral das Associações de Moradores.

No segundo e último dia da visita fez um passeio pelo Centro Histórico de Macau, que está inscrito no Património Mundial da UNESCO, e deslocou-se às casas-museu da Taipa, onde teve um encontro com a comunidade macaense. Também visitou o Centro de Experimentação de Jovens e o Parque Industrial Transfronteiriço.



A visita do vice-Presidente mereceu grande relevo em toda a imprensa local, que sublinhou as suas declarações em defesa da diversificação da economia de Macau, nomeadamente através da utilização de uma área situada na ilha da Montanha (Hengqin). Nos seus discursos e declarações públicas, Xi Jinping elogiou a estabilidade que a economia de Macau tem conseguido manter, apesar do impacto da crise financeira internacional, e exortou os compatriotas da RAEM a unirem esforços para melhor enfre-

tarem as dificuldades. E agradeceu a solidariedade manifestada pela população de Macau aquando dos nevões que assolaram algumas regiões da China e o tremor de terra que atingiu a província de Sichuan, bem como às manifestações de regozijo pela passagem da Chama Olímpica por Macau e o sucesso missão espacial tripulada "Shenzhou VII".

A propósito do décimo aniversário do estabelecimento da RAEM, o vice-Presidente afirmou que "desde o seu retorno, a RAEM conseguiu, sob a liderança do Chefe do Executivo Edmund Ho e do Governo da RAEM, resultados no desenvolvimento económico, melhorias na qualidade de vida e estabilidade social". Xi Jinping referiu também a regulamentação do artigo 23 da Lei Básica, sobre a defesa da segurança do Estado, que "o Governo da RAEM conseguiu tratar de forma adequada e de acordo com a Lei Básica". O programa de desenvolvimento e reforma do Delta do Rio das Pérolas 2008-2020, recentemente anunciado e que envolve de forma estreita as regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau, foi igualmente referido por Xi Jinping, que manifestou a esperança de que Macau possa agarrar as oportunidades propiciadas pelo mesmo programa.

A circunstância de Macau ter de preparar, no corrente ano, as eleições para o Chefe do Executivo e para a Assembleia Legislativa, bem como as comemorações do 10º aniversário do regresso à Pátria, levou o vice-Presidente a afirmar que "o Governo Central acredita que o Governo (local) e todos os sectores sociais de Macau podem tratar convenientemente destes assuntos tão importantes e que dizem respeito ao desenvolvimento a longo prazo e ao bem-estar da população".

Xi Jinping também sublinhou o contributo da comunidade macaense na construção da RAEM e, ao visitar o Centro Histórico de Macau, elogiou "o espírito de tolerância e abertura das gentes de Macau". ■

Residentes e entidades



Realizou-se no Centro Cultural a cerimónia de imposição de medalhas e títulos honoríficos de 2008, da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), num total de 40, para premiar os serviços extraordinários em prol da RAEM e contributos de individualidades e entidades de Macau para uma sociedade melhor. Da esquerda para a direita, na primeira fila da esquerda da fotografia, estão Lai Chan Keong, Lao Ngai Leong e Chang Chi Fai, com a Medalha de Mérito Industrial e Comercial, e Pun Hon Veng, com a Medalha de Honra Lótus de Prata, a mais alta condecoração entre as que foram atribuídas, visando galardoar a prestação de serviços excepcionais para a imagem e bom nome ou com

grande relevância para o desenvolvimento da RAEM. Na primeira fila da direita da fotografia, Leong Man Io e Lok Wai Kin, com a Medalha de Mérito Profissional, e Lei Sok Ieng e Ian Mei Kun (em representação do Instituto de Formação Turística), com a Medalha de Mérito Turístico. Na segunda fila da esquerda, Jeong Cheong Seng e Chang Chin Nam, com a Medalha de Mérito Desportivo, e Kong Tat Choi, Chiang Sao Meng, Chan Meng Kam e Pedro Ho, com a Medalha de Mérito Altruístico. Na segunda fila da direita, Miguel Senna Fernandes (em representação do grupo Dóci Papiçam di Macau), Lai Seng Ieng e Lam Fong Ngo, com a Medalha de Mérito Cultural,

distinguidos pela RAEM



e Chan Tat Ming, Maria Edith da Silva e Louisa Lui, com a Medalha de Mérito Educativo. Na terceira fila da esquerda, Lei On Kei, com o Título Honorífico (Valor) e Jacky Jean-Loius Semblat (em representação de Joel Daniel Rabuchon), com o Título Honorífico (Prestígio), e ainda Sit Kuok Chio, Pun Chi Meng e Leong Heng Kao, com a Medalha de Serviços Distintos (Serviços Comunitários). Na terceira fila da direita da fotografia, Liu Pan In, Iu Vai Pan e Glória Batalha Ung, com a Medalha de Serviços Distintos (Dedicação). Zhang Xu Ming (em representação da Equipa Médica de Assistência a Sichuan do Hospital Kiang Wu), e Dr. Chan Wai Sin (em representação da Equipa Médica de Assistência a Sichuan do

Centro Hospitalar Conde de São Januário), com a Medalha de Serviços Distintos (Valor). Na última fila da esquerda, Wu Keng Kuong (em representação da Associação de Indústria Turística de Macau) e Chan Chi Kit (em representação da Associação das Agências de Turismo de Macau), Lao Nga Wong (em representação da Associação das Agências e Viagens de Macau), Lao Mui Kuai (em representação da Associação dos Familiares Encarregados dos Deficientes Mentais de Macau) e Kuan Sok In, todos com o Título Honorífico de Valor. Finalmente, na última fila da direita, Paulo Duarte Gomes de Senna Fernandes, Chan Io Tong, Leong Ka Chon, Au Kuan Cheong e Ng Wai Hou, todos com o Título Honorífico de Valor. ■



19/1

Recepção no Gabinete de Ligação

O Gabinete de Ligação do Governo Central na Região Administrativa Especial de Macau promoveu, como em anos anteriores, uma recepção por ocasião da Festa da Primavera.

No discurso que então proferiu, o director do Gabinete de Ligação, Bai Zhijian, disse que a aplicação do princípio “Um País, Dois Sistemas” em Macau está prestes a entrar “numa nova fase de desenvolvimento”, com a celebração, no corrente ano, dos 60 anos da implantação da República Popular da China, o 10º aniversário do estabelecimento da RAEM e as eleições para o Chefe do Executivo e a Assembleia Legislativas.

Bai Zhijian sublinhou ainda o “apoio total” ao Chefe do Executivo e ao Governo da RAEM no seu trabalho em prol da prosperidade e da estabilidade de longo prazo do território. Por seu turno, o Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, evocou as medidas de apoio do Governo Central a Macau, anunciadas pelo vice-Presidente Xi Jinping na sua visita, e sublinhou a necessidade de “agarrar com firmeza todas as oportunidades que aparecerem neste difícil período, por forma a promover empenhadamente a diversificação adequada da economia”. ■



Ajudando Sichuan

Uma delegação da RAEM liderada pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Fernando Chui Sai On, concluiu uma visita de quatro dias à província de Sichuan, que em Maio do ano passado foi atingida por um forte sismo, que provocou milhares de mortos, feridos e deslocados, e ainda uma vasta destruição.

A visita está relacionada com o compromisso de Macau de conceder nos próximos três a cinco anos um total de 5,5 mil milhões de patacas de apoio à reconstrução da província. A delegação inteirou-se do andamento das obras de reconstrução da província. ■

20/1



22/1

**Centro de cultura
no bairro de S. Lázaro**





Um Espaço Cultural e Recreativo foi inaugurado em pleno bairro de S. Lázaro, uma zona antiga da cidade presente-mente pouco habitada mas onde ainda existem diversos edifícios típicos das primeiras décadas do século XX. O novo centro de cultura e lazer fica instalado do chamado Albergue da Santa Casa da Misericórdia e pretende revitalizar aquela zona, ao mesmo tempo que desempenha um papel de catalizador da criatividade e do intercâmbio cultural. ■



Aconteceu

26/1

Ano Novo Chinês

Às zero horas do dia 26 de Janeiro, a população de Macau saudou festivamente o início do novo ano lunar. O Ano Novo Chinês é a mais importante festividade de Macau, produzindo uma alteração significativa no quotidiano da cidade. De acordo com o calendário lunar tradicional, que é utilizado para referenciar a maior parte das festividades chinesas, o ano do Búfalo prolongar-se-á até ao dia 13 de Fevereiro de 2010. A 14 de Fevereiro terá início o ano do Tigre. ■

Isabel Castro

A escola para o multiculturalismo

Foto cedida pelo IJUM



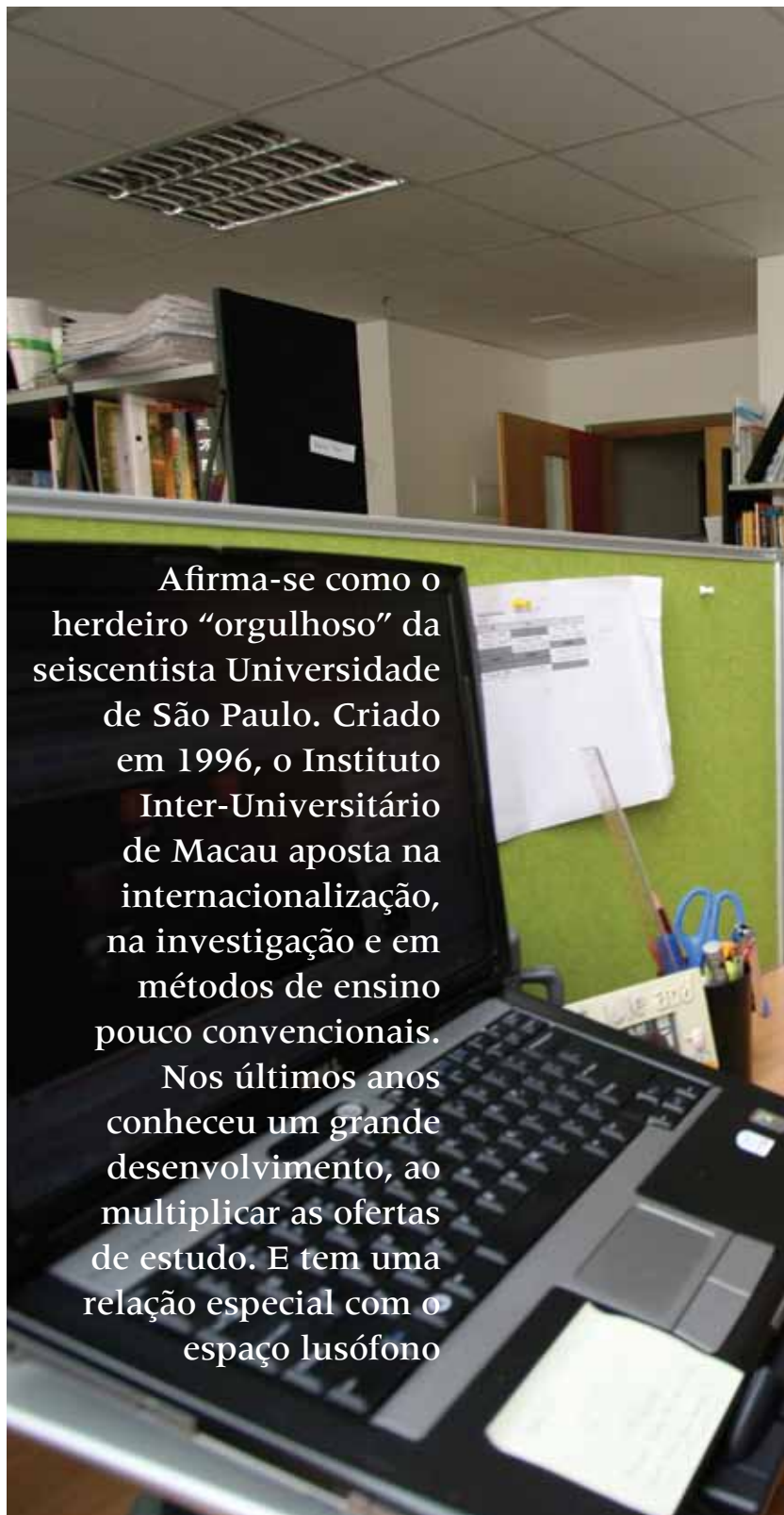
**Instituto Inter-Universitário
aposta na investigação e na captação
de alunos estrangeiros**

Começou por ser uma escola de pós-graduações, com poucos estudantes, mas rapidamente se transformou numa das mais pujantes universidades da RAEM. Nos últimos anos o Instituto Inter-Universitário de Macau (IIUM) multiplicou as ofertas curriculares, passou a oferecer 21 licenciaturas e programas, incluindo o pré-universitário, 16 mestrados e nove opções ao nível do doutoramento.

Os cursos disponíveis são de áreas diversas, do Design aos Estudos Religiosos, passando pelos Estudos Governamentais, Psicologia e Estudos Lusófonos, entre muitas outras opções.

No corrente ano lectivo estão inscritos cerca de 1200 alunos. Em Setembro próximo, calcula o reitor da instituição, Ruben Cabral, deverão frequentar o IIUM 2000 estudantes, divididos entre os diferentes níveis de ensino. “O tecto que nós queremos para a nossa universidade é de 2200 alunos, não mais do que isso.” É essa a capacidade do novo campus, que está a ser construído e deverá entrar em funcionamento no próximo ano.

A dimensão da universidade prende-se com a orientação pedagógica que tem. Com uma aposta clara na investigação, o IIUM transporta o conceito reservado, por norma, aos académicos, para os alunos que iniciam a



Afirma-se como o herdeiro “orgulhoso” da seiscentista Universidade de São Paulo. Criado em 1996, o Instituto Inter-Universitário de Macau aposta na internacionalização, na investigação e em métodos de ensino pouco convencionais.

Nos últimos anos conheceu um grande desenvolvimento, ao multiplicar as ofertas de estudo. E tem uma relação especial com o espaço lusófono



Foto cedida pelo IIUM

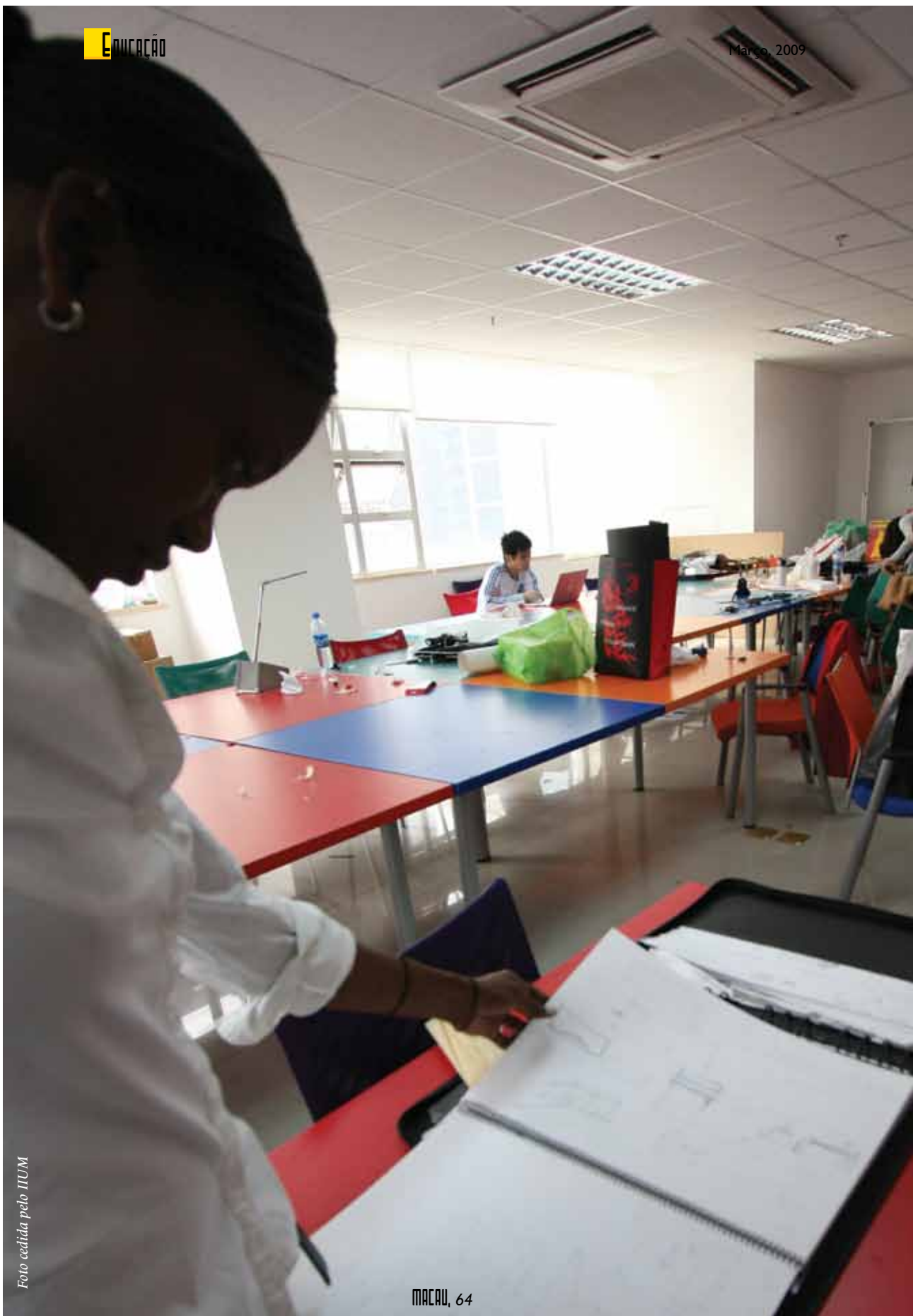


Foto cedida pelo IJUM



Os cursos são todos ministrados em inglês mas há duas línguas de aprendizagem obrigatória para todos os alunos: mandarim e português. Através do ensino destes idiomas pretende-se dotar os alunos de instrumentos de comunicação que lhes permitam perceber mais mundos além daqueles de onde vêm

sua vida universitária. “O número de aulas de cátedra é muito pequeno e toda a universidade assenta numa estratégia de resolver problemas, fazer projectos, estimular os alunos a investigarem”, explica o vice-reitor para a Investigação e Relações Internacionais, Ivo Carneiro de Sousa.

Mas a dimensão da instituição está ainda relacionada com outra componente que, para o IIUM, é imprescindível neste tipo de estabelecimento de ensino: “a dimensão humanista e cristã”, como vinca o pró-reitor Luís Sequeira. Nesta lógica, continua o jesuíta, “destaca-se a preocupação pelo apoio e acompanhamento personalizado, que é algo que as grandes universidades terão dificuldade em fazer”. O IIUM, garante Luís Sequeira, preocupa-se com “a formação intelectual, sendo que esta é acompanhada por uma dimensão pessoal forte em liberdade, criatividade e dinamismo.” Crescer muito seria sinónimo de perda do “sentido da pessoa”.

Salas de aula viradas para o mundo

Com uma forte ligação à Universidade Católica Portuguesa, o IIUM congratula-se por ser uma “faculdade europeia internacional”, uma da “identidades” apontadas por Ivo Carneiro de Sousa para descrever o projecto.

A identidade europeia está na sua raiz e no modelo adoptado ao nível dos cursos, feitos à semelhança do previsto no Acordo de Bolonha. “As licenciaturas adaptaram-se já em termos de organização modular e de créditos”, que podem ser transferidos na esfera dos países que adoptaram o acordo.

O lado internacional faz-se através do corpo docente, com professores das mais variadas origens, e principalmente pelos alunos. O Instituto tem vindo a trabalhar no sentido de alargar as suas redes de contactos e de cooperação ao nível internacional. A comunicação com instituições académicas do espaço lusófono é uma das apostas.

“O panorama étnico dos alunos é muito diversificado: temos alunos da Nigéria, do Irão, de países europeus e vão chegar cerca de vinte alunos do Brasil para estudarem connosco”, afirma Ruben Cabral. “Desde o princípio sempre quisemos que esta universidade tivesse cerca de trinta por cento de alunos de Macau, trinta por cento da China Continental e outros tantos alunos internacionais.”

Ivo Carneiro de Sousa acrescenta que, neste momento, há já “dezenas de nacionalidades” dentro da universidade: alunos do Paquistão, da Índia, de Timor-Leste, de São Tomé, da Guiné-Bissau, da Guiné-Conacri, do Mali, de Moçambique, da Nigéria e de Angola. “Temos mais de 20 alunos do Myanmar e estudantes do Vietname e



Da esquerda para a direita: Ivo Carneiro, vice-reitor para a Investigação e Relações Internacionais; Ruben Cabral, reitor do IIUM; Luís Sequeira, pró-reitor.

de Singapura. Estamos a fazer os primeiros contactos com o Vietname e o Camboja”, acrescenta o vice-reitor.

“Estamos a desenvolver sistematicamente a cooperação com os países de expressão portuguesa. Queremos ser realmente internacionais, não apenas de nome mas na prática”, acrescenta o docente.

A diversidade cultural é “deliberada” e tem as suas consequências, nem sempre positivas. “Temos que lidar com problemas mais ou menos abertos de diferenciação étnica e cultural que às vezes são um pouco mais agressivas do que outras”, conta Ruben Cabral.

Porque os ambientes multiculturais, com as suas diferenças em termos de hábitos, tradições, idiomas e religiões, não nasceram perfeitos, a escola integra cadeiras específicas para aprender a viver e a conviver com a diferença. “Temos uma estratégia em que todas as licenciaturas

partilham determinadas disciplinas, como “World Lab”, “Life Lab”, “Knowledge and Humanity”. São cadeiras pensadas para se trabalhar a diversidade cultural”, vinca Carneiro de Sousa.

Os cursos são todos ministrados em inglês mas há duas línguas de aprendizagem obrigatória para todos os alunos: mandarim e português. Através do ensino destes idiomas pretende-se dotar os alunos de instrumentos de comunicação que lhes permitam perceber mais mundos além daqueles de onde vêm.

Em contacto com a comunidade

Dentro daquilo que são as ofertas ao nível do ensino universitário em Macau, o IIUM distingue-se pela abordagem pedagógica que tem, e que faz com que tenha uma “identidade ao nível da investigação”, não só na forma como as



Foto: António Mil-Homens

aulas são conduzidas, como também em trabalhos de pesquisa.

Esta componente forte de investigação traduz-se numa relação com a comunidade. Para começar, as pesquisas feitas estão vinculadas a questões sociais; além disso, o Instituto abre com frequência as suas portas à comunidade, através da realização de seminários e de frequências. “A nossa actividade pública decorre directamente dos centros de investigação. Algumas dessas actividades estão ligadas a redes internacionais em que sistematicamente nos temos vindo a introduzir”, explica Ivo Carneiro de Sousa. Porque “não é possível ser competitivo em todas as áreas”, prossegue, a universidade entendeu concentrar esforços nalguma.

Assim, a investigação que está a ser feita debruça-se sobre os impactos do processo de globalização na região onde se encontra e a “mudança social”, onde se

incluem o processo de transição demográfica e a mudança climática.

Esta vertente da investigação aplica-se a todos os programas. O vice-reitor dá um exemplo: “O curso de Arquitectura, que começa em Setembro, vai estudar essas mudanças sociais”.

Depois, a aposta na área da investigação permite ainda estar em contacto com o mundo e desenvolver o conceito de participação. “Todos estes seminários têm a ver com a mobilização. Não temos qualquer tipo de tabu, discutimos tudo”, vinca Carneiro de Sousa.

Para este ano estão já planeados vários seminários, com destaque para a crise económica. O IIUM vai também fazer o balanço da Região Administrativa Especial de Macau, nos dez anos do seu estabelecimento, com conferências sectoriais que pretendem mostrar perspectivas nem sempre tidas em conta. “Algumas pessoas vão fazer balanços do que se publicou em dez anos, nas Artes, nas Ciências Sociais... Essas partes que parecem mais escondidas mas que são essenciais para perceber a sociedade.”

Da lista de planos para as conferências abertas ao público faz ainda parte um conjunto de iniciativas sobre o planeamento urbano.

Ensinar a duvidar

Na perspectiva puramente pedagógica, o IIUM também sobressai por ter optado por uma metodologia de interactividade a vários níveis. “As estratégias pedagógicas são baseadas numa metodologia interactiva entre os próprios alunos, entre os alunos e os professores, e entre o ambiente académico e a comunidade exterior”, resume o vice-reitor José Alves.

“Os alunos têm que aprender a funcionar de forma independente mas nos grupos onde estão inseridos nas salas de aula, com os professores e com o meio exterior, com as empresas e as organizações não governamentais com que estamos a iniciar projectos”, acrescenta.

A universidade afasta assim o tradicio-

“Os alunos têm que aprender a funcionar de forma independente mas nos grupos onde estão inseridos nas salas de aula, com os professores e com o meio exterior, com as empresas e as organizações não governamentais com que estamos a iniciar projectos”

José Alves, vice-reitor do IIUM

Foto: António Mil-Homens

nal método de ensino em que o professor chega à sala de aula, debita matéria que o aluno memoriza com o objectivo principal de passar no exame. “Uma das coisas que nos propomos fazer é desafiar os alunos para que questionem, para que ponham em causa aquilo que se julga saber”, sublinha Ruben Cabral.

É o conceito “viver no fio da navalha em termos de ciência, questionar constantemente, porque não há respostas científicas, só há perguntas científicas”, algo que “é fundamental” para o reitor. Ruben Cabral salienta ainda a forma como o conhecimento está estruturado. “As licenciaturas não são especializações, não faz sentido. O aluno que está a tirar Design tem cadeiras de Filosofia, de Psicologia, de Religião, porque temos que conceber a fase do pós-secundário como um aprofundamento da cultura geral, daquilo que se sabe”,

diz, defendendo que “a concentração profissionalizante começa, sobretudo, no mestrado”.

O reconhecimento internacional

Quem estuda no IIUM tem a garantia de que não terá problemas com o reconhecimento do seu curso dentro ou fora de Macau. Além disso, tem uma ligação com a Universidade Católica Portuguesa (UCP) que é sinónimo de credibilidade. Embora o goze de total autonomia, o reitor do Instituto é nomeado pela UCP. “Todos os diplomas, graus académicos e certificados são dados automática e conjuntamente por nós e pela Universidade Católica”, afirma Ruben Cabral. Trata-se de uma “mais-valia tremenda, porque a UCP não só tem acreditação na Europa, como ao nível internacional”. ■

Maria João Belchior (texto e fotos)

萬世師表

Confúcio entre amigos de lugares longínquos





A Ordem das Coisas


Uma frase, uma citação, um conselho, um ensinamento. Na China não é difícil ouvir alguém citar Confúcio de memória. Parte integrante da cultura tradicional, o confucionismo não é apenas um ensinamento na escola mas também uma ideia transmitida de pais para filhos. Sobre respeito, sobre tradição, sobre ordem social.

Nunca apagada na história do país, a ética confucionista passou por momentos de maior atenção ou esquecimento consoante a época. Num período marcado pela desordem, aquele em que viveu, – o período dos Três Reinos entre o século VI e V a.C. –, Confúcio falava da necessidade de ordem, reservando um papel para cada pessoa em sociedade. Influente já no seu tempo, o pensamento do filósofo revelou-se intemporal e as virtudes explicadas há séculos na China são ainda

as mesmas que devem pautar o comportamento de um homem correcto, seja ele um líder ou um filho.

Imagem da cultural ancestral o filósofo tem vindo a ser como que recuperado nos últimos anos enquanto mensageiro da China para o mundo através do ensino da língua.

Actualmente com 295 institutos a funcionar em várias universidades, o nome de Confúcio nos institutos já ultrapassa em número o de Goethe e Cervantes juntos. A vontade de dar a conhecer o país e a cultura levou o Governo Central, através do Ministério da Educação, a desenvolver parcerias em todas as latitudes e longitudes. Confúcio terá referido um dia o prazer que era receber visitas de amigos de lugares distantes. Hoje a História lê-se de outra forma com Confúcio a ser o primeiro a



Quando o Governo Central promoveu a abertura do primeiro Instituto Confúcio no estrangeiro começou a aposta para a difusão do mandarim a nível internacional. Cinco anos depois do projecto-piloto, os institutos Confúcio alargaram-se a todo o mundo e já há cerca de 40 milhões de pessoas a estudar mandarim

visitar esses locais longínquos.

O número de estudantes a aprender mandarim a nível mundial já chega aos 40 milhões. Impressionante tendo em conta que é um número que aumenta em milhares por cada ano que passa.

Com um dos mais recentes institutos inaugurado em Teerão no Irão em Janeiro deste ano, o grupo Hanban, representante do Ministério da Educação para a expansão da língua além-fronteiras, aproxima-se de alcançar os 300 institutos em todo o mundo durante o ano 2009. Mas este não é o objectivo central.

A missão do grupo continua a ser a expansão da língua e da cultura do *Império do Meio*. O nome 'Hanban' surge como diminutivo da denominação original chinesa para o Gabinete do Conselho Directivo Internacional para a Língua chinesa. 'Han' refere-se à língua do povo 'Han'

e 'Ban' significa gabinete. O grupo foi criado em 2004.

Para os jovens chineses que frequentam agora universidades nacionais, o projecto de alargar o ensino do chinês a nível mundial é positivo porque poderá no futuro proporcionar intercâmbios académicos mais frequentes. Por outro lado, ao nível de estrangeiros que decidem investir na aprendizagem do mandarim o desafio é também o de poder viajar ao país e ser entendido na língua local.

Os ensinamentos de Confúcio sobre a importância de aprender e assimilar o conhecimento espalham-se através dos professores chineses que por todo o mundo são os primeiros "embaixadores Confúcio".

A tendência para trazer o pensador à actualidade tem vindo a desenvolver-se em vários sentidos. É um facto que a recuperação da palavra do pedagogo es-



Em Pequim, o Templo de Confúcio fica numa rua com o seu nome. Foi totalmente reaberto depois de mais de um ano e meio de renovação

tendeu-se não só na China mas também em países como a Coreia do Sul onde se recuperaram as escolas confucionistas. Sem exagero, pode dizer-se que há uma comunidade asiática confucionista e que esta tem tendência para crescer.

No ano passado assinalaram-se os 30 anos desde o início da *Reforma* e considerou-se que o início da expansão de institutos Confúcio foi um dos passos importantes deste processo.

Associadas através do grupo Hanban desde 2006, várias universidades estrangeiras participam no encontro mundial, em Pequim, que reúne os directores dos Institutos Confúcio no mundo e na China. No ano passado organizou-se o 3º Encontro, que juntou mais de 200 responsáveis. Além do desenvolvimento independente de cada um dos institutos, estas reuniões pretendem mostrar a Pequim - o principal financiador dos projectos - o que se faz e o que há a fazer em cada instituto no mundo.

Em Qufu, terra natal do pensador, desde a culinária aos nomes próprios tudo tem

um toque confucionista. E desde há cerca de cinco anos, o número de turistas, amantes da cultura chinesa, tem vindo a crescer. “Kong” continua a ser um dos apelidos mais comuns na província de Shandong. E muitos são os que alegam ser ainda descendentes do filósofo. Na verdade, alguns ainda serão.

Dois mil e quinhentos anos depois da sua vida, a ética do pensador divulga-se cada vez mais na sociedade civil e não é raro que entre o mundo empresarial surjam citações sobre a moral que deve ser seguida no mundo moderno. Por outro lado, as escolas confucionistas dirigidas a crianças começaram a conquistar os pais que procuram a melhor educação no sentido ético para os filhos.

Em Pequim, o templo de Confúcio passou por um processo de restauro devolvendo-lhe um lugar de destaque na capital. Renovado o espaço, atrai cada vez mais visitantes. Muitos são estrangeiros de visita mas também cada vez mais nacionais, com vontade de rever o que, na verdade, nunca foi esquecido. ■

À conversa com o Professor Moisés Fernandes

Director do Instituto Confúcio em Lisboa inaugurado em 2008, o Professor Moisés Fernandes fez-nos uma leitura da importância de recuperar os ensinamentos do filósofo numa moderna sociedade chinesa



A dimensão do fenómeno dos Institutos Confúcio espalhados por todo o mundo leva a que o nome de Confúcio seja cada vez mais uma primeira referência quando se fala da China. Fará sentido dizer que o filósofo é como um diplomata da China actual?

Não diria diplomata uma vez que Confúcio sempre foi uma presença na China e utilizado por várias dinastias como forma de legitimação. A ideologia de Confúcio é uma legitimação mas também uma forma de manter uma estabilidade social e política. Durante os anos da Revolução Cultural pode dizer-se que

o nome do filósofo caiu em desgraça mas hoje já foi completamente recuperado. Uma tendência que não é só na China uma vez que o Confucionismo também está muito presente no Japão, na Coreia e em Singapura.

O multiplicar dos Institutos Confúcio veio colmatar uma falta que havia a nível mundial para a aprendizagem do mandarim? Em Portugal quem procura mais aprender a língua chinesa?

Em Portugal o interesse na China advém muitas vezes através de Macau e de pessoas que viveram lá e ficaram com ligações ao



Hoje há 295 institutos Confúcio a funcionar em 78 países e regiões. Institutos Goethe são 147 e institutos Cervantes são 72

país. Há também um grande número de alunos que chegam ao Instituto Confúcio em Lisboa através de cursos que frequentam em universidades. São alunos que acreditam que o chinês é uma mais-valia e por isso querem aprender mandarim. No curso em Lisboa temos alunos já formados que chegam de muitas áreas e são economistas, jornalistas, engenheiros.

Camões, Cervantes, Goethe, Confúcio, são nomes da aprendizagem de línguas. Como é o modelo chinês de expandir esta rede?

A abordagem da China é um bocado diferente dos outros institutos referidos. A China pretende que os institutos Confúcio estejam sempre associados a universidades chinesas. No entanto, cada Instituto segue o seu padrão enquanto parte da universidade a que está associada sendo o próprio instituto

a definir os seus objectivos. O Ministério da Educação chinês dá apoio financeiro mas a organização é individual em cada universidade e instituto. Actualmente quem tem o maior número de institutos são os Estados Unidos. A nível de ensino, o mandarim já está presente em infantários, escolas básicas e secundárias e universidades e isto pode levar a grandes aproximações entre os Estados Unidos e a China.

Que papel para Confúcio e os seus princípios podem encontrar-se na China actual?

A China ainda guarda muito da sociedade tradicional. Apesar dos processos de urbanização e desenvolvimento, os princípios confucionistas ainda se aplicam muito. E não é apenas na China mas várias sociedades asiáticas onde a primazia do colectivo sobre o indivíduo continua a acontecer como na China. Há uma ideia desenvolvida de paz social. O

Marco, 2009

LINGUA



Confucionismo é útil para a própria cultura moderna aprender e assimilar o tradicional. O conceito de harmonia social passa por não alterar o que já existe e este é um trabalho que se pode aplicar a qualquer regime.

As aulas em Lisboa limitam-se à língua ou passam também por alguma aprendizagem dos princípios confucionistas?

O primeiro objectivo é o ensino da língua. Actualmente o número de alunos inscritos já ultrapassa os 200 mas este é um número dos alunos que pagaram o curso. Paralelamente há outras actividades a que chamamos lúdico-pedagógicas e que se desenvolvem aos fins-de-semana sendo abertas não só a alunos mas a quem quiser aprender mais sobre a cultura chinesa. Neste momento temos aulas sobre a arte mágica do recorte de papel e introdução ao desenho das máscaras da Ópera de Pequim. ■

A ideologia de Confúcio é uma legitimação mas também uma forma de manter uma estabilidade social e política

Cantão e o tempo

Desde a primeira visita a Cantão (Guangzhou) conhecemos três diferentes cidades onde ao longo dos anos presenciámos uma radical transformação. Em 1991 vimos a antiga Cantão, mas a partir de 1993 os quarteirões começaram a ser destruídos e substituídos por prédios altos, revestidos a pastilha e com vidros azuis. Passados dois, três anos, os governantes abandonam o projecto para a cidade do século XX e começam a construir arranha-céus, quais quarteirões, num estilo pensado para o primeiro século do terceiro milénio



A primeira vez que chegámos à capital da província de Guangdong passeámos pelos quarteirões entre as pessoas que ocupam as estreitas ruas, pavimentadas com enormes blocos de granito, como a extensão das suas casas. As árvores davam sombra a muitas mesas com idosos, que todos os dias ali jogavam *mahjong*. A maioria das pessoas vestia roupas azuis e cinzentas de um corte chinês. Os casacos eram

do tipo usado por Mao Zedong ou de um estilo mais antigo sem botões, com calças largas e sapatos pretos de sarja e sola de corda. Nas esquinas das ruas principais formavam-se longas filas em frente a quiosques com jornais, para se poder usar o telefone. Os quarteirões tinham os seus quartos-de-banho comunitários que eram usados logo às primeiras horas do dia por habitantes, alguns ainda de pijama.





Fim do mercado Qingping



Quarteirão das lojas-armazém

Em frente ao rio Zhu assistimos ao movimento intenso das sampanas, onde famílias viviam, e dos barcos que faziam cruzeiros ou colocavam na outra margem os passageiros, havendo muitos que ancorados serviam de casa ou de restaurante. Na ilha Shamian, com uma arquitectura ocidental, ficava hospedada a maioria dos estrangeiros de visita, já que o reboliço da cidade aí não se fazia sentir. Atravessando o canal fomos ao mercado Qingping onde, para além dos produtos de medicina tradicional, encontrámos um arsenal zoológico raramente observado. Mamíferos, répteis e aves, enjaulados, e peixes em bacias, que nadavam ou esperneavam à espera da faca que os iria dividir, ainda com os corações a bater. Às pessoas, só lhes interessava comprar carne ainda viva, pela garantia da sua frescura. Costuma dizer-se que, para os chineses do sul todo o animal que vive com as costas voltadas para o Sol é comestível. A gastronomia da província de Guangdong, que tem Cantão como capital, mesclou-se com os gostos de outros



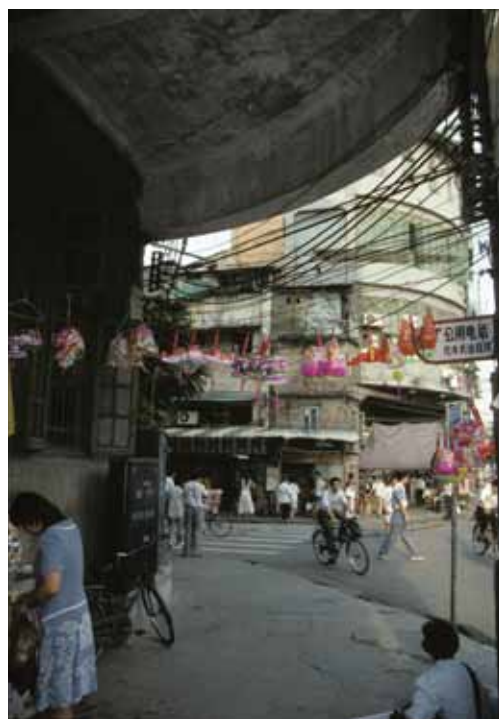
Pequeno almoço de rua

países e regiões e fez-se uma das mais ricas em variedade de produtos e técnicas para os preparar.

Toda aquela zona fronteiriça com a ilha de Shamian, em 2004, foi completamente reabilitada.

Mas voltemos ao passado. Após o movimentado mercado, calcorreámos estreitas ruas onde não faltavam árvores. Até chegar a *Beijing Lu* – a rua comercial de Cantão – passámos por quarteirões que viviam da venda de diferentes produtos.

Cada rua tinha a sua especialidade e os produtos das lojas-armazéns estavam expostos nas soleiras das portas. Eram produtos secos como cogumelos em grandes sacos plásticos, plantas medicinais em enormes sacos que se expunham pelos passeios e roupa, sobretudo *jeans*, que tinham grande procura. Pelas ruas viam-se muitas pessoas que não pertenciam à cidade e pelo seu aspecto percebia-se virem do interior pobre e agrícola à procura de trabalho. Em *Beijing Lu* só lojas de materiais para artistas havia três, tantas



Aspectos de Beijing Lu

quanto as livrarias, entre as quais a *Xinhua*, e lojas de roupa de marca, as primeiras que apareceram na cidade.

A modesta zona moderna encontrava-se na parte nordeste da cidade onde se situava a loja da *Amizade*. Aí se compravam com *FEC* - *Foreigner Exchange Currency*, nesse tempo a moeda chinesa para estrangeiros -, os produtos tão queridos aos ocidentais, como tecidos ou vestes de seda, jade e peças de porcelana de Cantão. O *Renminbi* servia para pagamento de refeições e de compras nas lo-

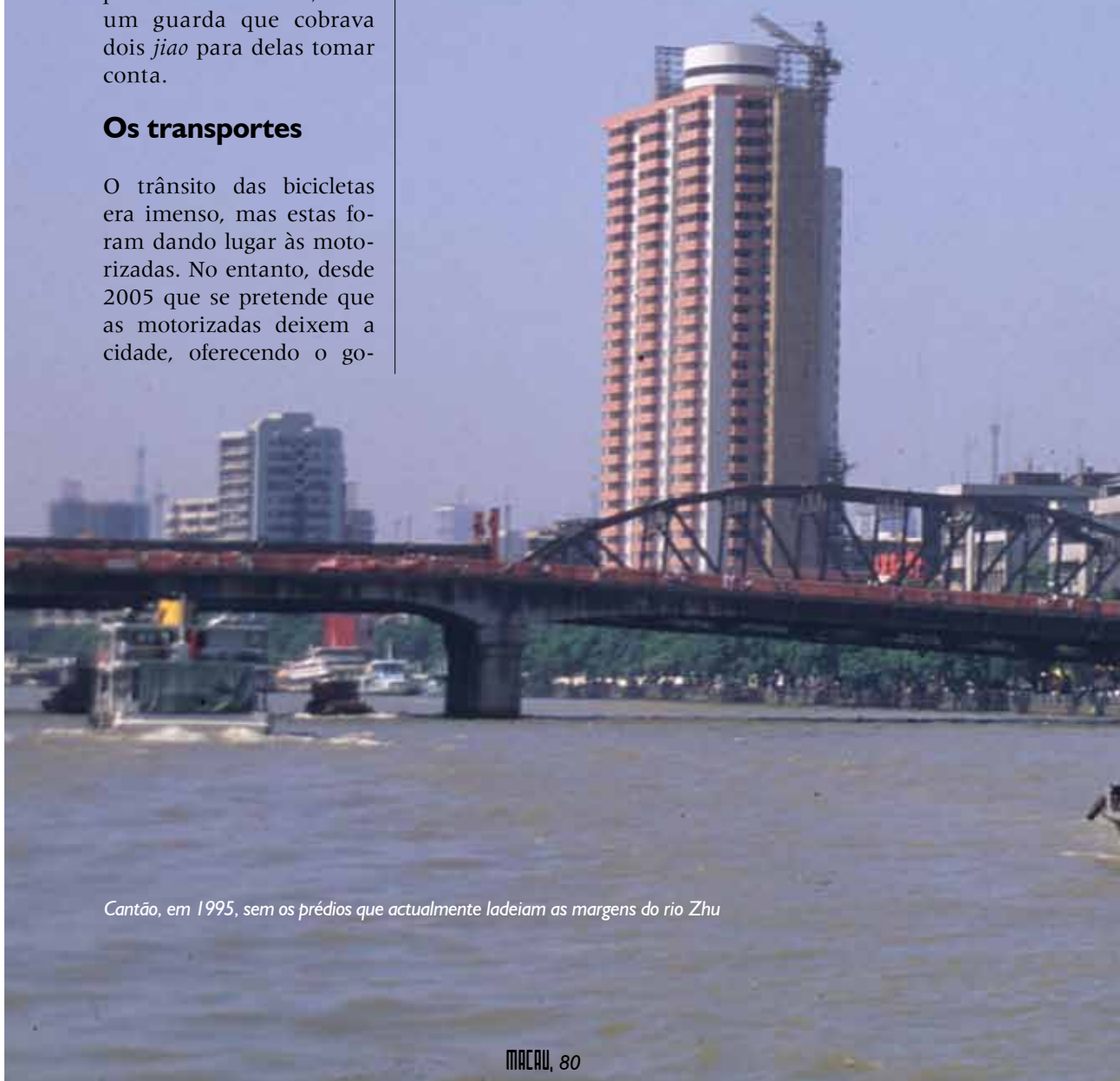
jas do quotidiano chinês. As avenidas tinham uma via em cada sentido para as bicicletas, quase tão larga como a dos carros, (que poucos eram pois os particulares ainda não os podiam adquirir). Nos cruzamentos, sinaleiros vestidos de amarelo com uma bandeirinha vermelha regulavam o intenso trânsito de bicicletas. Nos passeios, os parques repletos de bicicletas, com um guarda que cobrava dois *jiao* para delas tomar conta.

Os transportes

O trânsito das bicicletas era imenso, mas estas foram dando lugar às motorizadas. No entanto, desde 2005 que se pretende que as motorizadas deixem a cidade, oferecendo o go-

verno uma quantia por cada uma abatida, não passando mais licenças. Os táxis-motorizadas cobram metade da tarifa dos táxis e conseguem despachar-se melhor dos engarrafamentos mas, no primeiro dia de 2007 deixaram de se ver, pois foram proibidas de circular e enviadas para as outras cidades da província de Guangdong. Em 1991 existiam apenas

três viadutos. Um, atravessando ao nível do segundo andar das casas, e de Sul para Norte, começa próximo da ponte Renmin e ia em direcção à estação de caminhos-de-ferro, terminando um pouco antes, junto ao parque Liuhuahu. Outro, que era a sua continuação e corria paralelo à ilha de Shamian aterrava onde está um dos terminais de



Cantão, em 1995, sem os prédios que actualmente ladeiam as margens do rio Zhu

trolleys da cidade. O terceiro passava em frente à estação de comboios e do terminal de autocarros e retirava o trânsito para quem se dirigia para o aeroporto, que por essa altura se encontrava no centro norte da cidade.

Em 1993 são demolidos muitos quarteirões e a cidade é planificada com um pensar dos anos 90. Prédios de poucos andares e com um estilo de habitação comunitária começam a ser construídos. Mais viadutos aparecem para dar maior fluidez ao caótico trânsito. Mas rapidamente se percebe não ser esse o estilo pretendido. Assim, desde 1996 começam a aparecer viadutos com vários andares, sendo possível hoje atravessar o



A azáfama do rio Zhu tem vindo a desaparecer

centro da cidade longitudinalmente, aos níveis entre os 3^o e o 7^o andares. Os arranha-céus ocupam os lugares dos quarteirões e a cidade expande-se de uma forma descomunal. A parte antiga perde todos os dias terrenos para os novos arranha-céus. Encontrávamo-nos na cidade quando é inaugurada a primeira linha de metro a 28 de Junho de 1999. Percebemos ser este transporte o meio mais indicado para quem a quer conhecer, mas poucos eram os que o utilizam. Em Dezembro de 2002 o primeiro lanço da segunda linha é inaugurado e, em Julho de 2003, é activada a segunda parte da linha. Nessa

altura, os cantonenses já estão conquistados pelo transporte. No primeiro dia do ano de 2007 voltámos a passar pela cidade. As terceira e quarta linhas do metro já abertas permitem, agora, chegar a Panyu e Nansa, cidades-satélite, antes a mais de uma hora de distância e agora a poucos minutos do centro da cidade. Contámos 59 estações de metro nos locais dispostos nos seus átrios.

Muitas vezes passámos pela *Changshou Lu* quando visitámos o mercado de antiguidades e do Jade. As casas degradadas chamaram a nossa atenção pelas pequenas preciosidades que nelas encontrá-

ao longo dos últimos anos

mos como janelas com vidros de cor e talha rendilhada nas suas fachadas. Em 2001, após dois anos de obras, já os edifícios estavam arranjados e a rua passou a ser pedonal sendo, a par da *Beijing Lu*, a principal artéria comercial da cidade. Não faltavam as estátuas de bronze que representavam, entre outras coisas, as profissões da cidade. Ao chegar ao fim da *Changshou Lu* para Leste abria-se uma pequena praça e mais ou menos escondida para norte víamos, isolada, uma casa com o estilo de arquitectura Lingnan. Se nas primeiras visitas, às dez da noite, não havia nada aberto e a diversão es-

tava confinada aos bares de alguns hotéis, com apenas um local onde se podia dançar, numa estreita rua perpendicular a Renmin Nan, actualmente a noite estende-se até de madrugada, sobretudo ao longo das margens do rio Zhu e junto ao Hotel Green.

Hoje, Cantão, com longos quilómetros de arranha-céus, cresceu sobretudo para Oeste, preservando no seu centro alguns quarteirões antigos como ponte entre o passado e um futuro que, compartilhado com o resto da província de Guangdong, se une de novo a Hong Kong e a Macau. ■

Joyce Pina

No princípio era o requinte

“A boa educação vê-se à mesa”, ouve-se com frequência da boca dos pais. Um dito válido na China ou no Brasil. Mas no Império do Meio, em época longínqua, comer mal podia ser razão para que um cidadão acabasse no exílio...

No ano 1005, durante o reinado de Jingde da dinastia Song, o imperador Zhenzong decidiu formalizar por decreto o protocolo nos banquetes imperiais. Resultado – os convidados passaram a ter de se comportar segundo regras muito rigorosas. Tão intrincadas que, para se explicar a etiqueta a aplicar em momentos solenes, chegou a ser necessário um texto com dez mil caracteres. Partilhar uma refeição com o imperador ou um alto funcionário da corte não era um momento muito ansiado. Era razão para, por vezes, se ‘panicar’. Presente estava sempre um inspector da etiqueta que acompanhava os banquetes, e os que não dominassem as regras podiam ser ostracizados, e casos houve de expulsão do império. Tal era o simbolismo da boa educação à mesa.

Nos dias que correm, nesta China moderna, tudo é menos formal. Ninguém sofre agravos por não saber comportar-se à mesa. No entanto, quem sabe faz um brilharete. Simon Chan é de Hong Kong e gere todos os quatro restaurantes de um hotel em Macau, que tem como principal clientela os ‘VIP’ ligados ao sector do jogo e algumas estrelas do entretenimento da antiga colónia britânica.

imperial

Uma das suas responsabilidades 'menos óbvias', mas talvez das mais importantes, é certificar-se de que à mesa tudo é preparado como mandam as regras. Principalmente no restaurante chinês do hotel, que até foi agraciado recentemente com uma estrela Michelin: "Devido à influência ocidental, hoje em dia não se obedece ao rigor tradicional da etiqueta chinesa quando se está à mesa, mas muitos dos nossos clientes [chineses] não gostam de desleixo nesse aspecto".

Ordem na mesa

'Esse aspecto' começa pela ordem pela qual as pessoas se sentam à mesa. Uma reverência ancestral que tem de ser manifestada aos mais velhos. Simon Chan ri-se quando pensa em jantares ou almoços multi-étnicos: "Claro que se temos ocidentais à mesa para partilhar refeições com chineses as coisas mudam de figura. Os chineses riem-se de erros cometidos pelos ocidentais, mas certamente que nós [chineses] também cometemos erros quando comemos à moda ocidental". Com faca e garfo, queria dizer.

As regras básicas para evitar a troça numa mesa 'chinesa' são em muito semelhantes à etiqueta ocidental, no entanto há que acrescentar as superstições.

Mesa redonda

Simon Chan começa pelo que diz ser o início: "Depois de sentados de acordo com a importância de cada um, sendo o anfitrião o 'ponto zero' da mesa, que é quase sempre redonda - porque os cantos não são bons - cortam a sorte -, vem o chá que deve ser servido em ordem de importância, a começar pelos convidados.

Depois, os mais novos servem os mais velhos, os inferiores hierárquicos os superiores, e por aí fora. Não temos o conceito de as senhoras primeiro". Não esquecer que cabe ao anfitrião certificar-se de que todos estão a servir-se e têm comida suficiente, e não ao empregado da mesa.

Utensílios de servir e de levar à boca

Uma mesa chinesa compõe-se, na sua versão mais simples, de um prato médio onde se colocam os ossos. Por cima do prato coloca-se a taça que servirá para





o arroz e peças de carne, vegetais ou peixe, e ao lado direito do conjunto deve estar uma peça sobre a qual vão repousar os pauzinhos e uma outra para se colocar a colher de servir, que pode também ser apresentada na taça. Por vezes, acrescenta-se um segundo par de pauzinhos a cada lugar na mesa. Nesse caso, serão os de servir, e não devem ser colocados na boca. Estes, quando não estão a ser usados, devem estar em repouso e nunca se levam para fora da mesa. "Para as peças que mais dificilmente se servem com os pauzinhos

usa-se a colher, mas nunca directamente para a boca. Primeiro coloca-se na taça individual". A tacinha para o chá está no canto superior do conjunto.

Toalhas só para as mãos

"E não há guardanapos", lembra Chan. "Usam-se lenços de papel. Mas no restaurante poderão ser fornecidas toalhas turcas pequeninas humedecidas, que nunca se devem levar à boca." São só para limpar as mãos. Chan ri-se: "Não se deve sequer limpar a

cara com elas, como se vê com frequência aos estrangeiros fazer. Especialmente no Verão.” Nos restaurantes chineses mais requintados usam-se guardanapos de pano, “uma importação dos costumes ocidentais”.

Não se escolhe a comida à mesa

Os pratos com a comida são servidos e cada um é convidado a retirar uma peça. Note: A que estiver imediatamente à sua frente: “Nunca escolher nada da travessa, muito menos andar com os pauzinhos de travessa em travessa enquanto não se decide o que se vai comer”, adverte Chan, com ar sério. “É muito má educação, assim como usar o molho que é comum a todos. Se eu pegar numa peça de galinha e a molhar na soja estou a cometer um erro! O molho não é só para mim, é de todos...” Para ultrapassar essa questão, deve usar-se a colher para retirar um pouco do molho e colocá-lo na taça individual e só depois molhar a peça de galinha com a soja da taça. Ou vice-versa.

Deferência para com os demais

Se cada um tiver uma tacinha com o seu próprio molho, fará dele o que quiser. “A questão passa pelo facto de os

pauzinhos serem o nosso instrumento para comer. Não se leva à boca o que depois é usado para se servir do prato comum”, justifica Chan. “Apenas em jantares de família se permite utilizar os pauzinhos com que se come para servir”. Mas o mesmo não acontece com a colher. “A colher nunca deve ir à boca. Muitos estrangeiros fazem isso, está errado. A colher é para servir e os caldos bebem-se”.

Ruídos, nunca!

“Nunca, nunca, nunca sorver ou fazer barulho com a boca. Muito menos mastigar de boca aberta ou falar enquanto se mastiga. E jamais falar e apontar com os pauzinhos. Também denota péssima educação colocar os cotovelos na mesa!”. Estes ensinamentos Chan está a passar à sua filha pequena e os ocidentais conhecem bem...

Mãos, só em casos especiais

Os ossos dos pequenos pedaços de carne devem ser colocados no prato onde está pousada a taça, e nunca colocados na mesa, com ou sem toalha. “Não se deve colocar um pedaço inteiro de carne com osso todo na boca, e usam-se sempre os pauzinhos para retirar os ossos e colocá-los

no prato. Em casos excepcionais, como cascas de marisco, pode usar-se a mão”. Se são carnes brancas, por muito difícil que seja, a mão não vai à boca...

Não sorver o arroz da taça

Para se comer o arroz leva-se “de forma graciosa”, recorda Chan, a taça à boca e “empurra-se o arroz com os pauzinhos”. “No arroz japonês, com muita goma, é possível retirar pedaços de arroz com os pauzinhos e levar à boca sem se mexer muito a taça. Mas o arroz chinês costuma ser mais solto, não há mal em elevar a taça à boca”. E recorda, como regra de ouro: “Nunca sorver, chupar ou fazer barulho. Primordial!”. Claro que nem pensar em arrotar...

Nunca espetar pauzinhos na taça com arroz!

Manda a superstição nunca espetar os pauzinhos na vertical numa taça de arroz. Não é má educação, é pior! Está-se a invocar uma imagem negativa: aos mortos, quando se lhes faz oferendas, espetam-se dois incensos, na vertical, numa taça de arroz. Se isso é feito à mesa significa que se deseja a morte a alguém com quem se reparte a refeição. “E nunca pedir sete pratos num jantar, já que esse é o





Quando fora de uso os pauzinhos devem estar pousados, na peça própria para repouso, ao lado da colher de servir

número de pratos usados num banquete fúnebre!", acrescenta Chan.

Boca do bule longe

O bule que contem o chá (por vezes é frequente colocar-se na mesa um segundo bule com água quente para encher o primeiro, que contem as folhas de chá) não deve ter a 'boca' virada para nenhuma das pessoas sentadas na mesa. É um sinal de respeito. E sempre que o convidado tiver a tacinha para o chá a menos de três quartos da sua capacidade,

esta deve ser enchida. E já que se está com o bule na mão, servem-se os demais presentes.

Nunca estalar os dedos

"Um exemplo de um comportamento muito rude é chamar alguém, um empregado de mesa por exemplo, estalando dedos, apontar com o dedo indicador ou pegar num prato vazio e entregá-lo ao empregado sem que este esteja a levantar a mesa. O empregado é que deve tirar o prato da

mesa. Semelhante gesto demonstra que o cliente considera que o empregado não está a fazer o seu trabalho e não está atento! É rude."

Comer depressa e mal...

"Comer depressa é má educação. Penso que se deve ao facto de os pais quererem que os filhos comam enquanto a comida ainda está quente porque, como a culinária chinesa tem muita gordura, quando esta fica fria o prato deixa de ser saboroso". ■

Um exemplo de vida



Aproxima-se o meio-dia e a pequena rotunda conhecida como Três Candeeiros está imersa num gigantesco murmúrio. Embutida numa das zonas mais populares e populosas de Macau, não é pela sua beleza que se enche, mas porque dela nasce uma rua que se abre ao mercado, sendo as restantes dedicadas ao comércio popular e restaurantes étnicos.

De saco de pano na mão, Madalena Chan, oriunda do continente radicada há décadas em Macau, caminha com cuidado. As ruas que na rotunda começam ou acabam fervilham de gente, sacos de compras com

rabinhos de salsa à mostra, e carros, demasiados para ruas de sentido único, estacionados sobre traços contínuos amarelos. É a hora das compras num mercado que se estende por vários quarteirões. Os víveres dominam, mas há de tudo: roupa, sapatos, carteiras, vegetais, fruta, *taufu* fresco, patos assados e galinhas branquinhas, já cozinhadas, assim como carne fresca, colchões e edredões ou toalhas de banho. Madalena só quer o que é fresco. Raramente compra produtos congelados, como manda a boa tradição chinesa. As refeições são como ritos de passagem e o ho-



mem é aquilo que come. Todos os dias ela percorre alguns metros, da porta do prédio onde vive até à rua, do outro lado da rotunda, onde a confusão reina. Melhor casa não podia ter, considera. Quanto mais perto do mercado e das lojas, melhor. Foi assim que lhe ensinaram seus pais. E hoje tem gente em casa para o almoço.

O mercado está cheio de tendinhas metálicas e bancas que em tempos foram improvisadas. Não tem fim à vista. São chineses os vendedores, na sua maioria, e chineses também a maioria dos compradores. Alguns ocidentais procuram

alimentos ou roupas e poucos são os turistas que se passeiam por aí, em plena 'hora de ponta'. Salpicados pelo mercado há pequenos templos e prédios velhos de habitação, com sobrelojas a vender roupa e mais vegetais.

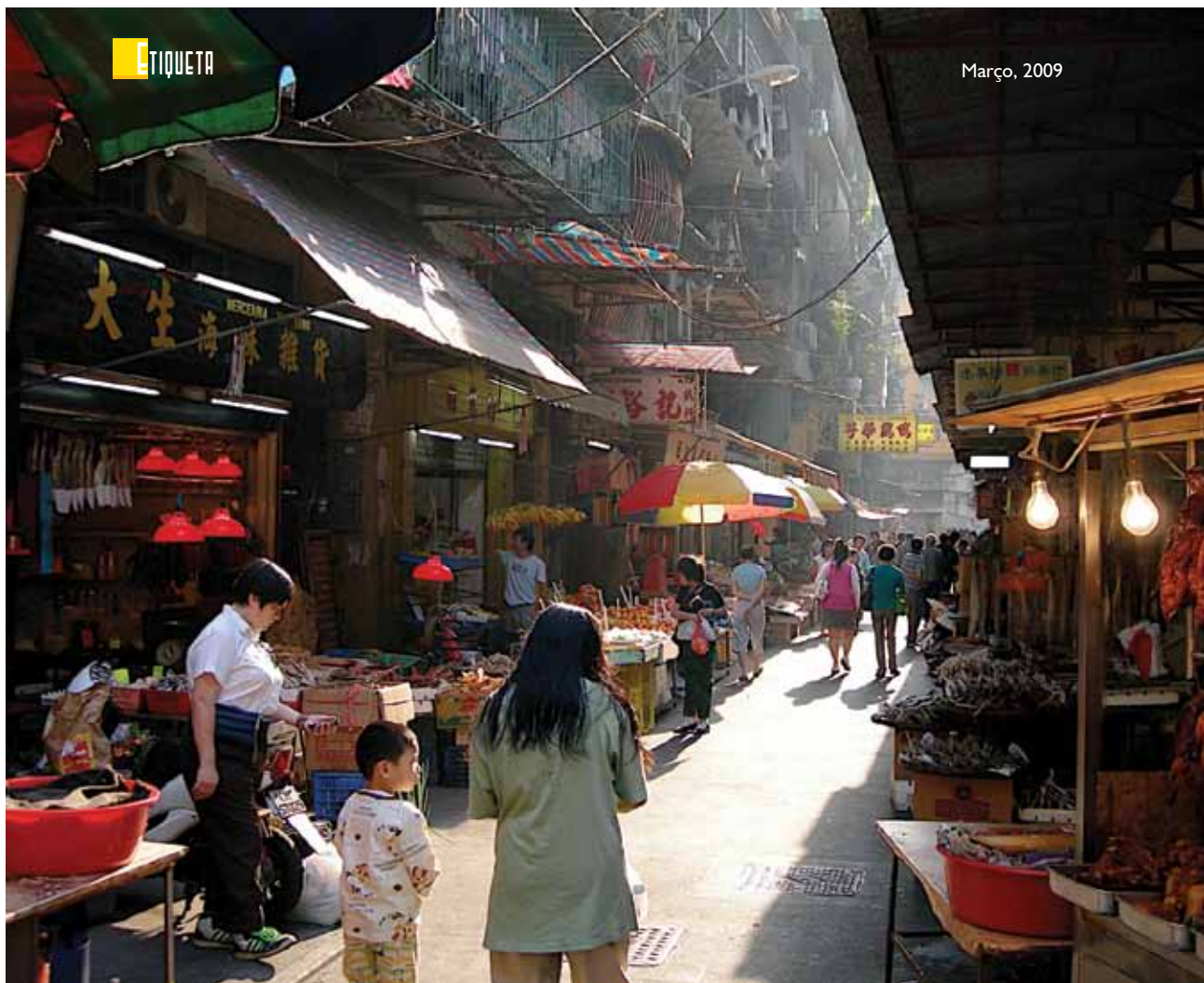
Azáfama do dia a dia

Por onde andam as pessoas ziguezagueiam também as motorizadas e, para grande incómodo de todos, as carrinhas. Aquelas que aparecem para descarregar até são bem toleradas.

Por vezes anda-se aos encontrões. Murmurar 'desculpe' ou 'perdão' costuma ser suficiente. Os chineses no mercado quase não ligam aos pequenos empurrões, de concentrados que estão nas suas vidas e no que procuram. Entre os chineses acena-se muito. 'Olás' e 'obrigadas' dizem-se com um gesto de cabeça e um sorriso. Também falam com as mãos. Os vendedores quase não tocam nos que lhes estendem dinheiro para pagar. O tacto entre estranhos não é coisa para chineses, pelo menos para os do mercado. As moedas atiram-se para as palmas das mãos abertas em forma de concha. Mas entre amigos é comum vê-los de mão dada pela rua, eles com eles e elas com elas.

No mercado, como em muitos outros locais, as filas não se fazem naturalmente. Enquanto uns escolhem a mercadoria, outros esticam as mãos com notas apontadas. Não há ordem de chegada, e quem se despachar é servido mais depressa. Madalena conhece esses truques e quando sabe o que quer não espera pela sua vez. Estica-se também.

De cabelos frisados com madeixas acobreadas sobre uma raiz preta – modernices que as filhas lhe impingiram – Madalena vai de tendinha em tendinha, aos seus conhecidos, para abastecer o saco. Não é muito comum por estes lados, mas ela tem preocupações ambientais. Sempre que



pode rejeita os tradicionais saquinhos de plástico avermelhados, de muito má qualidade, que estão nas bancas à disposição de todos.

Quando vê os vegetais verdes numa esquina, acena à vendedora e sorri. 'Estas hortaliças estão frescas', diz a patroa. Madalena tira uma nota do bolso e estica-se. Sem mais palavras. Negócio fechado. A vendedora coloca dois molhos grandes no saco. Mais à frente, uns nabos brancos e quase redondos chamam a sua atenção. Madalena pega num, analisa e decide-se. "Quanto custa?", pergunta. "Um cate" (unidade antiga de peso utilizada na Ásia equivalente a pouco mais de meio quilo, perto de 600 gramas), indica. A conversa é breve, mas percebe-se que são conhecidas. Um molho de salsa é oferta da casa. O saco vai-se enchendo. Crianças andam de um lado para o outro empurradas pelos pais e toda a gente

está na compras para o almoço.

Vida às claras

Os chineses são muito reservados. Quando não conhecem não revelam intimidades. E mesmo entre amigos as conversas medem-se. Claro que não são os únicos, mas surpreendem por serem capazes de fazer coincidir a sua reserva com o viver de portas abertas para vizinhos que não conhecem, mesmo quando as suas casas estão voltadas para a rua e não para um corredor num andar de um prédio. Fechadas apenas as portadas de ferro, qual quer um de passagem pode espreitar.

E um olhar indiscreto pode revelar uma mesa posta com a família sentada, a comer; um casal que olha para a televisão ou um pequeno estudante a fazer os deveres da escola. Também é frequente ver um idoso



que até está a olhar para a rua, como se ‘janelando’, surpreendendo quem o espreita. No Inverno mais portas se encerram, mas quando o calor aperta os ruídos de dentro tornam-se parte da rua.

Assim também usa Madalena a sua porta, expondo-se.

Depois de mais umas voltas, e uma peça de carne de porco lacada no saco, Madalena volta para trás, para o caminho que vai dar à rotunda e ao seu prédio. Hoje vai ser preparado um pudim de nabo com cebolinho – bebinca - daqueles que só ela sabe fazer – ‘ló pak kou’ – como lhe chamam os chineses em cantonês.

Um peixe seco que espera na banca da cozinha, as hortaliças, o porco e o arroz branco é tudo o que vai ser servido ao almoço. A mais velha das suas três filhas e uma amiga são esperadas. O pudim será cozinhado mais tarde, porque leva o seu tempo a preparar.

Relações discretas

A entrada do prédio onde mora é estreita

e velha, de azulejos baços. Mas tem um porteiro, que até faz do pequeno quarto, de onde controla as entradas e saídas, a sua casa. O seu almoço já está sobre uma mesa de escritório, de metal acinzentado, numa marmita colocada ao lado do monitor do vídeo de segurança, do telefone e de um monte de jornais. Na parede do fundo do cubículo vê-se uma camisa pendurada num cabide, a secar, e um calendário com as letras encarnadas e uma data do passado recente. Ao canto, uma porta deixa antever metade de uma pequena bacia de loiça e uma torneira.

O porteiro não tem idade e conhece Madalena há muitos anos. Quando o vê, ela faz um sinal discreto com a cabeça. Nada de confianças. Não é gente do seu meio. Ele levanta a mão com que segura os pauzinhos para comer, em jeito de aceno, e pergunta, porque é da praxe, se Madalena já comeu - a forma entre os chineses de se cumprimentarem e de dizer boa tarde. O gesto do porteiro denota uma muito má educação. Os pauzinhos com que se come, na China, não devem ser apontados para



As refeições são como ritos de passagem e o homem é aquilo que come

lado nenhum senão para a comida.

Chegada ao terceiro andar, Madalena sai do elevador e abre as portas de casa – a de madeira e a portada de ferro. Em frente à sua porta, um vizinho já come, sentado na mesa voltado para a televisão, de onde vozes estridentes gritam, num concurso para ver quem melhor canta. O vizinho olha distraído através da sua porta para Madalena e grita de dentro “já comeu?”

“A minha filha vem cá hoje”, é a resposta, enquanto se descalça, sem se dobrar e



ainda com o saco na mão, tirando o sapato de um pé com o outro pé. Depois, empurra os sapatos para dentro de um pequeno armário de contraplacado montado à entrada da sua casa, mas do lado de fora. Os sapatos estão sujos e não devem estar dentro, sempre que possível.

Honras à visita

No apartamento Madalena anda de chinelos, como quase todos os seus vizinhos, e as visitas são convidadas a fazer o mesmo.

As exceções ao seu uso fazem-se quando os convidados não são chineses, e se entenderem que não se devem descalçar. Mas entre contrerrâneos, se o dono da casa assim faz, não há margem para dúvida.

Por vezes até se vai para a rua de chinelos ou pantufas, e há quem o faça de pijama, coisa que em Pequim e Xangai as autoridades tentam combater. Macau não tem tantos casos assim...

Ter um pijama na China, há décadas, era visto como um sinal de abastança. Passear-se ou ir à loja da esquina de chinelo era forma de afirmação social. Indicava que em casa se dormia em camas confortáveis. E Macau tem reflexos desses tempos passados, mas não em casa de Madalena, onde se tentam preservar os bons costumes e a educação tradicional.

O repasto vai ser servido na mesa nua, de madeira escura, com as suas taças para o arroz, prato para os ossos e colher de servir individual. O chá é sempre bom, mas as folhas não devem ficar no bule muito tempo porque se lhes altera o sabor. E não se levam panelas para a mesa. Nada disso. Cada cozinhado é servido no seu prato ou travessa.

A filha e a amiga chegam pouco depois. Ambas se descalçam e se servem do pequeno armário. Madalena consegue ouvir a conversa através da porta de ferro que entretanto abre. Não dá beijos. Isso não é coisa que se faça entre chineses. Mesmo entre mãe e filha. Dizem olá, cumprimentam-se apenas. Assim se faz por toda a China. Mas à visita Madalena agarra o pulso e sorri muito, um gesto que demonstra prazer e alegria.

A filha tem os seus chinelos calçados, de pano com sola de borracha, mas a amiga não. Entra descalça. À visita, a dona da casa oferece logo um chá e umas guloseimas chinesas - uma espécie de ameixa seca agri-doce, e pergunta pela família, que conhece bem. A filha vai pondo a mesa.

O arroz está quase pronto e só falta passar as hortaliças pelo wok. O corredor do terceiro andar cheira a comida. Um bom cheiro, a soja quente e a vegetais. ■

Entre a cerimónia e a superstição

As regras de boa educação vêm normalmente de tradições com séculos. Entre os chineses, o respeito pelos mais velhos aparece em primeiro lugar numa memória colectiva dos princípios confucionistas. Mas no dia a dia do país, é à mesa que se encontram mais normas sobre o que se deve ou não fazer

“Os convidados à mesa ficam sempre virados a Sul” responde a senhora Yao à pergunta sobre regras de boa educação a seguir entre chineses. Uma resposta rápida que dá a impressão de simplicidade. Contudo, as regras são mais complexas do que parecem.

A importância da mesa e o orgulho na gastronomia nacional é facilmente perceptível quando se conversa sobre etiqueta. Para a senhora Yao isto reflecte-se por ser a refeição um momento em que se une a família e onde começam as regras de educação. “Manejar os pauzinhos é-nos ensinado desde que aprendemos a comer sozinhos” diz.

E faz sentido começar pelos “pauzinhos”. Não os inclinar, não os cruzar, não os espetar em arroz ou numa tigela são normas elementares ensinadas às crianças. Na mesma ordem de ideias não se deve fazer barulho com os pauzinhos e nunca os apontar a ninguém. “Quem bate com os pauzinhos na tigela da comida está a chamar a pobreza” dizem.

Tratam-se de princípios que atravessam todo o país. A Norte ou a Sul as regras são as mesmas. Interrogados sobre diferenças de província, a maior parte dos

chineses considera que regionalismos não se aplicam quando se trata de comer. Mas para algumas pessoas bater com os pauzinhos pode significar chamar a morte.

Ao referir pratos especiais numa ementa, as populações mais costeiras definem a importância da posição do peixe na mesa, enquanto que mais no interior, onde a ementa passa sobretudo por partes de carne, nem sempre parece tão natural definir para onde se vira o peixe.

“A cabeça é a parte mais nutritiva do peixe” explica uma natural de Qingdao. “Por isso deve ser dada à pessoa mais importante – o convidado ou o elemento mais velho.” Nunca com a cauda virada para os convidados, a posição do peixe é definida de acordo com o local onde cada um se senta. Um raciocínio que deixa perceber que o peixe, como o convidado, ficam a olhar para Sul. Superstição e História que se cruzam e virado a Sul é sempre melhor que a Norte.

À semelhança da comida também na bebida devem seguir-se regras. Os mais novos servem os mais velhos e nunca se começa pelo próprio copo. A quantidade deve corresponder a três quartos do copo. Encher de mais é indelicado. Nas casas de chá e nos restaurantes explicam que o bule não pode apontar para ninguém da mesa. Um jovem chinês explica que “não podemos apontar nem com os dedos, nem com os pauzinhos, nem com os bules”. Desta forma, ao servir o chá vira-se o bule para o exterior e, de preferência, sem estar na direcção de ninguém. “Dá azar e dar azar a alguém é ser mal-educado” conta a sorrir a senhora natural de Qingdao. O lema de que a cortesia é recíproca viaja desde há centenas de anos com a cultura do país.

Entre a cidade e o campo

“Hoje aceitam-se hábitos novos porque recebemos cada vez mais estrangeiros” explica o senhor Hu, reformado de Pequim. A modernização rápida significou a entrada de ideias novas. Para Hu isto não alterou a forma de estar chinesa mas em pequenos detalhes, o antigo empregado de escritório diz reconhecer diferenças. “Entre amigos próximos nunca se agradece na China” conta. “Mas entre os estrangeiros estão sempre a dizer Obrigada” continua. Um pequeno detalhe que leva a que, entre estrangeiros os chineses agradeçam muito mais.

Numa viagem entre a cidade e o campo notam-se mais diferenças devido ao facto do campo estar ainda mais fechado a influências de fora. No interior é normal encontrar os mesmos princípios de relacionamento. No entanto, como refere o senhor Hu “ainda é raro ver casais de mão dada na rua”.

Mas a importância do saber estar à mesa, sentar-se bem sem mostrar as solas dos sapatos e nunca apontar de maneira nenhuma, são princípios transversais de etiqueta na China. De Norte a Sul.

Dicas olímpicas

Que idade tem e quanto é que ganha?” Duas perguntas que servem para aproximar pessoas e que não representam para os chineses, nenhuma forma de intromissão. Uma explicação das primeiras diferenças entre a China e o Ocidente. Enquanto que, por exemplo, nos países europeus as perguntas entre desconhecidos não costumam referir números, na cultura chinesa, perguntar o preço da renda de casa ou da diária de um hotel serve apenas para aproximar.

Durante a realização dos Jogos Olímpicos no ano passado em Pequim, os conselhos para

estrangeiros de visita à República Popular multiplicaram-se entre guias turísticos e panfletos de boas-vindas.

O Governo apostou na explicação da sociedade tradicional realçando a importância dada às pessoas mais velhas. No entanto, para quem chegava de fora, era explicado que na China pessoas desconhecidas não se tocam como forma de cumprimento, ao contrário do que sucede na Europa. Apenas o aperto de mão é permitido como apresentação.

Por outro lado, a importância da “face” surgia numa explicação de evitar confrontos verbais e onde regatear preços era definido apenas como uma forma de convívio. Na comida também eram ensinadas regras havendo inclusive desenhos sobre como manejar os pauzinhos. A preparação olímpica apostou na divulgação do país. Os voluntários foram na maior parte das vezes a primeira imagem de Pequim e da China, espalhados pelo aeroporto e pela cidade. À espera de encontrar um cenário completamente diferente do Ocidente, muitos estrangeiros acabaram por se sentir mais integrados do que pensavam ser possível. E esta foi uma grande vitória das boas-vindas chinesas. ■



Ana Cristina Alves *



Os ritos chineses

A sociedade chinesa já foi profundamente ritual, ainda é, mas menos. E os chineses tinham ritos para todas as situações constitutivas de uma sociedade. Tinham ritos sacrificiais, ritos fúnebres, ritos matrimoniais, ritos para festas e banquetes...Esses ritos co-

meçaram por ser mandamentos não escritos, mas com o evoluir dos tempos, também eles constituíram um corpo escrito, reunido pelos discípulos de Confúcio, pelos finais dos Estados Combatentes (Zhan Guo 戰國 475-221 a.C.) e durante os primórdios da dinastia

Han (Xi Han西漢 206 a.C. – 8 d.C.). Foi por esta altura que nasceu o *Livro dos Ritos* (Liji 禮記), com regras de conduta específicas para todo o tipo de situações familiares e sociais. Mas já antes do aparecimento do *Livro dos Ritos*, a escola confucionista desenvolvera as



suas ideias filosóficas sobre os ritos, bem entendido fizeram-no à maneira chinesa e não ocidental. Quer então isto dizer que nunca temos definições precisas sobre o que sejam os ritos. Sabemos apenas que eles em conjunção com os conceitos de Humanidade

(ren 仁) e justiça (yi 義) formam o núcleo duro da filosofia confucionista, que viria a marcar a sociedade chinesa desde os tempos da dinastia Han até aos finais dos tempos imperiais (1911). Mas mesmo antes da dinastia Han, os ritos já constituíam a primeira

das seis artes, referidas nos *Analetos* (Lunyu 論語) com os ditos de Confúcio (kongzi 孔子), elas eram: os ritos (li 禮); a música (yue 樂); o arco (she 射); a carruagem (yu 馭); a leitura (shu 書) e a aritmética (shu 數). Diz-nos Shi Zhengyu¹, na obra sobre a etimologia

dos caracteres chineses, que a China é uma terra de cerimónias e propriedade. E de facto não se engana o autor, nem tão pouco na leitura que faz da etimologia da palavra rito (礼 禮). Por análise dos componentes do carácter, verificamos que os ritos começaram por possuir um sentido religioso. Os ritos surgem como importantes ofertas sacrificiais aos deuses, já que do lado esquerdo do carácter encontramos o componente de comunicação com o mundo espiritual (shi 禘) e do lado direito um vaso ritual (dou 豆), que contém duas peças de jade (yu 玉玉), oferecidas aos deuses nas rezas para obter protecção e bênçãos.

A meu ver, é interessante notar que o sentido da própria palavra evolui, sofrendo uma transformação filosófica importante, que implica a sua laicização. Pela altura em que Xunzi (荀子), o terceiro maior discípulo de Confúcio, vive (c. 298- 238 a.C.), os ritos já são completamente perspectivados como princípios racionais, reguladores da conduta humana.

Assim, e até chegarmos ao *Livro dos Ritos*, temos a seguinte progressão filosófica na Escola de Confúcio, no que respeita aos ritos. Confúcio (551 – 479 a.C.) diz-nos nos Analetos que os ritos são princípios de organização social, visando a harmonia. “ Confúcio disse: ‘No que diz respeito à aplicação dos ritos, a

procura da harmonia é o princípio mais valioso. E foi acarinhado pelos antigos reis sábios na condução dos assuntos de estado. Fossem eles grandiosos ou triviais. Se a harmonia fosse procurada por si própria, sem ser regulada pelos ritos, o princípio deixava de funcionar.’” (論語, 12: “有子曰: ‘禮之用, 和為貴。先王之道, 斯為美, 小大由之。有所不行, 知和而和, 不以禮節之, 亦不可行也’ ”) .

Note-se que nesta passa-

gem não é a harmonia, nem a beleza a que a aplicação dos ritos conduz, o que é fundamental, mas antes o princípio regulador da conduta que conduz à harmonia e à situação estética que todos apreciam quando se realizam os ritos. Tal não significa que os ritos não possuam um grande valor estético, uma vez que enquanto regras de boa conduta criam situações belas, mas é pela sua qualidade moral que de-



Ilustração: Ruy Rasquinho

vem ser valorizados, quer dizer, pelo princípio que os mantém em estreita conexão com a humanidade e a justiça. Mêncio (c. 372-298 a.C.) vai continuar a linha de pensamento do mestre Confúcio, enfatizando as funções reguladora e estética dos ritos, uma vez que nos fala em refinamento dos mesmos. No entanto, os ritos acabam por ser desvalorizados em função de valores mais altos, sejam eles a humanidade de se salvar

uma cunhada prestes a afogar-se, estendendo-lhe a mão e quebrando com a estrita separação imposta pelos ritos no que diz respeito aos dois sexos, seja em nome de outros valores éticos como a sinceridade. Os ritos de nada servem se não forem praticados, como veremos adiante do *Livro dos Ritos*, com lealdade, ou como nos diz Mêncio com respeito sincero. As regras de conduta e de etiqueta não escapam ao

domínio ético-moral: ou o têm como fundamento, ou devem ser afastadas em nome de bens maiores. Atente-se na seguinte passagem de Mêncio: “Mêncio disse: ‘Quando alguém ama, mas não recebe amor em troca, deve reflectir se será mesmo uma pessoa benevolente. Quando alguém falha em submeter os outros à disciplina, deve reflectir se conhece o verdadeiro caminho do governo. Quando alguém



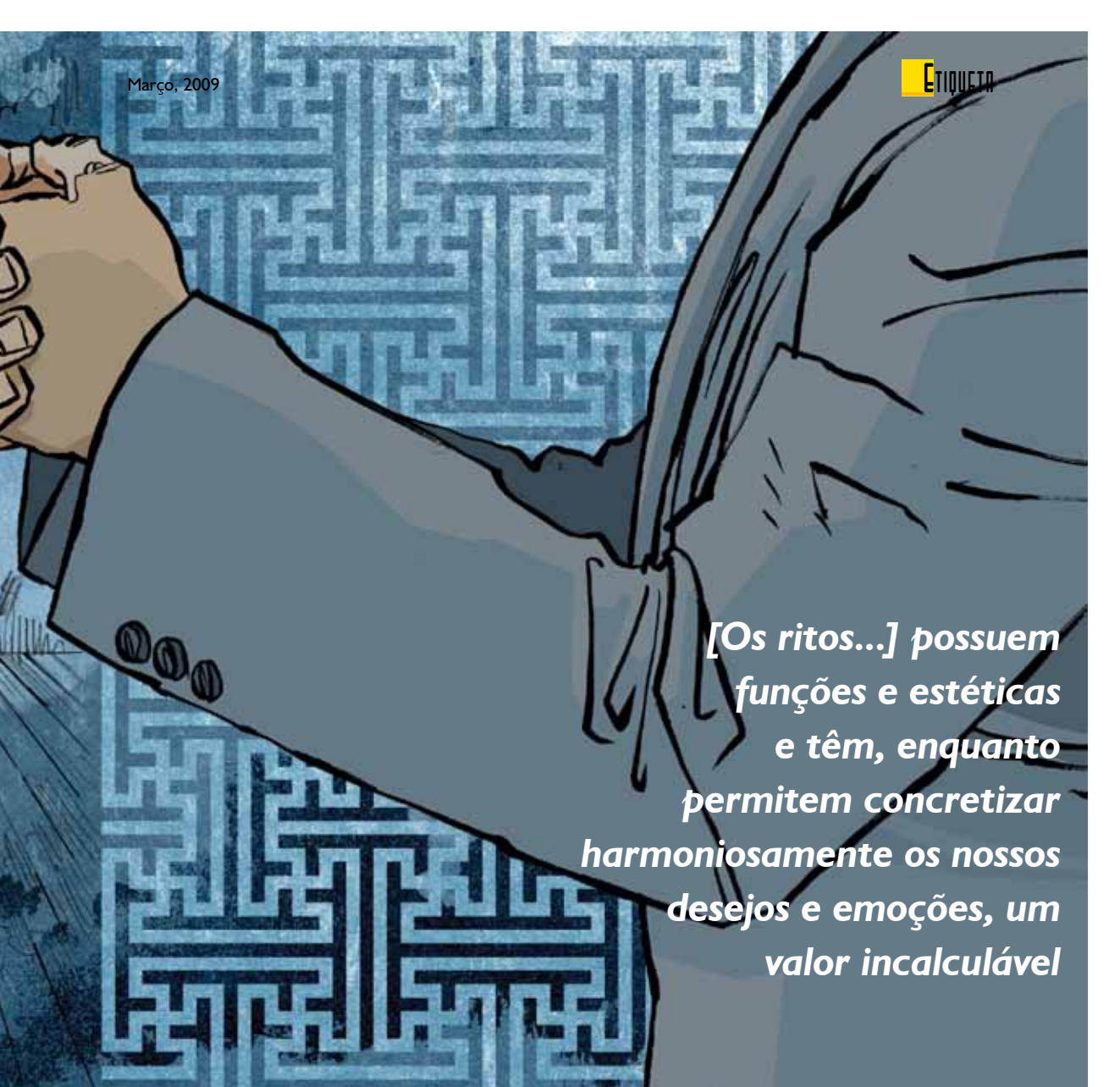
Ilustração: Rui Rasquinho

falha em obter o respeito dos outros, enquanto os trata com as cortêsias adequadas, deve reflectir se está a ser verdadeiramente respeitador.” (孟子曰: “愛人不親, 反其仁; 治人不治, 反其智; 禮人不答, 反其敬”)².

Para Mêncio os ritos nada mais eram que o reflexo de um coração bom e puro que o homem possui já à nascença. Eles regulam do exterior, no meio social; mas são simultaneamente

o reflexo de grande bondade interior: quem é bom, tem maneiras; quem se deixou degradar não é capaz de ser respeitador e cerimonioso. Mais uma vez nos encontramos perante a trilogia: benevolência, rituais e justiça ou correcção. Quem é benevolente comporta-se correctamente, aplicando os ritos com o respeito necessário. Os ritos de Mêncio têm, por assim dizer, a vida facilita-

da, pois regulam um comportamento naturalmente bom, por isso, e na verdade, eles mais que regular, refinam a natureza humana, criando beleza onde a bondade preexiste. Já o mesmo não se passa com Xunzi para quem a natureza humana é naturalmente má, ou seja, selvagem e egoísta. Para este filósofo os ritos são absolutamente necessários. Funcionam como princípios racionais,



[Os ritos...] possuem funções e estéticas e têm, enquanto permitem concretizar harmoniosamente os nossos desejos e emoções, um valor incalculável

reguladores e organizadores da conduta humana. Eles separam os seres humanos, dando a cada um o seu lugar na ordem social e familiar. Sem os ritos, o homem estaria sempre à beira do abismo. Nada o diferenciaria dos animais e das naturezas mais brutas, mas os ritos impõem distâncias e cerimônias, coíbem comportamentos instintivos e violentos e todos eles foram ditados

pelos reis sábios da Antiguidade. O homem contemporâneo, mais não tem que os seguir para se distinguir dos outros seres animais, muito inferiores precisamente por não possuírem ritos. Vejamos a seguinte passagem de Xunzi sobre os princípios rituais: “Como é que surgiram os princípios rituais? Digo que os homens nasceram com desejos que se não fossem satisfeitos, farão com

que ele os tente satisfazer. Quando procura satisfazer os seus desejos, o homem não conhece medida nem limites, entrando em conflito com os seus semelhantes, a fim de satisfazer os seus desejos. O conflito conduz à desordem e a desordem à pobreza. Os Antigos Reis detestavam essa desordem, por isso estabeleceram as regras contidas nos princípios rituais e morais, de modo a

Os ritos, segundo Xunzi, regulam as condutas, são princípios racionais que nos dizem como nos devemos comportar e que cerimónias devemos realizar

equilibrar as coisas e a nutrir os desejos dos homens, e a fornecer os meios para a sua satisfação.” (“荀子: “禮論第十九”, 19.1: “禮起于何也? 曰: 人生而有欲, 欲而不得, 則不能無求; 求而無度量分界, 則不能不爭; 爭則亂, 亂則窮。先王惡其亂也, 故制禮義以分之, 以養人之欲, 給人之求, 使欲必不窮乎物, 物必不屈于欲, 兩者相持而長。是禮之所起也。”)

Os ritos, segundo Xunzi, regulam as condutas, são princípios racionais que

nos dizem como nos devemos comportar e que cerimónias devemos realizar, mas não possuem apenas uma função restritiva e separadora, já que também nos permitem satisfazer racionalmente os nossos desejos e, simultaneamente, colaboram para uma sociedade mais organizada e harmoniosa. Eles possuem funções e estéticas e têm, enquanto permitem concretizar

harmoniosamente os nossos desejos e emoções, um valor incalculável.

António S. Cua em “The Concept of Li in Confucian Moral Theory” resume bem as funções dos princípios rituais na China antiga. Segundo o autor eles regulam as cerimónias e as maneiras e não podem ser separados da moral, quer dizer, da solidariedade que permite viver bem em sociedade. Eles são prescrições da razão e



Ilustração: Rui Rasquinho

têm uma função delimitadora do ponto de vista político e social, já que revelam a cada um o seu lugar nas hierarquias mundanas. Além disso, têm uma função de apoio inestimável, já que permitem a cada qual realizar os seus desejos e expressar as suas emoções, seja nos casamentos, nos sacrifícios religiosos ou nos enterros. E possuem também uma função enobrecedora, já que não se

limitam a regulamentar as condutas, mas tornam-nas melhores e mais belas, daí terem também uma inestimável função estética. Diz-nos o autor que por isso eles são não apenas princípios reguladores da conduta, como também constitutivos, uma vez que embelezam e transformam as acções humanas, conferindo-lhes elegância e bondade, e contribuindo para mostrar uma noção muito

familiar aos gregos, a saber: "o *kalokagathos* (onde a graça, o ritmo e a harmonia são as marcas distintivas do carácter moral)"³.

E assim chegamos ao *Livro dos Ritos* (Liji 禮記) que compreende, segundo nos diz Fung Yu-lan, os escritos confucionistas da última parte dos Estados Combatentes e dos primeiros tempos da dinastia Han, que foram compilados por volta do tempo de Cristo em 85

secções por Dai De (戴德) e reduzidos para 46 secções pelo seu sobrinho Dai Sheng (戴聖). Há uma tradução portuguesa feita pelo Pe Joaquim A. De Jesus Guerra, S.J., intitulada *O Cerimonial*.

O Cerimonial ou o *Livro dos Ritos* fornece um sem-número de regras de conduta para todo o tipo de rituais, desde as cerimónias de nascimento às fúnebres, sem deixar de fora nem mesmo o modo como devem ser aplicados os castigos, que, afinando pela mentalidade tradicional, devem ser distribuídos com rigor: “Executar os criminosos; ser rigoroso nos castigos; e então o céu e a terra andarão avisados. Não se pode ser relaxado (審斷決‘獄訟必端平。戮有罪、嚴斷刑、天地始肅、不可以贏6.39)⁴.”

Os preceitos cerimoniais visam regular e organizar os comportamentos minuciosamente. O *Livro dos Ritos* é um tratado de boas maneiras para as mais diversificadas situações humanas. Mas se os ritos divergem consoante as situações, eles têm uma base moral comum, que permite reuni-los todos numa mesma obra: “A lealdade é o fundamento ou essência das relações e ritos e o sentido de edificação que dá forma aos mesmos. Sem fundamento, nada se constrói; e sem forma ou estilo nada se executa.” (忠信、禮之本也、義理、禮之文也、無本不立、無文不行10.1)⁵.

Se os preceitos rituais são os mais diversos e são aplicados aos mais variados domínios, é então avisado escolher um campo onde se possam ver estas regras de conduta em acção. Escolha-se o campo das refeições públicas e banquetes.

Não deixa de ser interessante notar, como os chineses já tiveram preceitos alimentares muito semelhantes aos ocidentais. Pode-se afirmar com toda a segurança que nos finais dos Estados Combatentes e no início da dinastia Han era de muito mau tom fazer barulho a comer, mostrar a comida que se tinha na boca, comer à farta e olhar insistentemente para a comida na mesa: “Não se calca a comida. Não se espalha o arroz. Não se sorve ruidosamente. Não se deita comida fora da boca. Não se rilham os ossos. Não se mistura o peixe e a carne. Não se deitam os ossos ao cão. Não se serve grosseiramente

à pressa. Não se arregalam os olhos para a comida.” (共食不飽、共飯不澤手、毋搏飯毋流歎、毋吒食、毋齧骨、毋反魚肉、毋投與狗骨、毋固獲1. 23)⁶. O código de boas maneiras de então é de tal modo parecido com o código ocidental actual, que não posso deixar de me perguntar o que terá sucedido para que os chineses e ocidentais sigam, no presente, códigos tão afastados.

É importante notar as funções de equilíbrio e harmonia que os ritos têm à mesa, já que nos é dito, ao longo da obra, que nas refeições públicas, não se deve comer demais, nem demasiada sopa, afirmando-se, ainda, que esta última nunca se repete (1, 23)⁷.

Os excessos são sempre condenados. Os ritos existem para controlar os comportamentos e impor-lhes a virtude do meio. Quanto mais respeito se tem por alguém, menos exageros deve haver no que respeita à refeição: “Quando se serve uma pessoa de respeito, a mesa não deve ser abundante demais.” [先生 (...) 侍坐於所尊、敬毋餘席1. 16]⁸.

Que dizer então da tradição dos grandes banquetes chineses? Será que também eles são, muitas vezes, para inglês ver? O excesso é condenado não apenas ao nível das refeições, mas também nos funerais e nas cerimónias religiosas: “Ouvi dizer ao Mestre que num funeral, onde não chega a pena supre-se com cerimónias.

O melhor é não chegarem as cerimónias e sobrar a pena; onde nas cerimónias dos Ofertórios não chega a devoção e sobram os ritos, melhor é menos ritos e devoção que sobre.” (吾聞諸夫子、喪禮、與其哀不足而禮有餘也不若禮不足而哀有餘也‘祭禮、與其敬不足而禮有餘也、不若禮不足而敬有餘也3. 21)⁹.

Também à mesa se nota a necessidade de cumprir com um dos preceitos fundamentais da moral confucionista, que é o do respeito pelos mais velhos: “As melhores iguarias sejam para atender os velhinhos. Depois cantar-lhes uma cantiga; e ao partir, deixar-lhes um presente de visita: é maneira de os tratar com piedade filial” (適饌省醴、養老之珍具、遂發詠焉、退脩之、以孝養也8.20)¹⁰.

E ainda a propósito das relações familiares e da virtude da piedade filial ligada à comida, se diz claramente evocando o fundador do Confucionismo: “Disse Confúcio: Comer

feijão e beber água, e viver alegre com isso, é o que se chama piedade filial.” (孔子曰: 啜菽飲水、盡其歡、斯之謂孝4,18)¹¹.

Sem querer cair na condenação dos ritos, levada a cabo pela grande maioria dos pensadores daoístas, note-se que no *Livro dos Ritos* sobressai a vontade de restringir e dosear as acções rituais; distingue-se, ainda, a função delimitadora de desejos e de sentimentos que os ritos possuem. Saber contentar-se com pouco é uma bênção para cada pessoa, que, entretanto, deve procurar fazer o melhor pelos outros e, em especial, pelos membros mais velhos da sua família. Não são necessárias muitas cerimónias, mas as que há devem ser respeitadas e não podem ser alteradas, possivelmente em memória dos reis sábios da antiguidade: “Os que alteram as cerimónias e mudam a música são relaxados e insubmissos: o Soberano remove-os do posto.” (變禮易樂者為不從、不從者君流5,10)¹².

Às boas refeições não podem faltar os discursos, porque “fazer discursos pertence às regras do diálogo” (乞言、合語之禮8,5)¹³, social, poderíamos acrescentar.

Nesta obra reconhece-se que a relação entre sexos e comer e beber são os maiores desejos dos homens, por isso são padronizados, dando origem a ritos pormenorizados. São racionalizados, sendo pela capacidade de racionalização que se mede a educação: “O começo da boa educação está no beber e comer.” (夫禮之初、始諸飲食9,4)¹⁴.

Por fim, as cerimónias ligam o homem ao melhor de si próprio, que é a humanidade (ren仁), libertando-o da violência e da precipitação instintiva, enobrecendo-o por meio de uma força misteriosa: “Os Santos da antiguidade no seu interior eram dignos, e no exterior agradáveis; davam importância ao pouco, e sentiam satisfação em o aumentar. Por isso os primeiros Reis estabeleceram as relações e cerimónias: que não fossem demais nem de menos.” (古之聖人、內之為尊、外之為樂、少之為貴、多之為美、是故先王之制禮也、不可多也、不可寡也10,10)¹⁵. ■

* Professora Auxiliar do Departamento de Português da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Macau

(1) *Picture Within a Picture. An Illustrated Guide to the Origins of Chinese Characters*, p. 361

(2) 孟子, “離婁上篇” pp. 215/6

(3) António S. Cua: “The Concept of Li” in *Understanding The Chinese Mind*, p. 224

(4) *O Cerimonial*, vol. 1, p. 44

(5) Ob. Cit., p. 32

(6) Ob. Cit., p. 104

(7) Ibidem

(8) Ob. Cit., p. 99

(9) Ob. Cit., p. 221

(10) Ob. Cit., p. 550

(11) Ob. Cit., p. 295

(12) Ob. Cit., p. 355

(13) Ob. Cit., p. 539

(14) Ob. Cit., p. 576

(15) Ob. Cit., p. 618

Bibliografia

Clássicos chineses

- *Analects of Confucius* 論語 trad. para chinês simplificado 蔡希勤 e trad. para inglês 賴波 e 夏玉和, 北京, 話語教學出版社, 1996

- *O ceremonial* 禮記 (Lei~Ky), vol 1, trad. Pe Joaquim A. de Jesus Guerra, S. J., Macau, Jesuítas Portugueses, 1987

- *Mencius* 孟子 trad. para chinês simplificado 蔡希勤 e trad. para inglês 何祚康, 北京, 話語教學出版社, 1999

- *Three Character Classic in Pictures* 圖畫三字經, ed. de Xu Chuiyang, Singapore, EPB Publishers Pte Ltd., 1990

- 荀子, vol. II, trad. para chinês simplificado 張覺 e trad. para inglês por John Knoblock, 湖南, 湖南人民出版社 及外文出版社, 1999

Outras

- Allison, E. Robert (ed): *Understanding The Chinese Mind. The Philosophical Roots*, Hong Kong, Oxford University press, 1989

- Alves, Cristina Ana: *A Mulher na China*, Lisboa, Editorial Tágide, 2007

- Fung Yu-lan: *A History of Chinese Philosophy*, vol. I, trad. por Derk Bodde, Princeton, Princeton University Press, 1983

- Shi Zhengyu: *Picture Within a Picture. An Illustrated Guide to the Origins of Chinese Characters*, Beijing, New World Press, 1997

“Por si e para si”. É este o lema para as comemorações do décimo aniversário do Centro Cultural de Macau (CCM). Para este ano, o CCM apresenta uma programação especial, ecléctica e também muito abrangente, passando pela música clássica, pelo *jazz*, *world music*, bailado clássico, dança contemporânea e teatro chinês. Neste programa destacam-se quatro produções locais: um espectáculo de bailarinas sob a batuta de um coreógrafo de Hong Kong; outro com actores locais encenados por uma companhia do território vizinho; a continuidade da série do Teatro da Caixa Negra; e um musical original baseado num projecto que teve início em 2007 e que tem vindo a ser desenvolvido em *workshops* na área da música, da dança ou da representação. Mas nem só de produção local se fala neste ano especial para o CCM. Já neste mês de Março interessa sublinhar o *jazz* com a Mingus Big Band, grupo que herdou o nome do contrabaixista Charles Mingus, falecido há três décadas. Novas melodias chegam com a Orquestra Sinfónica Nacional de Washington que inicia em Macau a sua digressão na Ásia. Também o flamenco marca presença com o Ballet Nacional de Espanha. De Portugal vem o fado. Mariza regressa a Macau cinco anos depois para mostrar um trabalho – *Terra* – que revela influências do *jazz* e das mornas e do que mais tradicional há em Portugal: o fado.



10 ANOS DO CENTRO

Março, 2009



Mingus *Big Band*

Constituída por 14 membros, esta banda tem residido nos melhores clubes de jazz dos Estados Unidos, sendo já uma referência de Nova Iorque.

A grande mentora deste projecto é Sue Mingus, esposa do falecido contrabaixista, que criou e continua a dirigir ensembles de repertório que perduram a música do seu marido, Charles Mingus. Nestes ensembles incluem-se a Dinastia Mingus, um septeto fundado pouco depois da morte do contrabaixista, e a Orquestra, um grupo de dez músicos que se dedica às obras menos conhecidas do compositor. No entanto o ensemble mais conhecido é a *Big Band*, que cria uma animada fusão de harmonias e secções de *blues*, passagens entrelaçadas e mudanças de tempo repentinas.

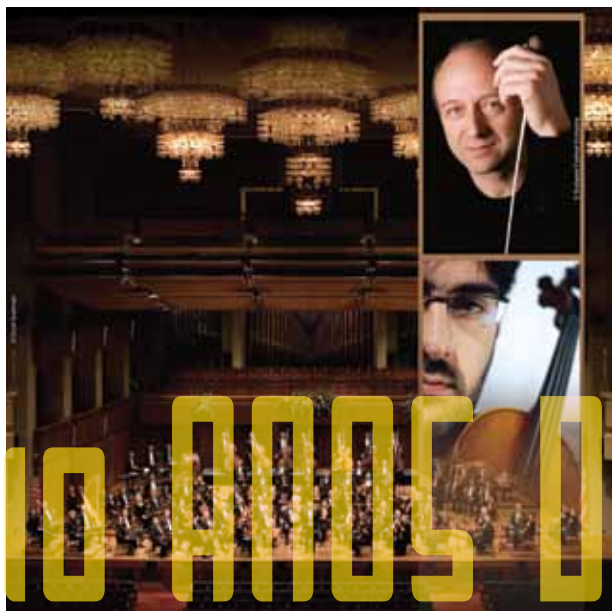
Charles Mingus foi contrabaixista, pianista, compositor e director de banda. Nascido em 1922 em Nogales, Arizona, o afro-americano estudou contrabaixo e composição, simultaneamente foi absorvendo a influência de mestres do *jazz* como Duke Ellington ou Louis Armstrong.

*3 de Março, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau, Macau*

CULTURAL DE MACAU

Washington DC

Fundada em 1931 a orquestra de Wa-



shington possui uma extensiva discografia vencedora de vários *Grammys*. Será em Macau, e por ocasião do décimo aniversário do Centro Cultural de Macau, que a Orquestra Sinfónica Nacional inaugura a sua digressão pelo continente asiático.

Neste concerto a Orquestra Sinfónica Nacional vai ser liderada pelo principal Maestro Convidado, Iván Fischer. Mas o palco vai ser ainda partilhado com Leonidas Kavakos, violinista que actua com alguns dos maiores ensembles de música clássica.
9 de Março, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

Conto de Macau

uma mensagem para as mulheres

O coreógrafo de Hong Kong Yuri Ng retorna a Macau para apresentar a segunda parte da série “Conto de Macau”. Desta vez o coreógrafo explora o lugar da mulher numa sociedade onde o homem impera e onde sempre as mulheres tiveram um papel inferior. Contudo, a mensagem de Yuri Ng, com esta peça, é que qualquer mulher competente é capaz de ter sucesso em qualquer profissão ou tarefa, basta apenas quere-lo.

Depois de ter estado em Macau no ano passado para apresentar “Vestido para Dançar”, o primeiro trabalho com a nova geração de bailarinas de Macau, Yuri Ng volta agora com um novo grupo de bailarinas e duas coreógrafas de Macau, Stella Ho e Candy Kuok. Nesta altura já decorreu o processo de recrutamento, com as participantes a terem de participar num *workshop*. Yuri estudou *ballet* em Hong Kong, Canadá e Inglaterra. Em 1983 recebeu a Medalha de Ouro Adeline Genée da Academia Real de Dança antes de se tornar bailarino do Ballet Nacional do Canadá. Em 1993 voltou à Ásia.

21 e 22 de Março, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau

Execução do Segundo Irmão do Duque

Uma ópera clássica cantonense que data da dinastia Qing (1644- 1911) representada pela Associação de Artistas Chineses de Hong Kong, que em Novembro de 2008 foi convidada a apresentar a ópera no 5º Festival Internacional de Ópera Chinesa de Cantão.

A ópera conta a história de um duque despreocupado que apenas quer gozar a vida ao lado da sua concubina, delegando todos os seus poderes ao seu cunhado. Este, no entanto, é ambicioso, e sente-se ameaçado pelo segundo irmão do duque. O cunhado decide então conspirar contra ele, persuadindo a concubina a embebedar o duque e a convencê-lo a ordenar a execução do seu próprio irmão...

27 e 28 de Março Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

Amanhecer

Lançado no segundo semestre de 2008 com o *workshop* “Criatividade e Prática de Actores”, em 2009 este projecto Residências Artísticas vai apresentar uma adaptação contemporânea de “Amanhecer”, uma peça clássica do dramaturgo chinês Cao Yu.



À frente do projecto estão Bonni Chan e Sean Curran do Teatro du Pif de Hong Kong, que em 2007 realizaram o *workshop* “A Criação em Teatro” e apresentaram a peça “Faz-me Dançar até ao Fim do Amor”.

Em 1936 Cao Yu escreveu “Amanhecer” numa tentativa de denúncia da degradação moral da sociedade chinesa. A peça, que se tornou numa referência do teatro moderno chinês, passa agora a ter como pano de fundo a cidade de Macau, incorporando as suas caricatas histórias de hotéis escondidos e da misteriosa vida nocturna.

24 e 26 de Abril, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau

A Grande Guerra

Este é um género de teatro que junta arte visual, teatro de objectos, marionetas, música e filme em produções evocativas que fantasiam entre a ilusão e o real. As maquetas são feitas a partir de vários objectos domésticos que permitem recriar o mundo: cidades com caixas de cartão, árvores de salsa e tendas de tropa com *abat-jours*.

O grupo também recorre à animação ao vivo, que ajuda a dar uma dimensão cine-

matográfica às suas produções. Com estas técnicas envolvidas num sentido de humor mordaz e brincalhão, o Hotel Moderno lida com assuntos de forma ligeira, sendo ao mesmo tempo sensível, filosófico e provocador. O Hotel Moderno é um colectivo de teatro holandês fundado em 1997.

7 e 8 de Agosto, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau

Série de Teatro da Caixa Negra

Na estreia de 2008 da Série de Te-



atro da Caixa Negra, seis produções teatrais de grupos locais e estrangeiros estiveram em cena, no Centro Cultural de Macau, durante uma semana. Um espectáculo *sui generis* em que os lugares da plateia são postos em cima do palco... Ao transpor as barreiras do teatro convencional, o teatro da caixa negra aproxima actuação e público, aumentando a intensidade de emoções dos espectadores. Agora, a edição de 2009 promete outra dose de acção em palco graças a novas peças de grupos de Macau, e de novos convidados estrangeiros.

4 de Setembro, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau



Mariza - Terra

A fadista portuguesa estará em Macau para apresentar o seu último trabalho, *Terra*. Um álbum que marca o começo de um novo ciclo que nasceu de todas as culturas diferentes. Este último trabalho contou com a colaboração de várias estrelas da “world music” e que junta à sua interpretação do fado pitadas de flamenco, das mornas cabo verdianas, folclore português e jazz. O álbum foi produzido por Javier Limón e já mereceu uma nomeação o ano passado para os *Grammy Latinos*. Desde a sua estreia em 2001, a que se segui-

ram numerosos álbuns premiados, Mariza estabeleceu-se como a legítima herdeira de Amália Rodrigues e a nova embaixadora da canção portuguesa. Entre os prémios recebidos pela fadista conta-se o de Melhor Artista da Europa, no âmbito dos Prémios para *World Music 2003*, da *BBC Radio 3*. No início de 2007 Mariza foi igualmente nomeada para os prémios finlandeses *Emma Gaala*. Mariza nasceu em Moçambique há 29 anos, mas vive em Portugal desde os três. Foi na Mouraria, típico bairro lisboeta, que contactou com o Fado.

**5 de Setembro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau**

O Restaurante do Topo

O Teatro do Povo de Pequim volta este ano a Macau depois de em 2007 ter aqui apresentado a peça “Casa de Chá”.

Este ano apresenta “O Restaurante de Topo”, cuja acção decorre num famoso restaurante de pato à Pequim: o proprietário está prestes a reformar-se, e os seus filhos, sempre zangados, são incapazes de assumirem a liderança e gestão do estabelecimento. Por fim, o pai encontra alguém de fora com o perfil ideal – talentoso, incisivo, e capaz de lidar com os problemas do restaurante. Entretanto, uma década passa, e o prestígio e capital do negócio vai aumentando, mas agora os dois irmãos querem uma fatia do bolo...

13 e 15 de Novembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

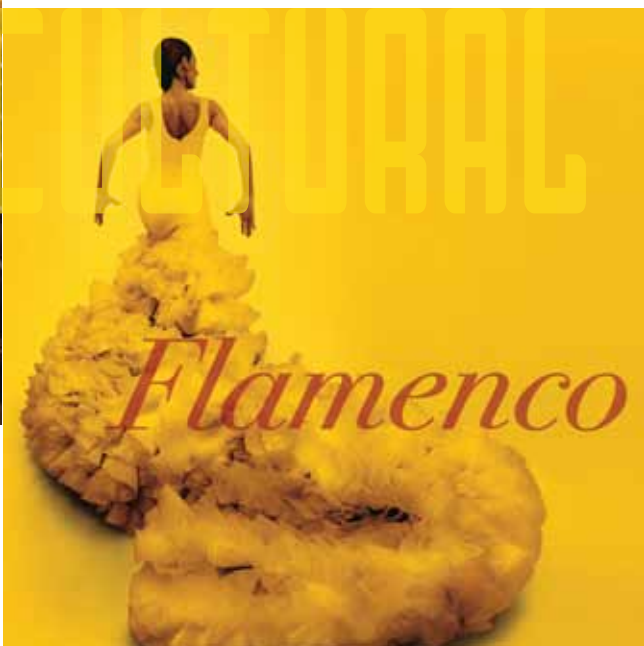
flamenco e a dança espanhola estilizada.

No decurso das suas três décadas de existência, o BNE tem actuado pelos quatro cantos do mundo, ao mesmo tempo que continua a prosperar como guardião do tesouro artístico mais precioso da cultura espanhola, o flamenco.

25 e 26 de Novembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau, Macau

Um Musical Original criado em Macau Ganha Vida

“Um Musical Original Ganha Vida” é o nome do Projecto Residente de Arte do Centro Cultural de Macau que está conceber um musical feito em Macau. Desde 2007, estes artistas têm participado em vários *workshops* e actividades conduzidas por profissionais estrangeiros: começaram com as noções básicas dos musicais, aprendendo tudo sobre este gé-



Ballet Nacional de Espanha

O Ballet Nacional de Espanha (BNE) tornou-se no embaixador da cultura espanhola e uma das mais respeitadas companhias de *flamenco*, que tem evoluído conservando o seu interesse em todos os estilos da dança espanhola, como a *Escuela Bolera*, o



nero de teatro e depois passaram à música, à dança, e à representação. Agora, o projecto de três anos chega à sua fase final, focando-se no processo criativo, na produção e estreia do musical no palco do CCM.

26 e 27 de Dezembro, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

Image of black and white

João de Almeida e Wang Dong Ling



Uma mostra, apresentada em 2007 em Pequim, de um conjunto de obras do arquitecto e pintor português João de Almeida, e do pintor e calígrafo chinês, Wang Dong Ling. Uma exposição que reflecte um encontro de culturas, reunindo obras de um europeu e dum chinês em que é possível detectar interessantes afinidades.

Os desenhos de João de Almeida têm por inspiração três elementos iconográficos: árvores com troncos dobrados, quase na horizontal, moldados, com o tempo, pelas rajadas de vento que emanam do mar; rochas (arenitos) que outrora foram areia e, uma vez desagregados, a areia retornam, também pela acção do vento e do mar; massas de ondas e formações nebulosas de que resulta uma série de desenhos a pastel em tons de preto, branco e cinza.

As obras de Wang Dong Ling testemunham a importância que a arte da caligrafia tem na cultura e civilização chinesas, arte através da qual se exprimem emoções, ritmo e vitalidade, numa estética visual de grande expressividade, resultado do correcto domínio do pincel e da tinta-da-china.

Até 15 de Março, Galeria de Exposições Temporárias, Museu do Oriente, Lisboa

Re-exibição do Boi no Ano do Búfalo

As nossas Memórias e Desejos

Inaugurada ainda durante as celebrações do ano novo lunar e evocando os seis anos de existência, o Armazém do Boi reedita a primeira exposição que acolheu nas suas instalações. O motivo que explica esta reedição é a entrada no Ano Lunar do Búfalo. Na língua inglesa, este ano é definido com a palavra "Ox", que também pode significar boi.

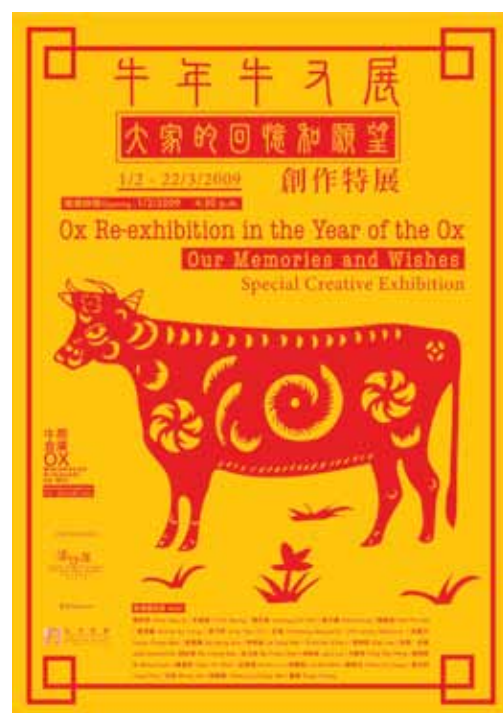
Em 2003, altura em que se comemorava o Ano da Cabra, o Armazém do Boi organizou uma exposição especial que serviu para assinalar a transformação num espaço cultural. A partir de então, é uma casa para os artistas radicados em Macau e um ponto de encontro para os criadores estrangeiros que por aqui passam.

Esta mostra junta trabalhos de 27 artistas locais, entre eles dois portugueses:

Fernando Madeira e José Drummond.

Até 19 de Março, Armazém do Boi, Macau

Extravagances



Extra agances

Onze desenhadores de moda locais apresentam os seus mais recentes trabalhos numa exposição em que se destacam as obras de Clara Brito, Margarida Marcelino, Kitty Ng Seong Im e Wanda Sousa. Outros nomes ligados à moda de Macau com participação no evento: Cheong Si Wai, Fanny Law, Loly Lo Lai Fong, Menn Chow Man San, Stella Tang, Sherry Yeung Kin Lai, e Venessa S. L. Cheah.

Até 16 de Março, Creative Macau, Macau

ConstrAction



Depois do *workshop* as obras. Esta é uma mostra de trabalhos feitos durante o atelier conduzido pelo arquitecto Nuno Soares sobre como construir o essencial para uma habitação, utilizando materiais

de construção de Macau.

O sistema "ConstrAction" foi concebido pelo arquitecto que quis divulgar o método de concepção. Os melhores trabalhos serão seleccionados e farão parte de uma exposição composta por duas vertentes: as obras de Nuno Soares e as peças dos participantes.

Até 4 de Abril, Creative Macau, Macau

A Miracle Vision

Uma exposição de trabalhos de ilustrações digitais de Américo das Neves galardoado no ano passado com o prémio 40 under 40 da revista de Hong Kong Perspectives. A lista da revista foi divulgada em Agosto do ano passado e nela constam 40 artistas do Sudeste Asiático que prometem dar nas vistas nas próximas décadas. Américo das Neves nasceu em Macau e estudou em Inglaterra no *Kent Institute of Art and Design*.

Até 30 de Abril, Creative Macau, Macau

Artefactos de Ópera Chinesa do Museu do Palácio

Esta exposição mostra valiosos objectos históricos da ópera chinesa tal como representada na corte Qing. As peças ex-



postas incluem fatos de ópera, máscaras, instrumentos musicais, discos, gravuras, partituras, textos de peças, livros e registos antigos, caligrafia e pintura e porcelana.

Num total de 180 objectos, destaca-se, por exemplo, uma veste em cetim bordada com hortênsia que remonta ao reinado de Qianlong (1736 – 1795), ideal para acentuar a maneira graciosa de uma mulher. Era por norma utilizada em papéis de concubina ou princesa.

Também em exposição um leque com uma pintura d' "A Montanha Dingjun", na qual dois exércitos trocam prisioneiros de guerra. A pintura conta a história cena a cena e cronologicamente, da direita para a esquerda.

Vê-se ainda uma armadura feminina de cetim rosa com padrão de rede dourada que apresenta colarinho alto e lapela larga, sendo forrada a tecido vermelho.

Até 15 de Março, Museu de Arte de Macau, Macau

Trabalhos com Engenho

Escultura de Ídolos Sagrados de Macau

A escultura de ídolos sagrados em madeira é um ofício tradicional que passou de geração em geração ao longo de quase cem anos, sem interrupção.

As esculturas de figuras religiosas foram



incluídas na Lista do Património Cultural Nacional Intangível da UNESCO em Junho de 2008.

O património cultural intangível, ou o "património oral/vivo", contrasta com o património tangível, uma vez que este é passível de ser fisicamente transmitido.

Até 5 de Abril, Museu de Macau, Macau

Escultura em Barro

Na China, a escultura em barro é um tipo de artesanato com visibilidade e que remonta à antiguidade, seja monocromático ou colorido. A arte do barro experimentou um desenvolvimento constante desde o Período Neolítico e na dinastia Han constituía já uma forma artística importante. Os temas principais representados são figuras humanas e animais.

Li Haohua tem uma paixão por pintura e escultura em barro desde a infância. Esculpe sapos e as suas obras são quase tão reais que deu origem à expressão "Os sapos chamam por Li".

Até 15 de Março, Casa Lou Kau, Macau

Recorte de papel

A arte do recorte de papel é frequentemente executada numa só cor e as suas técnicas variam muito. No recorte de papel, a relação entre o preto e o branco, o convexo e o côncavo varia. Os recortes podem ser classificados como "recortes de papel em relevo", "recortes de papel em entalhe" ou "recortes de papel mistos". Os temas variam muito com forte tendência para abordar os costumes populares.

Nesta arte do recorte de papel, foi Zhang Xiuzhen que criou o "recorte de papel de concepção artística", que abriu as portas para a combinação do recorte de papel tradicional com a pintura e a escultura. As suas obras têm sido muito premiadas e a artista é conhecida pela alcunha de "mulher chinesa hábil".

Até 15 de Março, Casa Lou Kau, Macau



Um Olhar sobre o Passado Fotografias antigas de Macau

Qual é a diferença entre o Macau de agora e o de há mais de meio século? É isso que pode descobrir nesta exposição que retrata um Macau desde os tempos em que tinha apenas 200 mil habitantes e as suas casas somente, dois ou três andares. Agora a cidade cresceu e a imagem que se guarda é das iluminações fluorescentes e dos edifícios de grande altura.

Nesta viagem por cento e dez fotografias tiradas ao longo do século passado, podemos revistar paisagens, momentos da vida quotidiana, acontecimentos culturais, edifícios ou mesmo vistas de ruas.

Exposição permanente, Museu de Arte de Macau, Macau

Inside Out

Vários

Um trabalho *made in Macau*, com a assinatura de um conjunto de jovens artistas locais que, recorrendo a vários meios, interrogam-se sobre os caminhos que o território está a tomar e falam dos problemas de sempre – família, amor e educação.

Com a chancela da Associação dos Criadores de Macau este projecto reúne um grupo multidisciplinar que trabalha com meios tão diversos como a música, a videografia, a fotografia, a literatura, o *design* e a promoção de arte.

O produto final esteve a ser trabalhado no último ano e inclui uma compilação musical em CD com oito temas originais, interpretados na



maioria pela banda *M7* e por um conjunto de cantores convidados. Seguindo um conceito de produto multimédia, o CD "Tune to the Heart" será vendido juntamente com um DVD e um livro de arte chamado "Enter the Mind". Este é já o terceiro projecto deste género depois do *Macau.xmas.2005* e *Untitled Chapters*, que foi lançado em 2006.

Associação dos Criadores de Macau, 2009



Tributo a Carlos Paião

Vários

Quinte anos depois da morte de Carlos Paião alguns nomes do universo musical português juntaram-se para uma homenagem.

Entre os nomes que assinam este registo estão os *Balla*, *Loto*, *Tiago Bettencourt*, *Vicious Five*, *Sam The Kid*, *Pólo Norte* ou *4Taste*. Artistas escolhidos entre a "nova geração" de músicos portugueses para "mostrar a um público mais jovem a música de Paião", segundo um responsável deste projecto, David Benasulim.

Carlos Paião compôs para *Amália Rodrigues*, *Herman José* ou *Cândida Branca Flor*. Vítima de um acidente de viação perto de Rio Maior, das 500 canções que escreveu só chegou a gravar 50, donde se destacam, além de "Play-Back", êxitos como "Cinderela", "Pó-de-Aroz" ou "Vinho do Porto".

Farol, 2008



O Coração do Homem-Bomba Vol. 2 Zeca Baleeiro

Após três anos sem lançar um álbum de inéditos, Zeca Baleeiro lança com intervalo de poucos meses dois álbuns que somam no total 27 faixas.

O mais recente trabalho é *O Coração do Homem-Bomba Vol. 2*, um álbum mais intimista que o anterior, com canções menos agitadas e musicalmente mais uniforme. Este álbum acaba por ser considerado, por muitos, o outro lado do coração do homem-bomba. *Era* é a música que abre o disco. Destaque ainda para *Pastiche* em que Zeca, como em um jogo de trava-língua, traz as brincadeiras com palavras de sonoridades parecidas, algo similar ao que o compositor já havia feito em *Samba do Approach*.

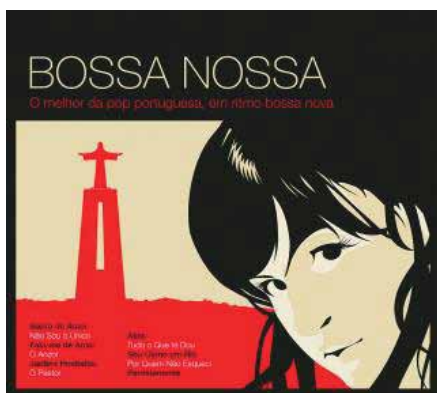
MZA Music, 2009

Boato

JP Simões

Boato foi gravado ao vivo em Novembro no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz. O registo considerado pelo autor “antológico e novo” contém, ao mesmo tempo, temas dos últimos dez anos de edições, entre versões dos *Belle Chase Hotel*, Quinteto Tati, do projecto Ópera do Falhado e do disco de estreia a solo 1970, e 12 temas inéditos. Para JP Simões, este é um trabalho de «transição» entre o que produziu até 2008 e “qualquer coisa absolutamente diferente, que anseio fazer brevemente...”. JP Simões neste momento está ainda a trabalhar numa parceria com o compositor Afonso Pais, ao mesmo tempo que prepara a banda sonora do filme *Para Onde Vou*, de Bruno Ramos.

Valentim de Carvalho, 2009



O Melhor da Pop Portuguesa, em Ritmo Bossa Nova

Bossa Nossa

A cantora brasileira Márcia Barros, radicada em Portugal há já vários anos, dá voz a este trabalho que revisita alguns dos temas mais emblemáticos da música popular escrita em Portugal. O título deste álbum faz jus ao conteúdo deste disco onde se juntam alguns dos temas mais conhecidos da pop portuguesa das últimas décadas, mas agora com novo ritmo: bossa nova.

Entre as músicas adaptadas *Bairro do amor* de Jorge Palma, *Não sou o único* imortalizado pelos Xutos, *Jardins Proibidos* de Paulo Gonzo, *O Pastor dos Madredeus*. Ainda reinventadas as músicas *Tudo o que te dou* de Pedro Abrunhosa e *Perdidamente* dos Trovante. *Sony Music Entertainment, 2009*



Braço de Prata

Tim

Este terceiro álbum a solo de Tim, nome associado de imediato aos Xutos e Pontapés, e que resulta de uma série de concertos onde o cantor experimentou novas versões para músicas já conhecidas como são *Por Quem não Esqueci* dos Sétima Legião, *Prisão em Si* dos Xutos & Pontapés, *Sobrescrito* dos Rio Grande, e *Tejo que Levas as Águas* de Adriano Correia de Oliveira. Mas nem só de músicas conhecidas vive este álbum em que Tim nos apresenta também alguns inéditos.

O nome deste trabalho é inspirado no espaço onde Tim se juntou ao guitarrista Moz Carrapa para os ensaios de alguns concertos de organização do segundo disco a solo: o espaço *Ler Devagar da Fábrica Braço de Prata*, em Lisboa.

Universal Música Portugal, S.A., 2008



Mundo de Cartão

andré sardet

Mundo de Cartão

André Sardet

Com o cantor voltamos à infância, a um mundo guiado pela imaginação, pela linguagem simples e pelas mensagens mágicas que só as crianças sabem transmitir. O quarto de brinquedos é o cenário principal deste mundo onde apenas um adulto consegue chegar.

Num mundo imaginário, onde inúmeras personagens vivem as suas aventuras e experiências da infância, André Sardet reencontra-se com as memórias de infância de todos nós e com um ambiente fantástico que acolherá todo o vasto público do artista.

Para a apresentação deste trabalho, o cantor criou uma Companhia com bailarinos, teatro aéreo, malabaristas, palhaços e mimos, que em palco prometem cativar público de todas as idades.

Farol, 2008

Companhia das Índias

Rui Reininho

Após uma carreira de mais de 20 anos com os GNR, Reininho decidiu libertar-se e embarcar numa aventura a solo.

Companhia das Índias tem a marca de Reininho e conta ao todo com 13 canções que apresentam muitos dos argumentos que deram ao vocalista português um título maior entre os grandes do caleidoscópio *pop* nacional.

Este álbum conta com a colaboração de artistas como Rodrigo Leão, Paulo Furtado (The Legendary Tigerman), Armando Teixeira (produção), Slimmy, JP Coimbra (Mesa), Alexandre Soares, Margarida Pinto (Goldfinger) e New Max (Expensive Soul). *Companhia das Índias* é o primeiro álbum a solo de Rui Reininho.

Sony Music Entertainment, 2008



Ar Puro

Super Mama Djombo

Apesar do desconhecimento de muitos, os *Super Mama Djombo*, são uma das bandas de referência de música Africana, da África Ocidental e agora a melhor da Guiné-Bissau. Iniciaram o seu percurso musical em 1968 e foram eles a banda que deu os primeiros gritos, aquando em 1973 se deu a independência da Guiné-Bissau.

Apesar de serem uma referência no panorama de música Africana dos anos 70, apenas em 1980 foram para estúdio e Lisboa foi a cidade que viu nascer essas gravações, que mais tarde seriam editados em 5 LP diferentes.

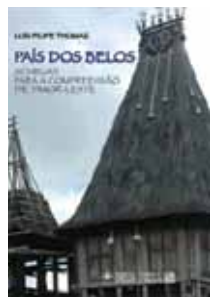
Ar Puro foi gravado na Islândia, nos estúdios dos Sigur Rós. As misturas do disco ficaram a cargo de Birgir Jon Birgisson e Ken Thomas, ambos produziram três álbuns dos *Sigur Rós*.

Abílio Silva e Semanas, Lda., 2008

LIVROS

País dos Belos

Filipe Luis Thomaz



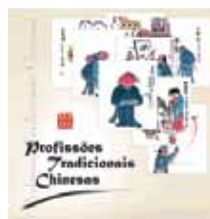
Embora sem um fio condutor esta obra, segundo o próprio autor, percorre “um largo percurso, que começa com a história cultural, económica e política de Timor, desde os mais remotos tempos aos trágicos

acontecimentos de 1975”. O livro percorre, por isso, as sucessivas colonizações e descolonizações do Sueste Asiático para terminar com um balanço da governação indonésia. Neste trabalho um dos capítulos é dedicado à presença de comerciantes chineses em Timor-Leste e à sua importância para a economia local. Nele ficamos a saber, por exemplo, que em Díli os chineses representam mais de um terço da população da cidade e tem em mãos cerca de 98 por cento dos estabelecimentos de comércio de retalho.

Esta obra tem prefácio de Ximenes Belo, bispo emérito de Díli e Prémio Nobel da Paz. *IPOR e Fundação Oriente, Macau, 2008*

Profissões Tradicionais Chinesas

Vários autores



Numa altura em que a globalização tomou conta do mundo, muitas tradições estão em vias de desaparecer tais como certos ofícios, antes passados de geração em geração e que hoje, muitos,

já não são mais que meras recordações. É sobre estes velhos ofícios chineses que este livro se debruça.

Esta visita é conduzida por um ex-leitor da Universidade de Pequim que tenta assim apresentar, de forma simples a multifacetada, uma realidade da cultura chinesa.

IPOR, Macau, 2008

Contos e Lendas de Macau

Alice Vieira



Trata-se de uma obra que foi reconhecida com Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças 1994.

A obra de Alice

Vieira foi inicialmente editada em seis volumes pelo Instituto Cultural de Macau, em 1988, e viria a ser recuperada pela Editorial Caminho em 2002.

Agora a obra *Contos e Lendas de Macau* surge em áudio-livro em dois CDs nas vozes de Maria do Céu Guerra, Rita Fernandes e Susana Costa.

Esta nova edição foi distinguida com o Prémio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – Henriqueta Lisboa, como o melhor de literatura em Língua portuguesa na categoria de livros de infância e juventude publicados no Brasil em 2006.

IPOR, Macau, 2008

O Papagaio do Juninho

Manuela Noronha



Na autoria de Manuela Noronha, este foi um trabalho que venceu o Prémio Literário Sophia de Mello Breyner do Instituto Português do Oriente

em língua portuguesa. Segundo a autora em nota publicada no livro, este é um conto infanto-juvenil de “Macau e das suas gentes”, numa tentativa de “(re) construir da memória de um passado presente, a aventura sobre a “união entre os homens”.

IPOR, Macau, 2008

Construindo quatro contos de Natal

Alunos da Escola Portuguesa

Este é o resultado de um desafio lançado pelas professoras Zélia Mieiro e Marinela Ferreira a 90 alunos dos quinto e sexto anos da Escola Portuguesa de Macau (EPM).

O projecto, escrito e ilustrado pelos alunos, desenvolveu-se a partir de caixas com envelopes que continham “ideias” para os contos de Natal e transporta-nos para o universo de fantasia das crianças: personagens com nomes estranhos como Papiirus e localidades imaginárias. No fundo, cem páginas de fantasia, de criatividade e de esperança num mundo melhor.

A edição do conjunto de trabalhos dos alunos contou com o apoio dos Serviços de Educação da RAEM e a receita da venda da obra vai servir para continuar outros projectos na área de integração.

EPM, Macau, 2008

Macau – a Festa e a Mesa

Fernando Sales Lopes



O livro de Fernando Sales Lopes refere-se ao Natal, ao Entrudo, à Páscoa e ao fim de ano, festas comemoradas pela comunidade macaense e

essencialmente do calendário cristão.

Com base em recolha documental, revisão da literatura macaense, inquéritos e entrevistas a que se juntaram algumas receitas para o tornar permanentemente saboroso, *Macau – A Festa e a Mesa* pretende, segundo as palavras de Sales Lopes, “partilhar com os leitores interessados as vivências da comunidade macaense, e traços da sua cultura própria de Macau, enraizada no tempo, desde a fundação desta Pérola, na foz do Rio das Pérolas.” As receita das vendas do livro do jornalista/escritor reverterá a favor da construção de um infantário em Bauró, Los Palos, Timor-Leste.

Casa de Portugal, Macau, 2008

Macao's Church of Saint Paul

César Guillén Nunez

As Ruínas de São Paulo são um ex-libris de Macau e talvez o mais visitado e fotografado monumento do território. Em 1835, já depois da expulsão dos jesuítas, um violento incêndio destruiu quase na totalidade da Igreja. Hoje resta apenas a fachada já recuperada por artistas chineses e japoneses. Além da riqueza histórica, as Ruínas são também um resquício da arquitectura barroca na China e um marco da introdução do estilo barroco no país. Na fachada há imagens da Virgem e de alguns Santos, símbolos do Paraíso e da Crucificação, anjos e o demónio, um dragão chinês e um crisântemo japonês, uma caravela portuguesa e inscrições religiosas em chinês.

A igreja foi construída em 1602, junto do

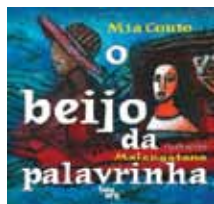
Colégio Jesuíta de S. Paulo, a primeira universidade de tipo ocidental no Extremo Oriente.

A fachada de pedra trabalhada foi construída entre 1620-27 por cristãos japoneses exilados e artistas locais sob a orientação do jesuíta italiano Carlo Spinola.

Hong Kong University Press, Hong Kong, 2008

O Beijo da Palavrinha

Mia Couto



Mia Couto conduz-nos ao interior da sua Moçambique, mais propriamente ao local onde vive uma menina que nunca

tinha visto mar. A menina é Maria Poeirinha que vivia “numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha fim nem foz”.

Um dia Maria Poeirinha adoeceu e o Tio Jaime Litorânio diz que só o mar, que ela nunca vira, a poderia curar. Mas a menina estava demasiado fraca para a viagem, valendo-lhe o irmão Zeca Zonzo que encontrou o modo de a levar a conhecer o mar.

As ilustrações são de Danuta Wojciechowskam que, nesta obra, valoriza a cultura autóctone caracterizada pelos seus trajes típicos como cordões e ornamentos na cabeça.

Caminho, Lisboa, 2008

Ofício Cantante Poesia Completa

Herberto Helder



Para além de poemas inéditos e outros re-trabalhados, este novo volume inclui ainda todos os textos que constavam de *A Faca Não Corta o Fogo* – sùmula & inédita, lançada em finais de 2008, e

que desencadeou uma procura desenfreada às livrarias, depois de Herberto Helder não autorizar uma reedição do livro. Na livraria Poesia Incompleta, em Lisboa, chegou a decorrer um leilão de um exemplar do último livro de Herberto Helder.

O autor recupera agora o mesmo título para a sua poesia completa que tinha utilizado em 1967. Na altura, Herberto Helder publicou na colecção *Poetas de Hoje*, na Portugália Editora, um livro que reunia alguns poemas seus, a que deu o nome de *Ofício Cantante*.

Assírio & Alvim, Lisboa, 2009

A China Obriga-nos a Mudar?

Carlos Frescata



Os argumentos do autor são no mínimo inovadores e também polémicos, mas acima de tudo são ideias optimistas quanto ao futuro comum e ao papel que a China

poderá desempenhar.

Na opinião do autor, dentro de pouco tempo, pressionados pela crise dos recursos naturais, Ocidente e Oriente vão encontrar-se “de olhos nos olhos, de igual para igual”. Pelo que o autor questiona se será que deste “encontro com o outro” resultará uma nova ordem internacional, equilibrada e pacífica, com a China assumindo o estatuto de superpotência dominante?

Carlos Frescata chegou à China em 1992, numa viagem de investigação para o seu doutoramento em engenharia agrónoma que concluiu no Instituto Superior de Agronomia na Universidade Técnica de Lisboa. Em 1996 fundou em Pequim aquela que foi talvez a primeira empresa 100% portuguesa neste país *Beijing Biosani* filha da sua empresa *Biosani*, de Palmela.

Esfera do Caos, Lisboa, 2008

Frank Ziegler

Francês de coração e cidadão do mundo por paixão, Frank Ziegler, vice-director do departamento de operações culinárias, é um *chef* que se dedica a proporcionar ideias para os eventos gastronómicos dos vários restaurantes do *casino-resort Wynn Macau*

O que o trouxe a Macau?

Macau deu-me a oportunidade de me instalar na Ásia, um grande sonho antigo. Sempre tive um imenso respeito pela cultura asiática e sempre me senti confortável nela. Macau oferece esse lado cultural, além de me dar, em termos profissionais, a oportunidade de trabalhar nos melhores hotéis. E a oportunidade apareceu justamente nesta cidade!

Como *chef*, qual é a experiência que mais o marcou?

Que marcou e ainda marca – poder viajar e dar a volta ao mundo, literalmente, para trabalhar. E quanto me desloco, trabalho com os melhores produtos e ingredientes que cada local tem disponíveis. Outra das grandes experiências é poder partilhar pratos e sabores com os meus colegas e clientes.

Como encara a recente explosão de restaurantes em Macau?

Não tenho dúvidas em como Macau se está a transformar num destino cada vez mais ligado à culinária, e em alguns casos, à alta-culinária, com visitantes a deslocarem-se cá simplesmente por causa dos seus restaurantes. E para os profissionais do sector, são cada vez menos os desafios ‘impossíveis’, já que quando nos propomos um repto,

conseguimos levá-lo avante. Os clientes mais exigentes conseguem encontrar em Macau experiências únicas e extraordinárias, não só proporcionadas pela gastronomia local, através da cozinha cantonense e macaense, mas passando pela cozinha de autor, alta-cozinha ou mesmo cozinha internacional.

Qual é o seu local favorito para um jantar?

Como ainda estou em Macau há pouco tempo, não posso indicar um local, mas sou “adicto” a tudo que seja de qualidade. Os pastéis de nata e a comida macaense conquistaram-me e fazem parte da minha lista de favoritos.

Se não fosse *chef*, que outra profissão teria seguido?

Teria sido um artista gráfico, como o meu pai. Herdei o seu talento, mas como não sou pessoa de me sentar e manter-me inactivo numa cadeira muitas horas por dia e cinco dias por semana, optei por não seguir essa carreira. Também gostaria de ter sido um piloto de automóveis de corrida, já que competir faz parte da minha personalidade. Aprendi a lidar com o medo muito novo, por isso testar os limites das minhas capacidades e saber quando parar. ■





edição de Dezembro

Onde pode encontrar a Revista MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD 13.00



delta edições

Não inclui portes de correio. Vendas online em www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp